

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

**OS MOVIMENTOS SEMÂNTICOS E AS NUAÇAS DE
COMPANHIA QUE EMERGEM DA LINGUAGEM NA MÍDIA
IMPRESSA.**

Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Lingüística da
Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do título de Doutor em
Letras (Área de Concentração: Lingüística Teórica)

pela doutoranda

SUZANA APARECIDA DIAS DE OLIVEIRA DA ROCHA

Florianópolis/SC

2003

Esta tese foi julgada adequada para obtenção do grau de Doutor em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Dr. Heronides M. de Melo Moura
Coordenador

Apóstolo T. Nicolacópulos, Ph.D
Orientador

Dra. Avani T. de Oliveira
Co-orientadora

Apresentada à Banca Examinadora:

Apóstolo T. Nicolacópulos, Ph.D.(UFSC)

Dra. Avani T. de Oliveira (UFRGS)

Dra. Maria da Graça A de Oliveira(UNIVILLE)

Dr. Paulo Coimbra Guedes(UFRGS)

Dra. Maria Marta Furlanetto(UNISUL)

Dra. Roberta Pires de Oliveira(UFSC)

O tempo é sempre o nosso grande aliado: ele nos permite repensar, retomar, modificar, reconstruir, seguir... É dessa forma que aprendemos,

crecemos e produzimos; as dimensões do tempo nos orientam no decorrer da vida, pois o ontem compreende a história que experienciamos e que projeta o quanto foram válidos os desafios que enfrentamos. Em algum lugar, que promove o encontro entre mito, magia e verdade, deve estar escrito que tudo nos serve como subsídios para que possamos seguir em frente; o amanhã guarda os anseios, as expectativas, que de acordo com os efeitos do aprendizado fomos e continuamos sendo capazes de aprimorar, mas de qualquer jeito é futuro, por isso é nele que inscrevemos os sonhos e as aspirações que idealizamos; o hoje, este sim é a fase da colheita, já que permite vivenciar os projetos estabelecidos e, mais que isso, lutamos para vê-los concretizados, aqui podemos prever a fusão da objetividade com a subjetividade, da singeleza com a complexidade, da razão e da emoção e do amor que empenhamos nos atos que empreendemos, ainda que em situações adversas. Eles refletem o que nos tornamos, a partir do aprendizado. Ainda que pese todo o esforço, o empreendimento é sempre grandioso, por vezes, esmorecemos, mas a reação é imediata e nos faz prosseguir... Os óbices que se colocam só fazem fortalecer as convicções que acalentamos e que transformamos no signifazer de nossas ações.

Foi dessa forma que enxerguei a persistência com que te ativeste diante do desafio e do empenho na consecução do teu projeto, por isso acredito que hoje estejas, juntamente com a tua família, recebendo um grande PRESENTE, e a idéia de presente aqui é amplamente polissêmica, além de metaforizar as noções de tempo e de algo que se ganha, no teu caso, que se conquista...

Com o meu reconhecimento pela tua determinação. Só assim se atribui o valor verdadeiro às causas nas quais acreditamos.

Avani

SINOPSE

O presente estudo trata *dos movimentos semânticos e das nuances de companhia que emergem da linguagem na mídia impressa*. Investiga o tratamento da noção de *companhia/acompanhamento* a partir da Teoria de Casos, subsumida pela Semântica Relacional, concentrando-se no modelo Semântico-pragmático utilizado por Nicolacópulos (1992), Nicolacópulos et alii (1995, 1998 e 1999), ancorando nos modelos formulados por Charles Fillmore (1968, 1971, 1975), também desenvolvidos por Wallace Chafe (1970), John Anderson (1971) e redimensionados por Walter Cook (1979, 1989). Assenta-se na noção de Cenas de Fillmore (1977), expandindo sua abrangência com vistas a dimensionar uma articulação de caráter pragmático-discursivo, compatível com as perspectivas de análise e de interpretação a que se propõe. Os postulados da escola de Análise do Discurso de filiação francesa e a perspectiva Pragmática de dimensão enunciativa compõem o quadro complementar ao referencial adotado, que favorece a análise e interpretação das cenas dos textos jornalísticos. A partir da hipótese de que as teorias são compatíveis, procede-se à análise num corpus de 69 cenas, dentro do universo jornalístico, onde estão abrigadas as microcenas que se enunciam como comitativas. O trabalho considera o enunciado como o lugar de abrigo das cenas e interpreta a microcena que coloca em perspectiva (*foreground*) o verbo/predicador do campo semântico comitativo (*Com*), e o que atua como coadjuvante, no pano de fundo, na interação pragmático-discursivo do contexto focalizado, mas permanece no background da microcena. Conclui-se que os investimentos metafóricos, que assinalam transposição de campo semântico, especialmente o campo semântico *locativo*, são bastante recorrentes, dada a natureza de dinamicidade da lingua(gem). O processo de análise (na última seção desta pesquisa) procura demonstrar, também, a extensão de sentidos que o predicador locativo promove em direção ao campo semântico que privilegia nuances de companhia.

ABSTRACT

The present study discusses *semantic movements and the nuances of company that emerge from language in written news reports*. Investigating the

treatment of the notion of *company/accompaniment* through Case Theory, incorporated into Relational Semantics, the study concentrates on the semantic–pragmatic model used by Nicolacópulos (1992), Nicolacópulos et al (1995, 1998 and 1999), whose tenets stem from Charles Fillmore’s models (1968, 1971, 1975), and which have also been further developed by Wallace Chafe (1970), John Anderson (1971) and yet further redimensioned by Walter Cook (1979, 1989). Based on Fillmore’s (1977) notion of scenes this work broadens its scope with the intention of formulating an articulation of pragmatic – discursive character, compatible with the perspectives of analysis and interpretation herein proposed. The postulates of the French School of Discourse Analysis and the perspectives of enunciating pragmatics complement the above mentioned theories adopted, facilitating the analysis and interpretation of the scenes taken from journalistic texts. Under the hypothesis that these theories are all compatible, the analysis is carried out on a corpus of 69 scenes from within the journalistic universe, where comitative microscenes are sheltered. This work considers an utterance as the shelter for scenes and interprets the comitative microscene as one foregrounding the verb-predicator of the comitative semantic domain (*Com*), and acts as a complement, in the background, in the pragmatic – discursive interaction of the context in focus, but remains in the background of the microscene. It can thus be concluded that the metaphorical investment, which unveils the transposition from one semantic domain, especially the *locative* semantic domain, is very much present, owing to the dynamic nature of language. The process of analysis in the last section of this research also pleads to demonstrate the extension of meanings that the locative predicator promotes in the direction of the semantic domain that privileges nuances of company.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
1.1. CONCEPÇÃO DE SEMÂNTICA.....	13
1.2. SEMÂNTICA RELACIONAL.....	19
1.3. TEORIA DE CASOS	20
1.3.1.CHARLES FILLMORE (1968).....	20
1.3.2.CHARLES FILLMORE (1971).....	26
1.3.3.WALLACE CHAFE (1970).....	29
1.3.4.JOHN ANDERSON (1971)	31
1.3.5.WALTER COOK (1979,1989).....	33
1.3.6.APÓSTOLO T. NICOLACÓPULOS ET ALII (1995).....	35
1.3.7.TEORIA DOS CASOS NÃO-MANIFESTOS.....	40
1.3.8. CAUSATIVIZAÇÃO.....	48
1.3.9.ACEPÇÃO DE CENAS.....	52
1.2.10. PREDICADOR FOCADO NA PESQUISA.....	58
1.4. PROCESSO DE METAFORIZAÇÃO.....	62
1.5. O TEXTO JORNALÍSTICO.....	80
CAPÍTULO II – TEORIAS COMPLEMENTARES.....	84
2.1. DIMENSÃO DISCURSIVA.....	84
2.2. DIMENSÃO PRAGMÁTICA.....	91
CAPÍTULO III – METODOLOGIA	100
3.1. ARTICULAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA.....	100

3.2. OPERACIONALIZAÇÃO DOS TERMOS.....	112
3.3. CARACTERIZAÇÃO DO CORPUS.....	121
3.3.1.ETAPA PILOTO.....	121
3.3.2.COLETA DO CORPUS.....	122
CAPÍTULO IV – PROCESSO DE ANÁLISE	123
4.1. ANÁLISE DE VERBOS/PREDICADORES COMITATIVOS BÁSICOS...	123
4.2. ANÁLISE DE VERBOS/PREDICADORES COMITATIVOS METAFORIZADOS.....	134
4.3. APRECIÇÃO DOS RESULTADOS.....	193
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	199
BIBLIOGRAFIAS.....	204
ANEXO.....	213

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Triângulo de Ogden e Richards.....	
Figura 2 – Trapézio de Heger.....	
Figura 3 – Signo lingüístico	
Figura 4 – Paradigma do lexema <i>misturar</i>	
Figura 5 – Noção de caso na GC de Fillmore (1968).....	
Figura 6 – Ordem dos casos em Fillmore (1968)	

Firgura 7 – Ordem dos casos em Fillmore (1971)	
Figura 8 – Tipos de verbos em Fillmore (1968)	
Figura 9– Diagrama arbóreo em Fillmore (1971).....	
Figura 10 – Lista de casos em Fillmore (1971).....	
Figura 11 – Evolução da teoria Fillmoreana	
Figura 12 – Tipos de verbos em Chafe (1970).....	
Firgura 13 – Lista de casos em Anderson (1971).....	
Figura 14 – Estrutura semântica em Cook.....	
Figura 15 – Esquema casual em Cook.....	
Figura 16 – Modelo matricial de Cook.....	
Figura 17 – Casos do modelo semântico-pragmático utilizado	
Figura 18 – Tipos de verbos – Nicolacópulos et alii	
Figura 19 – Classificação dos verbos	
Firgura 20 – Casos não-manifestos em Fillmore (1971).....	
Figura 21 – Casos correferentes segundo Cook (1979).....	
Figura 22 - Protótipo do Evento comercial segundo Fillmore (1975).....	
Figura 23 – Hierarquia de saliência na teoria de Fillmore.....	
Figura 24 – Diferentes visões sobre o processo de Metáfora	
Figura 25 – Processo metafórico	
Figura 26 – Articulação do texto jornalístico	
Figura 27 – Quadro das ADs.....	
Figura 28 – Constituição epistemológica da AD segundo Pêcheux (1988).....	
Figura 29 – Articulação do texto jornalístico no contexto da AD	
Figura 30 – Triângulo dêitico	
Figura 31 – Quadro das correntes Pragmáticas.....	
Figura 32 – Tripartição da Semiótica na concepção de Morris.....	
Figura 33 – Atos de Fala segundo Searle (1979).....	
Figura 34 – Lista de verbos/predicadores básicos e metaforizados	
Figura 35 – Quadro lexicográfico.....	
Figura 36 – Verbos/predicadores comitativos de sentido básico para outros campos semânticos.....	
Figura 37 – Verbos/predicadores metaforizados vindos de outros campos semânticos em direção ao campo semântico comitativo.....	
Figura 38: Gráfico de verbos predicadores de sentido básico.....	
Figura 39: Gráfico de verbos predicadores comitativos metaforizados.....	

- Figura 40 – Gráfico de verbos predicadores de outros campos semânticos em direção ao comitativo.....
- Figura 41 – Gráfico de número de ocorrências com verbos predicadores comitativos resultantes de metaforização.....

LISTA DE ABREVIATURAS

- | | |
|-------|-----------------------|
| AD | - Análise do Discurso |
| Agt/A | - Agente/Agentivo |
| Apag | - Apagado |

Ben/B	- Benefactivo/Beneficiário
Com/C	- Comitativo
Exp/E	- Experimentativo/Experienciador
GC	- Gramática de Casos
Hol/H	- Holístico
Lex	- Lexicalização
Loc/L	- Locativo
Met	- Meta
Obj/O	- Objetivo/Objeto
Org	- Origem
Tem/T	- Temporal/Tempo
P	- Proposição
V	- Verbo
VS	- Valência Semântica

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa inscreve-se sob a égide de três teorias: uma que delinea o quadro teórico no qual se insere o tratamento de *predicadores comitativos*, assentado na teoria de casos, incluindo a noção de cenas, formulada por Charles Fillmore (1968,1971,1975 e 1977), trafegando pelas vertentes localista e não-localista da teoria explicitada nos modelos que desenvolve; além dele, Wallace Chafe (1970); John Anderson (1971); Walter Cook (1979,1989) e Apóstolo Nicolacópulos et alii (1995,1998,1999); e as outras que tratam das teorias

complementares, as quais considero fundamentais para a articulação teórico-metodológica do trabalho: análise do discurso e pragmática. No âmbito dessa abordagem, tanto a análise do discurso quanto a pragmática são tratadas como teorias subsidiárias ao aporte teórico da Gramática de Casos. Essa interação irá favorecer o processo de análise, devido ao fato de os dados serem analisados dentro do contexto jornalístico, que leva em consideração a exterioridade dessas cenas(cenário) nas quais o corpus da pesquisa assume seu caráter semântico-pragmático e discursivo, de modo que a cena se configura como enunciado, cuja dimensão ficará constituída de ponto a ponto nas editorias política, econômica e policial da linguagem jornalística, especificamente a Folha de S.Paulo, durante o ano de 1997.

Dada a natureza do trabalho, delineei, como hipótese básica, que a relativização dos significados (expressos através dos casos, que manifestam os papéis semânticos) a cenas, a recortes de situação, assumirá melhor eficácia com a articulação das teorias de casos, no contexto semântico de dimensões pragmático-discursivas, a fim de viabilizar a interpretação das predicções, quer sejam básicas, quer sejam metaforizadas. Também as que se referem às neologias de sentido contribuem para a ampliação das condições de percepção do contexto interativo, ou seja, do contexto jornalístico, onde novos efeitos de sentido são produzidos constantemente.

A opção pelo estudo das predicções *comitativas* justifica-se pelo fato de não existir estudo exaustivo de verbos/predicadores comitativos, que expressam sentido de *companhia/acompanhamento* na língua portuguesa; e de não se ter referências em relação às metaforizações de verbos/predicadores comitativos no âmbito contextual dos enunciados, especialmente nesse gênero discursivo integrante da língua viva, o texto jornalístico.

Suponho que os modelos teóricos referenciados serão capazes de *conversar entre si*, favorecendo a sustentação que busco para o desenvolvimento deste estudo. Assim, a abordagem que me proponho a desenvolver pretende avaliar as seguintes hipóteses:

- (i) as predicções/proposições comitativas integram o rol das predicções/proposições da língua portuguesa, ao lado das predicções/proposições básicas (que denotam estado, processo ou ação), experimentativas, benefactivas, locativas, temporais e holísticas (percebidas estaticamente, processual ou agentivamente);
- (ii) existem predicções/proposições comitativas que são percebidas como experimentativas, benefactivas, locativas, temporais, etc., devido à ação de elementos pragmático-discursivos que acarretam mudança dos papéis argumentais que são representados pelos casos;
- (iii) existem predicções/proposições experimentativas, benefactivas, locativas, temporais, etc., que são percebidas como comitativas, devido à ação de elementos pragmático-discursivos que acarretam mudança dos papéis argumentais representados pelos casos;
- (iv) o predicador locativo será o caso mais recorrente na língua portuguesa, independente de seu campo semântico de origem.

Para esse estudo adotarei metodologia criteriosa para viabilizar o *encontro* do leitor com a dimensão textual e contextual da abordagem aqui proposta. Esta pesquisa será organizada em cinco capítulos, sendo que o primeiro abordará a teoria que atua como referencial significativo dessa abordagem; no segundo, serão abordados noções de teorias que atuarão como complementares: pragmática e análise do discurso; o terceiro capítulo dará conta da metodologia, organizada à luz dos pressupostos integrados, que fornece a operacionalização dos termos, incluindo a caracterização do corpus, bem como a definição de estratégias para sua realização; o quarto capítulo traz o processo de análise propriamente dito, que será feito com base na articulação promovida; o quinto, e último, capítulo será das considerações finais, pontuando-se aí os fatores relevantes da investigação realizada, a partir das hipóteses que nortearam a consecução desse estudo.

A pretensão aqui é coletar, analisar, demonstrar, refletir, suscitar discussão acerca dos movimentos semânticos e das nuances de *companhia* que emergem da linguagem na mídia impressa, a fim de ratificar o fascínio de uma investigação que conduz o ser humano a testar as suas próprias crenças quando se vê diante de desafios que o instigam a pensar, a planejar, a buscar e a sonhar com horizontes que podem ser vislumbrados neste universo que emparelha os processos de reflexão e o encantamento que existem no mundo dos homens ao construírem suas expectativas e suas histórias.

CAPÍTULO I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. CONCEPÇÃO DE SEMÂNTICA

Em 1897, Bréal usou pela primeira vez a palavra Semântica, com o objetivo de denominar o estudo da alteração da significação das palavras. Era, portanto, uma semântica essencialmente diacrônica, e também chamada

Semântica Histórica. Somente a partir de Saussure temos o que caracteriza a semântica moderna: o estudo sincrônico do significado. De fato, foi a partir da sistematização do signo que os estudos lingüísticos começaram a empreender esforços com vistas a formalizar também o estudo do significado. Mas os estruturalistas, sobretudo os seguidores de Bloomfield, negaram tal possibilidade. Nas décadas de 50 e 60, poucos acreditavam no valor científico da palavra, se vista como unidade semântica. Alguns poucos tentaram reagir, como Ullmann: “A precisão científica teria um preço alto demais se isso significasse a marginalização da face semântica da linguagem” (BIDERMAN, 1978, p.114).

A gramática gerativo-transformacional deu primazia à sintaxe. Chomsky tentou deixar de lado uma teoria semântica da estrutura gramatical. Embora incluísse o léxico na gramática (para caracterizar toda a competência lingüística do falante-ouvinte), pouca atenção foi dada ao significado das palavras e das frases. Para uma Gramática como a de Chomsky, apoiada na Lógica Matemática, é importante que a frase seja gramatical do ponto de vista sintático.

Mas foi justamente essa gramática – com a valorização da estrutura subjacente – que chamou a atenção para os estudos semânticos. Como a estrutura sintática profunda fosse a encarregada de receber a interpretação semântica, Katz e Fodor (1963) e Katz e Postal (1964) tomaram posição contrária, e novas soluções foram apresentadas, em seguida, também pelos semânticos gerativistas. Os seguidores de tal corrente concebem uma estrutura semântica profunda, muito mais distanciada da estrutura de superfície. A partir daí, os estudos semânticos começaram a tomar maior vigor, e hoje já podemos mesmo afirmar, concordando com Leech (1981, p. 59), *que a Semântica é uma ciência*.

Deve-se tal conquista à concepção de signo, por Ferdinand Saussure. No seu “Cours” (1916), aparece pela primeira vez a noção de Signo Lingüístico (até então englobado nos conceitos de símbolo, índice, ou sinal). Para o mestre genebriano, o signo une, indissolivelmente, um *significante* (imagem acústica) a um *significado* (conceito). Sendo os signos essencialmente psíquicos, a imagem

acústica não é um som material, mas a impressão psíquica do som. Quanto ao significado, também psíquico, Saussure o define como sinônimo de Conceito.

Uma das características do signo, ou melhor, do laço que une o significante ao significado, é o fato de ser arbitrário. No entanto, o próprio mestre ressalta que o Significado não depende da livre escolha do que fala: o indivíduo não tem o direito de trocar coisa alguma num signo, uma vez esteja ele estabelecido num grupo lingüístico. Assim, a relação se torna necessariamente arbitrária entre o signo lingüístico (significante/significado) e a realidade extra-lingüística, mas dentro do sistema ao qual pertence passa a ser motivado (SAUSSURE,1973, p. 83).

A partir de Saussure, vários estudos têm sido empreendidos, quer modificando, quer ampliando a concepção diádica (significante + significado) do signo. Ogden e Richards (1929) incluíram, no seu triângulo, o referente:

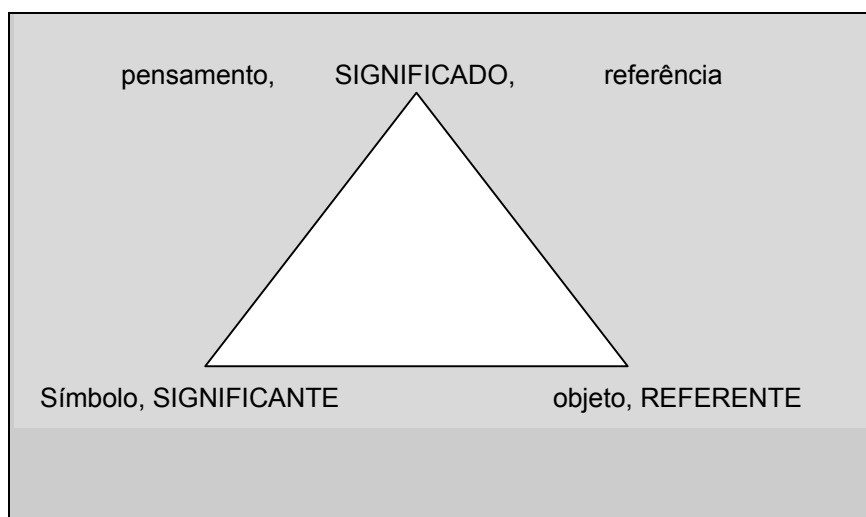


Figura 1 – triângulo de Ogden e Richards (1929)

Tal ampliação, porém, não dá conta ainda de precisar o signo lingüístico, uma vez que não pode explicar a polissemia (vários significados para apenas um significante).

Não havendo correspondência bi-unívoca entre o significante e o significado, o Signo Lingüístico continua a oferecer dificuldades. Talvez a proposição do trapézio, por Heger, possa melhor mostrar a polissemia lingüística:

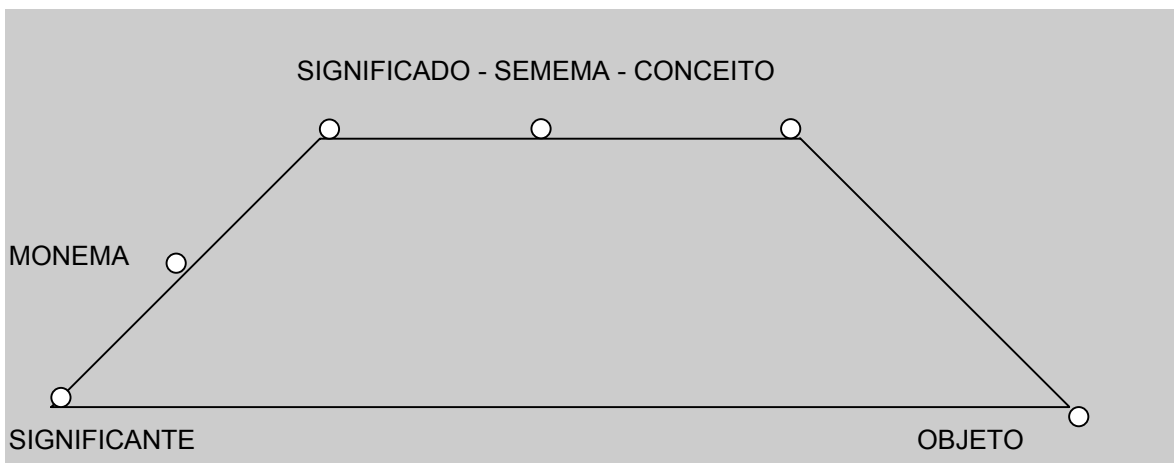
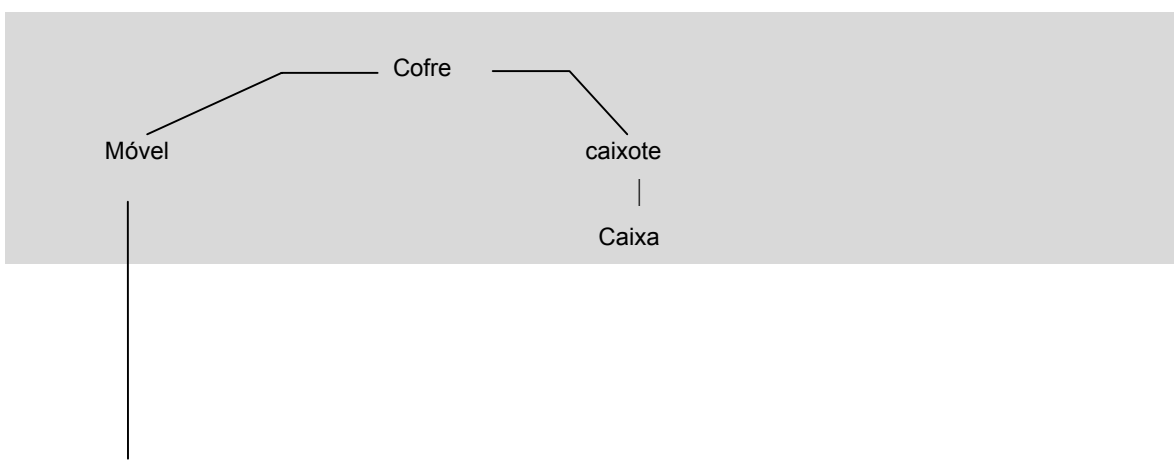


Figura 2 – trapézio de Heger

Esse modelo possui várias vantagens: pode-se, por meio dele, perceber melhor a relação que une significado e significante, bem como a polissemia lingüística com a apreensão dos traços mínimos do significado, os semas, que irão constituir os sememas.



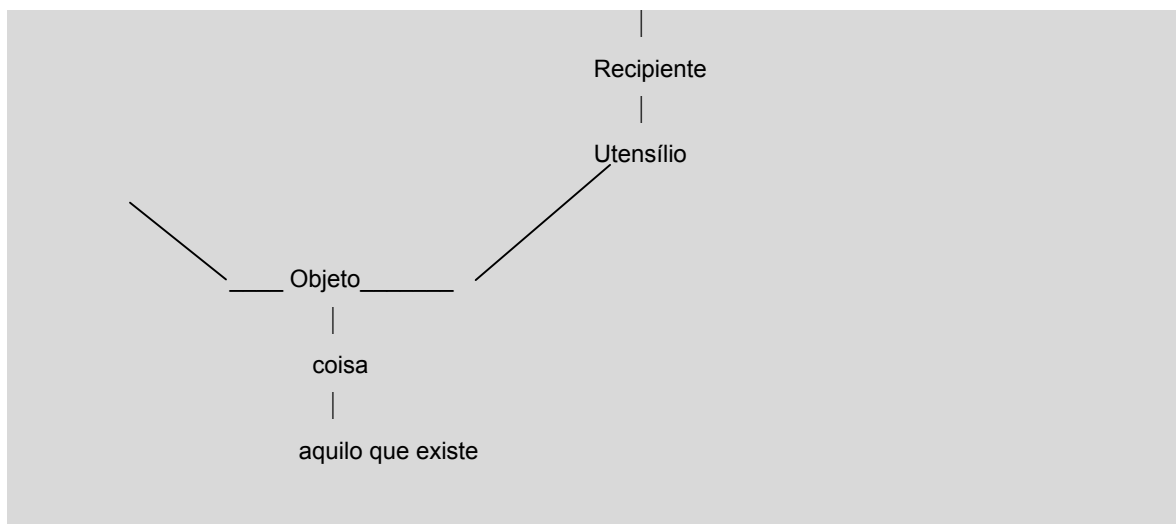


Figura 3 – signo lingüístico

A figura 3 mostra bem a maneira pela qual um semema pode ser posto em correlação com diversos subconjuntos disjuntos.

Analisando o enunciado:

*Você está de óculos 3-D. De repente, atores de verdade saem da tela e se **misturam** à platéia.* (F.S.P1,15.05.97:3-2)

Ao destacar-se o lexema *misturar*, cuja definição, no dicionário Ferreira (1999), é *confundir-se, juntar-se, unir-se, mesclar-se, fundir-se, embaralhar, entremear, reunir, cruzar* estabelece-se a presença dos semas como mostra o quadro abaixo:

PARADIGMA ↓ EIXO ASSOCIATIVO ↓ SEMAS	<ul style="list-style-type: none"> - confundir-se - juntar-se - unir-se - mesclar-se - fundir-se - embaralhar - entremear - reunir
--	--

	- cruzar
--	----------

Figura 4 – paradigma do lexema *misturar*

No enunciado “... e se ***misturam*** à platéia”, para o lexema *misturar* estão sendo atualizados os seguintes semas: juntam-se; unem-se.

Estes semas *manifestam-se* no paradigma, mas podem ser transportados por similitude ao sintagma em que se encontra o lexema *misturam* substituindo-o por associação.

Hjelmslev (1975) deu o primeiro impulso no sentido de precisar o que hoje se denomina *traços semanticamente pertinentes* – segundo ele, uma unidade *carro*, por exemplo, é semanticamente decomponível em unidades de significação menores: veículo + tração por motor + quatro rodas + para o transporte de pessoas, traços comutáveis entre si separadamente. A análise componencial valeu-se, em suas linhas básicas, desse princípio.

O sentido de uma palavra só se deixa definir por uma média entre, por um lado, o uso lingüístico, e, por outro lado, os indivíduos e os grupos de uma mesma comunidade. Para Hjelmslev, a significação, além de decorrer do contexto, só existe com relação a ele: considerado isoladamente, signo algum tem significação. Toda significação de signo nasce de um contexto, quer entenda-se por isso um contexto de situação ou um contexto explícito, o que vem a dar no mesmo.

O processo de significação tem origem no âmbito comunicativo, subjacente à enunciação, pois existe uma imbricação entre o conhecimento dos enunciadores e o contexto de referência em que atuam: a eficácia da significação depende da contextualização dos fatos, de suas circunstâncias e de seu engajamento

histórico. Por essa razão, o estudo da significação precisa levar em conta elementos que extrapolam a dimensão do sistema lingüístico e que também intervêm na constituição do processo significativo.

Rehfeldt (1980) afirma que quando se é indagado sobre o significado de certa palavra (polissêmica) ou de certa frase (ambígua), a primeira reação que se tem é a de perguntar onde a palavra foi ouvida, ou de que contexto foi tirada tal palavra. Assim, fica ratificada a idéia de que, no plano lingüístico, a significação se instaura a partir da relação entre dois ou mais termos, integrados a um contexto situacional determinado.

Bloomfield propõe uma teoria do significado baseada na análise do comportamento (behaviorismo). Segundo ele, a significação de uma unidade é a situação na qual o locutor a enuncia e a resposta (comportamental, incluindo o comportamento lingüístico) que provoca da parte do ouvinte. Por muito tempo considerado fator extralingüístico, a situação é elemento importante a considerar, principalmente em análise de texto, pois ela exerce direta influência na sua organização lingüística. O significado mínimo é ou pode ser estrutura constituída por traços pertinentes situacionais, por traços pertinentes contextuais e por traços pertinentes lógicos ou lingüísticos.

A consciência da própria linguagem se reflete na ação que cada indivíduo empreende no processo interativo. E essa consciência implica também que, buscando a significação do mundo de referência dos sujeitos, cada um procure atribuir, ao mesmo tempo, o significado das próprias ações. E é só a partir daí que todos passam a interagir no *universo*, onde as relações humanas têm sentido porque se re-compõem a cada dia na dinâmica intersubjetiva que se processa na sociedade dos homens. (OLIVEIRA, 1999, p. 48)

1.2. SEMÂNTICA RELACIONAL

O presente trabalho instaura-se no domínio da Semântica Relacional, como proposta à perspectivização de enunciados de textos jornalísticos através da Teoria de Casos, com vistas a interpretá-los a partir da noção de *casos*, proposta por Fillmore. Como esse empreendimento necessita de um suporte discursivo e pragmático, tanto pela natureza do *corpus* - enunciados de textos jornalísticos das editoriais de economia, política e policial - , a ser analisados, como pelo modelo escolhido – *modelo semântico-pragmático utilizado* -. Situo-me, então, numa perspectiva semântico-pragmática que coloca em relevo o papel do contexto na análise da relação do verbo com seus argumentos, o que torna imprescindível que a análise seja feita a partir de textos.

Por essa razão os enunciados serão vistos na dimensão de sua completude, relacionando os efeitos de sentido ali produzidos com os aspectos pragmáticos e também com as formações discursivas que subjazem ao contexto em que tais enunciados se concretizam.

1.3. TEORIA DE CASOS

1.3.1. Charles Fillmore (1968)

Em 1968 o trabalho de Charles Fillmore *The Case for Case*, considerado o marco inicial da Gramática de Casos (doravante GC), mostra a noção de caso semântico e as características da estrutura profunda gerada por ele.

As idéias que prevaleciam na época eram os postulados teóricos de Noam Chomsky, nos quais Fillmore mostrava-se enraizado. Fillmore propôs a teoria dos casos profundos porque não estava satisfeito com o estatuto da estrutura profunda postulada pela teoria transformacional padrão (1965). Fillmore vai, então, propor a sua GC, contra argumentando que o nível de análise em que relações sintáticas de sujeito e objeto eram definidas não era profundo o suficiente para alcançar o poder explicativo exigido desse nível. Na Gramática

Transformacional, o sujeito era definido como o SN (Sintagma Nominal) diretamente dominado pela S (Sentença), e o objeto como o SN diretamente dominado pelo SV (Sintagma Verbal). Para Fillmore, essas noções (sujeito e objeto) expressavam apenas relações de superfície. Por exemplo, o sujeito de superfície nem sempre é o sujeito lógico da sentença.

Fillmore propõe, então, uma estrutura semântica mais profunda (EP) que a estrutura subjacente postulada pela gramática transformacional e uma teoria dos casos de estrutura profunda, isto é, um nível de representação semântica onde os nomes estão associados ao verbo segundo uma relação casual específica.

As estruturas profundas geradas por Fillmore têm as seguintes características: (i) a sentença é inicialmente dividida em *proposição* e *modalidade*; (ii) a *proposição* consiste de um verbo e uma série de casos exigidos pelo verbo e ordenados da direita para esquerda e (iii) na estrutura profunda ocorrem preposições ou marcadores casuais. Uma sentença (S), então, consiste de uma proposição (P) e uma modalidade (M). A *proposição* é um conjunto de relações que envolvem verbos e nomes; a *modalidade* inclui modalidades como negação, tempo, modo e aspecto.

Fillmore propõe a seguinte regra de base:

$$S = M + P$$

Para Fillmore, uma proposição deverá ter pelo menos uma categoria de caso, e nenhuma categoria de caso deverá aparecer mais de uma vez, conforme mostra o esquema:

$$P \longrightarrow V + C1 + C2 + \dots + Cn$$

A *noção de caso* compreende um conjunto de conceitos universais que reconhecem certos tipos de julgamentos que os seres humanos são capazes de fazer acerca dos conhecimentos que ocorrem ao seu redor, por exemplo: quem fez o quê, com quem aconteceu, etc. Estas noções são relacionamentos sintático-semânticos que os casos expressam.

Demonstrar-se-á, a partir de exemplos, a representação proposta por Fillmore:

(1) João abriu a porta com a chave.

(2) A chave abre a porta.

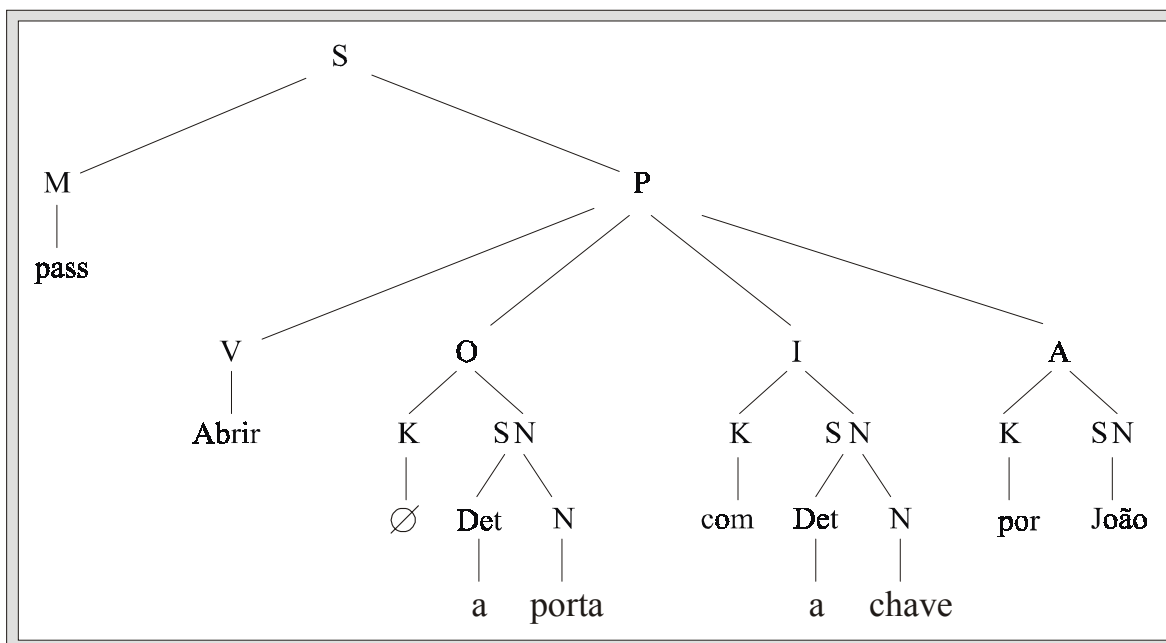


Figura 5 - noção de caso na GC de Fillmore (1968)

Pode-se notar que conforme os exemplos (1) e (2) a expressão “a chave” é um instrumento na Estrutura Profunda (EP), embora tenha funções diferentes na Estrutura de Superfície (ES). Através de transformações sintáticas que serão aplicadas no nível da estrutura profunda, será criado um sujeito de superfície: em (1) o sujeito será o Agente (João) e em (2) o Instrumento (a chave) será o sujeito.

Tendo em vista que neste modelo os casos estão ordenados da direita para a esquerda, pela escolha hierárquica do sujeito, há uma regra que faz com que, havendo um Agente, ele será o sujeito na estrutura superficial (ES), sendo portanto o Agente “ João” da estrutura profunda (EP) o sujeito na ES; “a chave”, o Instrumento na EP, em (1) e (2) e sujeito na ES em (2). Assim, teremos uma árvore como:

VOS = Verbo, Objeto, Sujeito

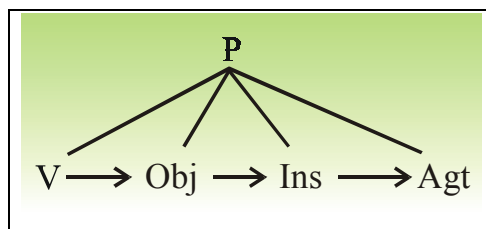


Figura 6 - ordem dos casos em Fillmore (1968)

Esta ordem, não sendo econômica, foi modificada em 1971, isto é, os casos, a partir deste ano, foram ordenados da esquerda para a direita: (VSO)

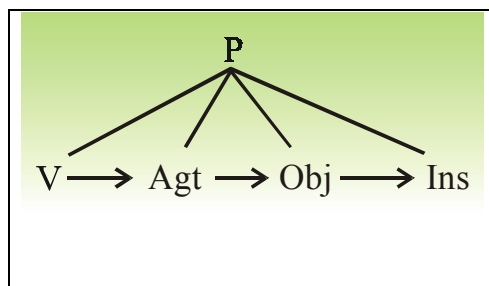


Figura 7 – ordem dos casos em Fillmore (1971)

A GC, de acordo com Fillmore, tem um esquema casual que consiste de :
 (i) um pequeno número de casos, (ii) os quais são suficientes para a classificação

dos verbos de uma língua e (iii) são válidos para todas as línguas. (FILLMORE, 1975, p. 7)

Nesse seu primeiro modelo Fillmore identificou os seguintes casos:

Agentivo (Agt) é o caso do instigador da ação identificada pelo verbo.

João abriu a porta

Agt Obj

Instrumental (Ins) é o caso da força ou objeto inanimado, casualmente implicado na ação ou estado identificado pelo verbo.

A chave abriu a porta

Ins Obj

Dativo (Dat) é o caso do ser animado que é o paciente da ação ou estado expresso pelo verbo¹.

João conhecia aquele livro.

Dat Obj

Factitivo (Fac) é o caso do objeto ou ser resultante da ação ou estado expresso pelo verbo, ou entendido como parte do sentido do verbo.

João construiu uma mesa.

Agt Fac

Locativo (Loc) é o caso que identifica a localização ou orientação espacial do estado ou ação identificados pelo verbo.

¹ O Dativo, em Fillmore, compreende as relações de sensação, emoção, conhecimento, que Chafe e Cook expressam com o caso Exp (Experienciador), e as relações de posse, ganho, perda ou transferência de propriedade que os mesmos expressam com o caso Ben (Beneficiário, Benefactivo). João tem um carro.(Dat,Obj).

As maçãs **estão** na caixa.

Obj Loc

Objetivo (Obj) é o caso semanticamente mais neutro, corresponde a tudo aquilo que é representável por um substantivo, cujo papel na ação ou estado expresso pelo verbo é identificado pela interpretação semântica do próprio verbo.

A **história** é verdadeira.

Obj

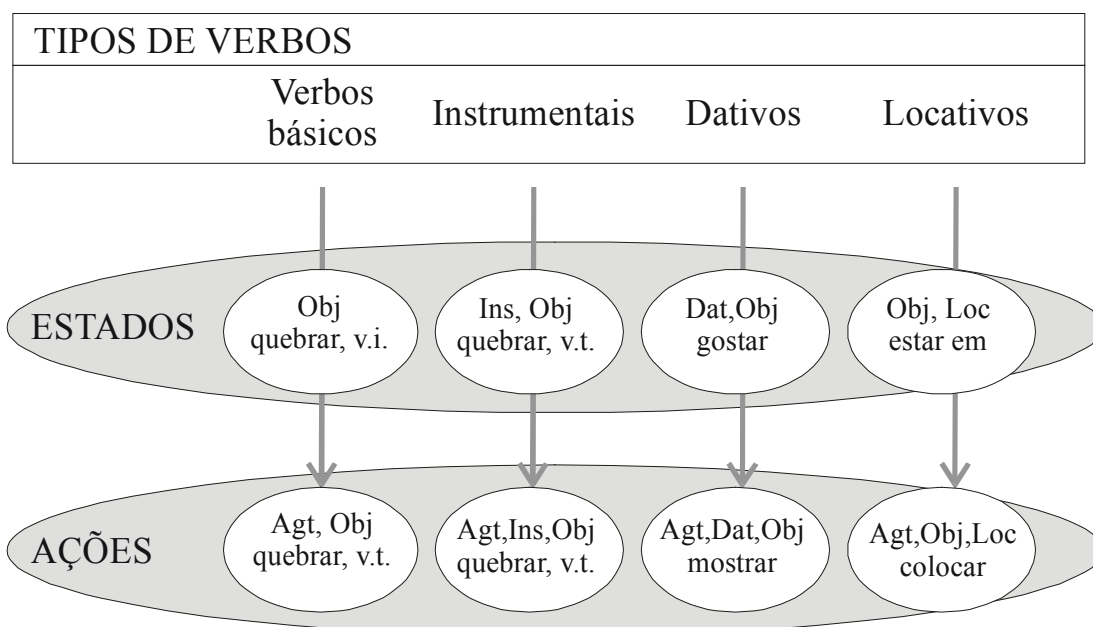


Figura 8 – tipos de verbos em Fillmore (1968)

Fillmore diz ainda que o termo objeto (Obj) não pode ser confundido com a noção de objeto direto, e que o Obj pode ser oracional, isto é, pode ser representado por uma sentença, conforme exemplo exposto anteriormente.

Comitativo (Com): este caso não é definido, apenas mencionado (1968, p. 81). A partir dos exemplos dados, parece ser um caso tipicamente animado, usado para expressar *acompanhamento*.

As crianças estão **com Maria**.

Com

Maria tem as crianças **com ela**.

Com

Com-cópia

1.3.2. Charles Fillmore (1971)

Em 1971, Fillmore faz uma revisão dos seus trabalhos, em seu artigo *Some Problems for Case Grammar* (apresentado primeiramente no “Linguistic Institute”, em 1970, e na “Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics”, em 1971), propondo uma revisão na representação semântica e na lista de casos.

Quais as diferenças na representação semântica, em relação ao modelo anterior (1968)? Fillmore (1971), na estrutura profunda, elimina o constituinte Modalidade, permanecendo somente o constituinte Proposição; ordena os casos da esquerda para a direita (VSO) e elimina as preposições da estrutura profunda (os marcadores casuais - K); os casos são dominados diretamente pelo SN, e os casos são dados como *relações semânticas* originadas no verbo, que as dita ao nome.

Assim temos representado o diagrama em árvore:

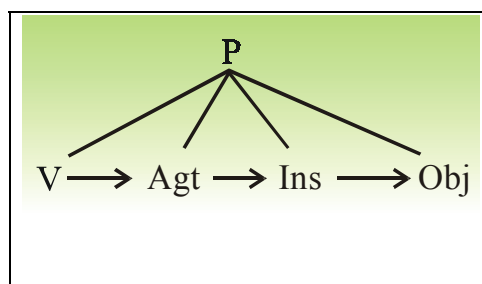


Figura 9 – diagrama arbóreo em Fillmore (1971)

Os casos são ordenados conforme o processo de seleção do sujeito; assim, o Agente (Agt) é colocado próximo ao verbo, seguido dos outros casos.

Quanto à lista de casos, Fillmore (1971) apresenta os seguintes, em ordem hierárquica:

Agentivo (Agt) > Experienciador (Exp) > Instrumental (Ins) > Objetivo (Obj) > Origem (Org) > Meta (Met) > Locativo (Loc), Temporal (Tem) e Benefactivo (Ben), o que caracteriza um sistema casual localista [o uso dos casos Locativo (Loc), Origem (Org) e Meta(Met)].

Figura 10 – lista de casos em Fillmore (1971)

O Locativo (Loc) corresponde à indicação de lugar ou à localização de um dado objeto ou evento; Origem (Org) é o ponto inicial de uma atividade, origem do movimento. Meta (Met) é o ponto final da atividade. Grosso modo, na linha localista, os três casos acima estendem-se aos casos experimentativo, benefactivo, temporal, comitativo e holístico, considerados como locativos abstratos. Mas, Fillmore diferencia-se ligeiramente desta linha (localista) por não considerar o Exp(Experienciador) como locativo abstrato.

Também merece atenção, neste modelo, a introdução dos casos Benefactivo (Ben) como um caso possível e Temporal (Tem), que indica o tempo de um evento, a sua localização temporal. Pode ser proposicional (quando faz parte da proposição, isto é, é um caso exigido pelo verbo), ou modal, quando não faz parte da valência do verbo.

A figura 11 mostra as diferenças entre o primeiro e o segundo modelo de Fillmore.

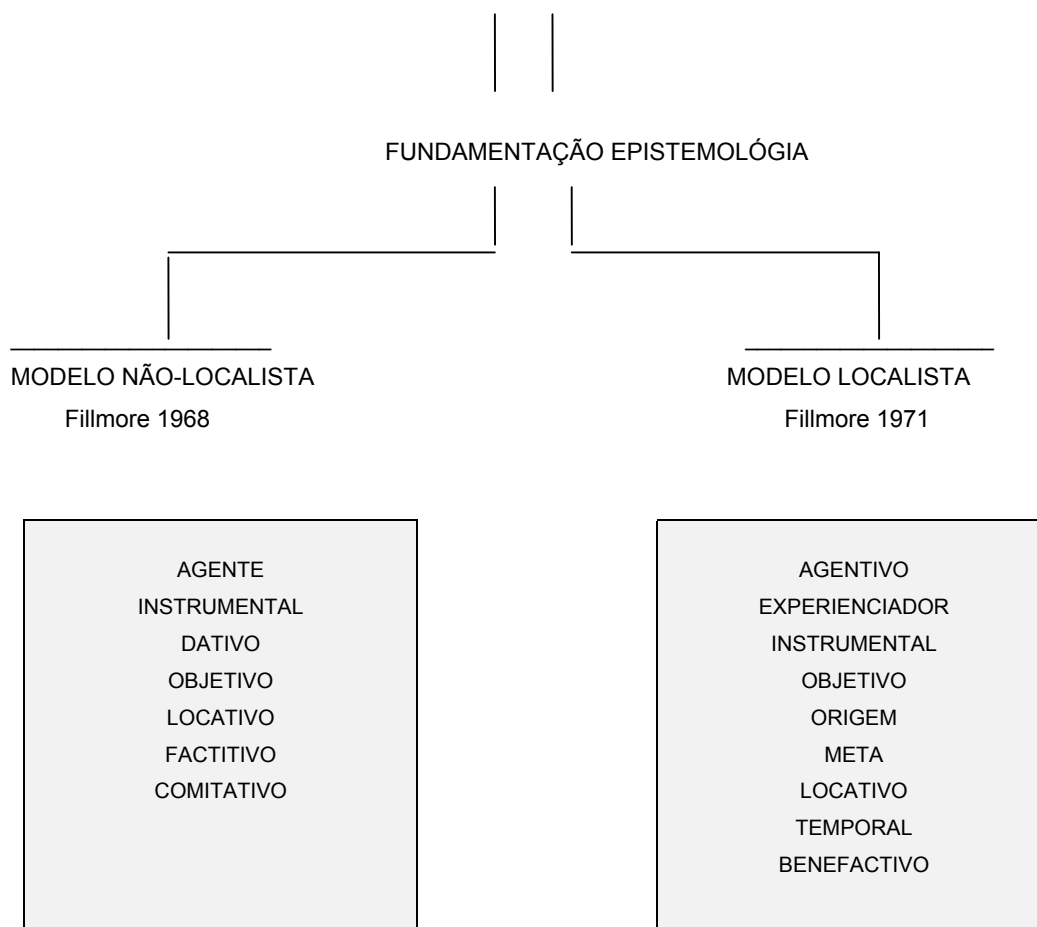


Figura 11 – evolução da teoria Fillmoreana

Levando em conta o contexto de referência das predicções/proposições, a gramática de casos capta, especialmente, a qualidade dos argumentos que completam os lugares vazios que circundam o verbo. No âmbito desse critério, a teoria focaliza os verbos da língua como seu objeto de estudo específico, delineando uma subcategorização de acordo com os papéis e com os esquemas casuais que manifestam a valência semântica do verbo.

1.3.3. Wallace Chafe (1970)

É importante mencionar o modelo de Wallace Chafe, que, já em 1970, com a publicação de *Meaning and the Structure of Language*, baseado em Fillmore (1968), adota um posicionamento eminentemente semântico; para ele as melhores teorias são aquelas que são “bonitas”: *as melhores teorias sobre qualquer assunto são teorias belas, e o cientista, não menos que o artista, é uma pessoa cuja carreira se dedica à procura da beleza. Gostaria de observar que o semanticismo tem mais mérito estético do que o sintaticismo. [...] é obviamente muito mais fácil explicar o uso da língua com base no modelo semanticista. Quando usamos a língua, começamos com alguma coisa que temos que dizer – com significados. Se vamos comunicar esses significados, eles devem ser estruturados de uma forma que se conforme com a estrutura semântica de nossa língua. A língua, então, vem dar-nos um meio de converter essa estrutura semântica em som. É evidente que o modelo sintaticista não tem nenhuma relação direta com o uso da língua.* (grifo meu) (1979, p. 66-67)

Para Chafe, o falante cria uma estrutura semântica e depois a converte em som; o lado ‘belo’ a que se refere compreende a harmonia do enunciado no seu contexto. Desse modo, ele difere de Fillmore, afirmando a centralidade da semântica e apresenta os casos como *relações semânticas profundas*, enquanto Fillmore os apresenta como *relações sintáticas profundas*.

Diferentemente de Fillmore, Chafe defende a centralidade do verbo, é o verbo que determina como deverá ser o restante da oração, principalmente determina que nomes o acompanharão, qual será a relação desses nomes com o verbo, e como esses nomes serão semanticamente especificados.

Para demonstrar usarei o exemplo de Chafe (1979, p. 97). Se numa estrutura de superfície tem-se: [A cadeira riu.], o que intuitivamente se faz é interpretar “cadeira” como se fosse anormalmente animado, como exige o verbo. Não se interpreta “rir” de maneira anormal, como se fosse um tipo diferente de atividade realizada por objetos inanimados. Assim, fica evidente que a influência semântica do verbo é dominante, estendendo-se sobre os nomes subordinados

que o acompanham, que são elementos periféricos, estando, pois, numa relação associativa que prima pela compatibilidade do sentido.

Uma das grandes contribuições do autor para a teoria de casos diz respeito aos tipos de verbos. Enquanto Fillmore os classificava em *verbos de estado* e de *ação*, Chafe expande essa tipologia, inserindo a noção de *processo*, e os verbos passam a assumir a configuração mais complexa ilustrada a figura 12, em que os três últimos tipos são definidos como *não-estado*. A distinção pode ser feita através de resposta a questionamento formulado do tipo: O que aconteceu? Que está acontecendo? E assim por diante. A noção de estado não responde a essa pergunta por se tratar de um não-acontecimento.

VERBOS	ESTADOS PROCESSOS AÇÕES-PROCESSO AÇÕES
--------	---

Figura 12 - tipos de verbos em Chafe (1970)

Pode-se observar certas diferenças básicas entre as estruturas semânticas expostas abaixo, exemplo do autor (1979, p. 98):

- (i) *A madeira está seca.*
- (ii) *A madeira secou.*

No enunciado (i) o verbo é classificado como de estado e o nome [madeira] que o acompanha está num certo estado ou condição [seca]. Assim, o verbo está especificado como *estado* e acompanhado por um nome que é seu paciente.

No exemplo (ii) é possível ver claramente que o verbo não está especificado como de estado, pois responde à questão: o que é que aconteceu com a madeira?

Para detectar tipos de verbos com maior segurança, usam-se testes como em:

(iii) *Miguel correu.*

(iv) *A madeira secou.*

Onde: *Miguel correu* responde à pergunta: O que é que Miguel fez? Ele correu; há uma *ação*, um acontecimento agentivo. Já no enunciado (iv) *a madeira secou*, a pergunta não se aplica, mas “o que aconteceu à madeira?” – ela secou; detecta-se aqui um *processo*, um acontecimento, não-agentivo.

De acordo com Cook (1989), o modelo de Chafe apresenta uma abordagem inovadora no estudo da linguagem, e seu sistema casual é mais bem organizado que o de Fillmore 1968; a lista de casos é adequada e os tipos de verbos claramente definidos. Outro mérito de Chafe é fazer uma melhor distinção entre os *casos modais* e os *casos proposicionais*. Os casos exigidos pelo verbo são chamados proposicionais, o que é destacado como elemento central em seu modelo, e os casos modais são aqueles que não são exigidos pelo verbo e, por isso, se situam fora da proposição.

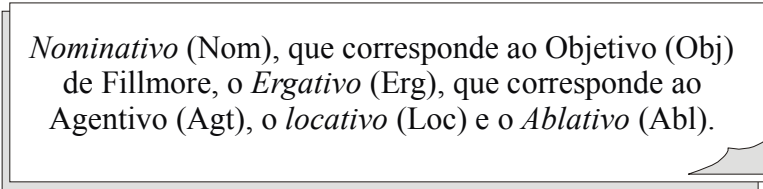
1.3.4. John Anderson (1971)

John M. Anderson, em 1971, apresenta seu modelo de GC com a publicação de *The Grammar of Case: towards a localist theory*.

Anderson propõe também como os outros uma relação de dependência gramatical verbo/nome, onde o verbo é o elemento dominante, ao qual uma série de nomes são subordinados. Sua GC é uma gramática relacional, onde o verbo é um elemento primordialmente relacional e os nomes são referenciais.

O modelo de Anderson assemelha-se, por um lado, ao segundo modelo de Fillmore (1971), pois apresenta um sistema casual localista, embora com terminologia diferente. Em termos gerais, modelos não-localistas são aqueles que tratam de predicadores básicos, experimentativos, benefactivos, locativos, temporais, comitativos e holísticos; modelos localistas tratam de dois tipos amplos de predicadores, ou seja, predicadores básicos e predicadores locativos. Grosso modo, os modelos não-localistas diferem dos modelos localistas no tratamento dos predicadores não-básicos, isto é, experimentativos, benefactivos, etc. (embora este tratamento não seja necessariamente o mesmo em todos os modelos), os quais são considerados “locativos abstratos” em modelos localistas. Por outro lado, o modelo de Anderson assemelha-se ao modelo de Chafe, no que concerne à classificação geral dos verbos, porque os classifica em estados, processos e ações.

Em relação à lista de casos, Anderson propõe apenas quatro:



Nominativo (Nom), que corresponde ao *Objetivo (Obj)* de Fillmore, o *Ergativo (Erg)*, que corresponde ao *Agentivo (Agt)*, o *locativo (Loc)* e o *Ablativo (Abl)*.

Figura 13 – lista de casos em Anderson (1971)

A contribuição de Anderson para a GC foi o caso *Nominativo (Nom)* que corresponde ao caso *Objetivo* de Fillmore: é considerado obrigatório e é definido como caso nocionalmente mais neutro exigido pelo verbo. Para Anderson, este caso é o único caso que ocorre com verbos de estado, processo e ação.

1.3.5. Walter Cook (1979,1989)

Entre essas várias propostas da teoria de casos, é indispensável salientar o modelo matricial de Walter A Cook (1979, 1989), que reúne princípios já

referidos por Fillmore (1968,1971), Chafe (1970) e Anderson (1971). Sua proposta é de um *modelo não-localista*, que tem por princípio a centralidade do verbo, bem como da semântica. Representa a estrutura semântica de cada proposição em termos de um verbo central e dos nomes – argumentos – exigidos pela valência semântica, com vistas a complementar a noção global da predicação. Os nomes que estão em relação de associação com o verbo são denominados *casos*, isto é, relações semânticas, em oposição a termos como sujeito e objeto, que se referem a relações gramaticais ou sintáticas. A valência semântica de um verbo determina o número e o tipo de casos que devem ocorrer com o mesmo. A estrutura semântica, neste modelo, consiste de um S (proposição), um V (predicador) e um, dois ou mais SNs (argumentos), os quais são substituídos por casos, que, organizados na estrutura, obedecem a uma hierarquia de escolha do sujeito. A figura abaixo ilustra essa estrutura semântica.

João deu flores para Maria.

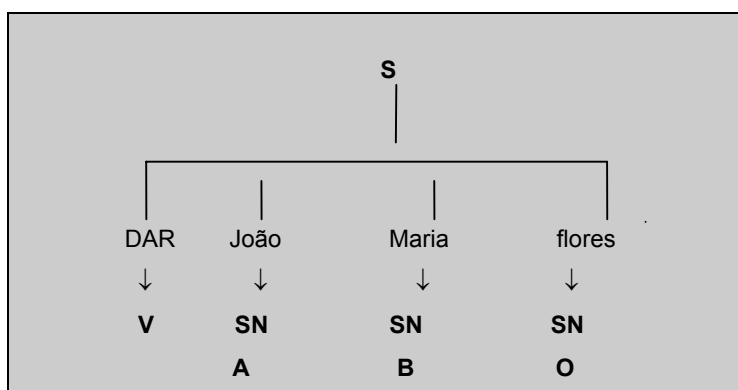


Figura 14 – estrutura semântica em Cook

No exemplo, o verbo se impõe como o elemento central que determina o número e o tipo de casos exigidos por seu significado. O verbo e seus respectivos casos estão representados no esquema, indicando os papéis semânticos assumidos e expressos no esquema casual:

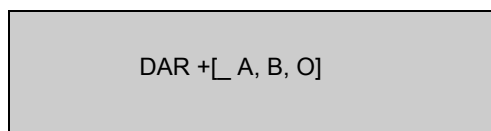


Figura 15 – esquema casual em Cook

Cook, baseado em Chafe (1970), diferencia casos proposicionais de casos modais. Os casos que são pressupostos pela valência semântica do verbo denominam-se *proposicionais*; já os opcionais, isto é, aqueles não exigidos pelo significado do verbo, mas que integram o enunciado, designam-se como *modais*. Por outro lado, seguindo Fillmore (1975, p. 5), diz que a lista casual deve ser: em número reduzido, adequada à classificação dos verbos na língua; e ser universal (para todas as línguas).

Cook (1979, p. 203) propõe as seguintes normas para a formação de esquemas casuais: (i) cada esquema casual consiste de um verbo e um, dois ou três casos; (ii) cada caso ocorrerá somente uma vez, exceto o caso O (Objeto); (iii) o caso Objeto é obrigatório; (iv) os casos E, B, e L são mutuamente excludentes; (v) os casos são listados da esquerda para a direita, de acordo com a escolha hierárquica do sujeito. Assim, os cinco casos proposicionais de Cook são:

A – E – B – O – L.

Desse modo, os esquemas casuais que resultam da aplicação destas normas constituem uma matriz tipológica de verbos, o que explica o nome de *modelo matricial*, expresso na figura 16.

Tipos de verbos	Verbos Básicos	Experimentativo	Benefactivo	Locativo
Estados	Oe - ser alto	E, Oe - gostar	B, Oe - ter	Oe, L - estar em
Processos	O - morrer	E, O - notar	B,O - ganhar	O,L - cair

Ações	A, O - matar	A,E,O – dizer	A,B,O - dar	A,O,L - pôr
-------	--------------	---------------	-------------	-------------

Figura 16 – modelo matricial de Cook

Na dimensão vertical, os verbos classificam-se como de estado, processo e ação; e, na dimensão horizontal, em básicos, experimentativos, benefactivos e locativos.

Com relação aos *tipos de verbos*, como Chafe (1970), Cook (1979, p. 203-204) classifica-os em estados e não-estados. Os verbos de estado são semanticamente estáticos e são definidos como verbos de não-acontecimento. Os verbos de não-estados são classificados em processos e ações; os processuais são verbos de acontecimento não-agentivo, enquanto que os de ação são verbos de acontecimento agentivo.

Os modelos casuais que vêm sendo desenvolvidos assentam-se em proposições teóricas que se estenderam e se consolidaram ao longo do tempo e que, sem dúvida, legaram relevantes contribuições à concepção da teoria de casos.

1.3.6. Apóstolo T. Nicolacópulos et alii (1995)

Em 1995, Nicolacópulos et alii, apresentam seu modelo de Gramática de Casos em uma série de artigos publicados nos I Anais do CeISul, na Universidade Federal de Santa Catarina. O modelo incorporou as melhores características dos modelos de Fillmore (1968,1971), de Chafe (1970), de Anderson (1971) e principalmente de Cook (1979,1989).

Com o objetivo de ampliar a abrangência da *teoria de casos*, de modo a abrigar, efetivamente, as nuances de sentido que se espriam no contexto da língua em *uso* e que se materializam, especialmente, através dos movimentos

semânticos que se configuram em formações metafóricas, Nicolacópulos (1992), Nicolacópulos et alii (1995), Oliveira (1995), Rocha (1998) e Oliveira (1999) expandem as perspectivas de análise, dando origem a um **modelo semântico-pragmático**. Nesse sentido, com base no modelo de Fillmore, Chafe e Cook, os autores realizam alterações e incorporam *requintes* ao modelo, visando abarcar as dimensões pragmática e discursiva nos processos de análise e interpretação que se propõem a realizar.

Trata-se de uma abordagem não-localista², que, assim como outros modelos casuais, tem um verbo central e um número de argumentos (papéis semânticos ou casos) que estão em relação de dependência com o seu verbo. O modelo focaliza as dimensões sintática e semântica, relativamente ao verbo, que fica configurado como elemento central, como *centro dinâmico do enunciado*. Essa teoria, por articular os dois pólos, o sintático e o semântico, inscreve-se numa perspectiva relacional, buscando no pólo sintático relacionar os elementos frásicos, condicionando a ocorrência ou não desses elementos, de acordo com as propriedades morfossintáticas, com vistas a explicitar os lugares vazios em torno dos verbos; no pólo semântico, busca deflagrar os papéis temáticos dos argumentos que se associam ao verbo. (OLIVEIRA, 1999, p. 68).

O *sistema casual* (lista de casos) segue os princípios estipulados por Fillmore, ou seja, é pequeno, adequado para a classificação dos verbos da língua e universal. Tal lista compreende oito casos. O caso Agt (agente ou agentivo) expressa ação; o Exp (experienciação) denota sensação, emoção, cognição, e evidencia o ouvinte da comunicação; o Ben (beneficiário) exprime posse, poder,

² A linha não-localista utiliza os casos básicos Agt(agente) e o Obj(objeto) e os não-básicos Exp(experienciação), Ben(benefactivo), Loc(locativo), Tem(temporal), Com(comitativo), Hol(holístico); enquanto que a linha localista compreende, em geral, cinco casos: dois básicos (Agt,Obj) e três não-básicos Loc(locativo), Origem (Org) e Meta(Met), que compreendem locativos concretos (espaciais) e abstratos (os não-básicos na vertente não-localista), além de mudanças de estado.

ganho ou perda, benefício/malefício e transferência de propriedade ou de poder; o Obj (objeto ou objetivo) que, com verbos de estado, denota o que está sendo descrito; com verbos processuais, o que sofre mudança de estado, e com verbos agentivos expressa afecção, etc.; o Loc(locativo) expressa localização, o Tem (tempo) denota tempo cronológico, o *Com (comitativo) expressa companhia* e o Hol (holístico) denota totalidade, completude.

Através de exemplos de enunciados de textos jornalísticos, a figura 17 sintetiza os casos do modelo semântico-pragmático utilizado.

Agente ou Agentivo (Agt) - expressa ação	Os homens esperavam por ele na escada, com armas e porretes e encapuzados.(F.S.P.,03.10.97:3-4)
Experienciação (Exp) - denota sensação , emoção, cognição, e evidencia o ouvinte da comunicação	Testemunhas viram um casal em uma Parati deixar o corpo às 15h45, após espancar a menina.(F.S.P.01.01.97:3-3)
Beneficiário (Ben) - exprime posse, poder, ganho ou perda, benefício/malefício e transferência de propriedade ou de poder;	Os cálculos mais pessimistas do pessoal de Cesar Maia sugerem que Marcello Alencar tomará do Rio, em 97, R\$ 69 milhões. (F.S.P.,03.01.97:1-5)
Objeto ou objetivo (Obj) - que, com verbos de estado , denota o que está sendo descrito; com verbos processuais, o que sofre mudança de estado, e com verbos agentivos expressa afecção,	Antes do pagamento, a família pediu aos sequestradores provas de que Natalie estava viva. (F.S.P.,08.10.97:3-7)
Locativo (Loc) - expressa localização	Horácio Lafer Piva, também candidato à Fiesp, optou por ficar no Guarujá só à tarde.(F.S.P.,18.10.97:2-2)
Tempo (Tem) - denota tempo cronológico	O horário de verão 97/98 vai durar 132 dias . (F.S.P.,04.10.97:3-5)
Comitativo (Com) - expressa companhia	Ele esperou o curso de anatomia acabar para se aproximar da então ex-aluna . (F.S.P.,30.11.97:3-7)
Holístico (Hol) - denota totalidade, completude .	Os religiosos, a que se agregam 11 cônjuges e filhos, tiveram os vistos de permanência cancelados pelo governo e serão expulsos do Chile. (F.S.P.,22.11.97:1-12)

Figura 17 – casos do modelo semântico-pragmático utilizado

Quanto aos *tipos de verbos*, assim como Chafe (1970) e Cook (1979, 1989), Nicolacópulos (1992) classifica-os em estados e não-estados. Os verbos de estado são semanticamente estáticos e são definidos como verbos de não-acontecimento. Os verbos de não-estado são classificados em processos e ações; os processuais são verbos de acontecimento não-agentivo, enquanto que os de ação são verbos de acontecimento agentivo.

O esquema abaixo (figura 18) representa a classificação dos tipos de verbos encontrados na língua(gem):

Verbos de estado (não-acontecimento)	Enquanto um dos ladrões apanhava o que havia no cofre, os outros estavam com a família. (F.S.P.,27.11.97:3-3)
Verbos processuais (acontecimento não-agentivo)	E se esta mulher vive só e a criança crescerá sem um pai, ela continua tendo esse direito?
Verbos agentivos (não-estado)	Ele foi apanhar o Gabriel (filho caçula da atriz, de 3 anos) na casa de uma amiga dela. (F.S.P.,06.09.97:3-4)

Figura 18 – tipos de verbos - Nicolacópulos et alii

Esta caracterização pode ser melhor representada e visualizada na figura 19.

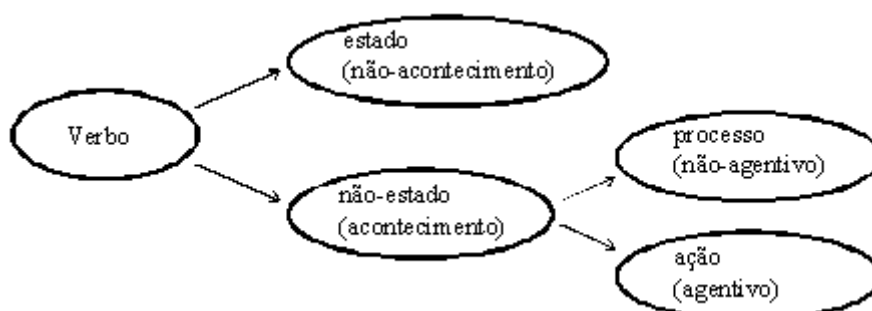


Figura 19 – classificação dos verbos

Os tipos de verbos/predicadores classificam-se de acordo com campo semântico específico, isto é, em *básicos*, que utilizam os casos Agt e Obj; *experimentativos*, que incluem o caso Exp; *benefactivos*, que incluem o caso Ben; *locativos*, que incluem o caso Loc; *temporais*, que incluem o caso Tem; *comitativos*, que incluem o caso Com; *holísticos*, que incluem o caso Hol, os quais são percebidos estática, processual ou agentivamente.

Esta abordagem adota (i) a não-obrigatoriedade do caso Ob (objeto), como pode ser visto em: *Maria está irritada (onde Maria representa o experienciador de uma situação de irritabilidade)*; (ii) as predicções experimentativas não-voluntárias do tipo agradar, v.t., ofender, v.t., irritar, v.t., encantar, v.t., frustrar, v.t., assustar, v.t., analisam-se como predicções experimentativas agentivas e não-processuais como em Cook (1979, p. 164 e 1989, p. 197, 212–214, 217), como em: *Vendas de brinquedos frustram lojistas.(E.S.P., 14.10.95)*, onde o predicador frustrar, v.t., é analisado como Agt, Obj, Exp/Agt=Obj, pois *vendas de brinquedos* expressa ação/conteúdo da experiência concomitantemente; (iii) como em Fillmore, o modelo também reconhece a possibilidade, embora rara, da ocorrência de casos considerados mutuamente excludentes. O verbo *passar*, por exemplo, admite os casos Loc(locativo) e Tem(temporal), como em *Jeffrey passou terça-feira à tarde na praia* (FILLMORE, 1971, p. 51). No entanto, o raro número de ocorrências não invalida a norma, que encontra suporte na *noção de cenas* de Fillmore (1977, p. 59-81), segundo a qual só serão colocados em *perspectiva* os elementos selecionados pelo falante, ficando os demais elementos no *background*; (iv) ainda com relação a este exemplo com o verbo *passar*, o modelo ressalta a possibilidade, rara, da ocorrência de mais de três casos em uma mesma proposição; (v) para esta abordagem, os casos estão em uma relação de associação e não de dependência com o seu verbo/predicador. Desta forma, o verbo traduzirá a interação desses elementos e da(s) significação(ões) espalhadas pelo enunciado produzido em contexto. Nesta ótica, verbo/predicador pode ser definido como sendo uma espécie de *síntese mini-enunciativa*. Para tanto, o modelo leva em consideração elementos *pragmáticos* na análise casual,

permitindo uma abordagem *semântico-pragmática* do enunciado, especialmente no que se refere à articulação do verbo com seus argumentos. Neste sentido, põe em evidência uma ampliação capaz de abrigar as manifestações efetivas da língua(gem), nos mais diversos contextos de uso.

Nicolacópulos et alii buscam a expansão e a consolidação de melhores perspectivas para análise e interpretação dos enunciados tendo como ponto de partida a matriz de Cook revisada, à qual acrescentam a relação Tempo (Tem), Holístico (Hol), bem como o caso Comitativo (Com). [descrito por Houaiss (2001, p. 771), como *diz-se de ou caso que exprime companhia[...]*(p.ex.: *o menino veio com a mãe*).]

1.3.7. Teoria dos casos não-manifestos

Além disso, Fillmore, em 1971, introduz a *teoria dos casos não-manifestos*. Segundo esta teoria, há casos manifestos e casos não-manifestos. Os casos não-manifestos são subdivididos em parcialmente não-manifestos e totalmente não-manifestos. Ficam esquematizados na figura 20.

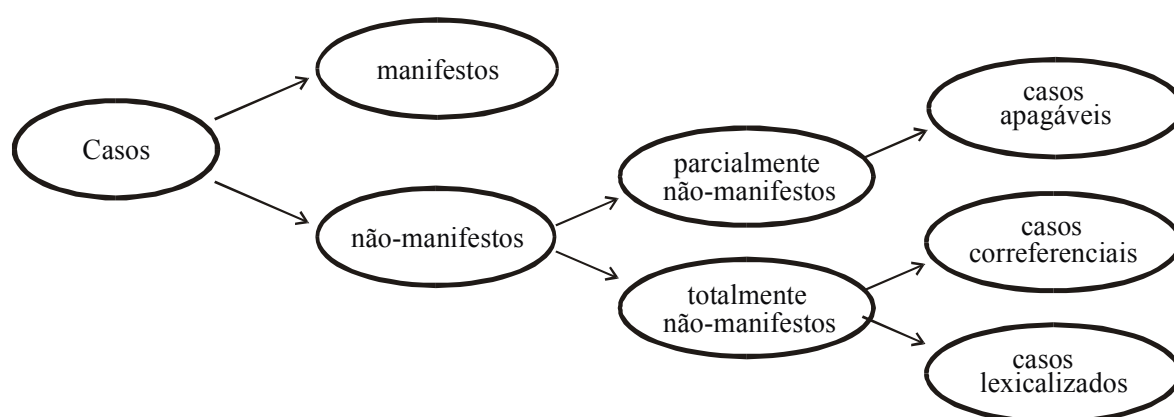


Figura 20 – casos não-manifestos em Fillmore (1971)

Estes casos considerados não-manifestos são aqueles que, embora sempre presentes na estrutura profunda, freqüentemente não aparecem na estrutura de superfície, mas são exigidos pelo significado do verbo, e possuem a mesma referência semântica. A importância dos casos não-manifestos é que eles permitem ao analista realizar uma análise mais profunda da estrutura casual do verbo.

(1) João comprou um carro de Pedro

Agt=Met Obj Org

(2) Pedro vendeu um carro a João

Agt=Org Obj Met

Em (1) *João* é tanto o Agente (Agt), que toma a iniciativa da transação, quanto Meta (Met), indicando que o carro passou de Pedro para João; é Meta (Met) também em (1) e (2); em (2) *Pedro* é ao mesmo tempo o Agente (Agt), como iniciador da ação, e Origem (Org), porque o carro passa de posse de Pedro para João; é Origem (Org) também em (1) e (2). Há, portanto, uma correferência³ entre os casos.

Ressaltamos que não se pode confundir os casos correferenciais com reflexivização, como em:

Maria matou-se

Agt Obj

que é aliás, a primeira evidência da não correferencialidade semântica.

Os casos manifestos estão sempre presentes na Estrutura Superficial:

Maria cozinhou batatas.

Agt Obj

onde todos os casos exigidos pelo verbo *cozinhar* +[__ Agt,Obj] estão presentes.

Os casos parcialmente não-manifestos estão ora presentes e ora ausentes da estrutura de superfície, por isso são chamados *casos apagáveis*, como em:

Maria *cozinhou*.

Agt (Obj)

O objeto (as batatas) não está presente na ES, portanto não-manifesto. Sendo o verbo *cozinhar* +[__ Agt, Obj], este Obj está apagado, portanto será assim representado:

+[__ Agt,*Obj⁴]/Obj-apag.

Já os casos totalmente não-manifestos são casos que nunca estão presentes na ES, apesar de serem casos proposicionais, isto, é, fazerem parte da valência semântica do verbo; são os casos de lexicalização e de correferência.

Casos lexicalizados são aqueles que estão incorporados dentro da forma de superfície do verbo. Nessa situação, eles normalmente não aparecem na estrutura de superfície da oração. Em:

O patrão *gratificou* **seus funcionários**.

Agt Obj-lex. Ben

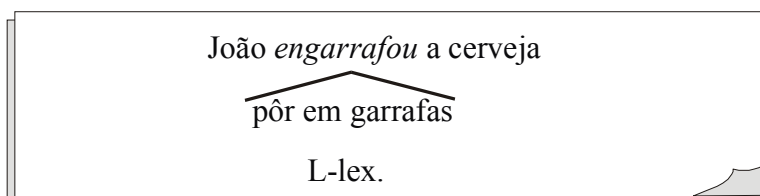
³ Quando temos um caso com duas funções profundas, temos o fenômeno da correferência. Portanto, os casos correferenciais são dois casos que se referem à mesma pessoa ou coisa na EP, mas apresentam uma só realização na ES. Os casos correferenciais e lexicalizados pertencem aos casos totalmente não-manifestos.

⁴ O asterisco refere-se aos casos que estão apagados ou lexicalizados.

gratificar significa *dar gratificação*, e tem o seguinte esquema casual:
gratificar

+ [___ Agt, Ben, *Obj] / Obj-lex.

Podem ocorrer com os verbos *engarrafar* e *enjaular*.



Em:

João engarrafou a cerveja.

Agt Loc-lex. Obj

onde *engarrafar* significa *pôr em garrafas*, v.t., e traz dentro de sua forma o caso Loc (Locativo) garrafas, o esquema casual será:

+ [___ Agt, Obj, *Loc] / Loc-lex.

O verbo pode conter caso lexicalizado que acaba por se manifestar na estrutura de superfície. Isso ocorre quando o caso manifesto, idêntico ao lexicalizado, faz-se acompanhar de modificador. Tal caso é denominado *cópia*.

Por exemplo:

O domador *enjaulou* o leão.

Agt Loc-lex. O

onde *enjaular* significa *colocar na jaula*, e traz dentro de sua forma o caso Loc (Locativo) jaula, o esquema casual será:

+ [__Agt, Obj, *Loc] / Loc-lex.

Embora a teoria de correferencialidade seja originariamente fillmoreana, foi Cook (1979) que a formulou em texto, como um dos aspectos da teoria dos casos não-manifestos.

Os *casos correferenciais* sintetizam duas funções casuais distintas na estrutura profunda, que possuem o mesmo referente semântico e, conseqüentemente, têm uma única representação superficial. Cook toma a frase de Fillmore como ponto de partida para a demonstração da teoria formulada.

Cook (1979, p. 208-210) demonstrou, através dos esquemas casuais, que a teoria da correferência explica como verbos morfologicamente diferentes, como, por exemplo, *ouvir/escutar* e *ver/olhar*, estão semanticamente relacionados:

Ouvir – estado: Exp, Obj(e)
Escutar – agentivo: Agt,*Exp, Obj/Agt=Exp
Ver – estado: Exp, Obj(e)
Olhar – agentivo: Agt,*Exp, Obj/Agt=Exp

Figura 21 – casos correferentes segundo Cook (1979)

Em ambos os pares percebe-se a relação semântica estabelecida pelos casos Experienciador e Objeto. Exemplo de Cook (1979, p. 206):

João *foi* a Chicago.
Agt=Obj Loc

onde João é o Agente de ir e, ao mesmo tempo, o Objeto que se desloca. Ir é verbo agentivo. Requer Agente - João - que está em correferência com o caso Objeto - João -, porque a valência semântica do verbo ir requer o Objeto que se desloca. Seu esquema casual é:

+[_ Agt,*Obj,Loc]/ Agt=Obj

A correferencialidade ocorre com verbos agentivos: o caso Agt (Agente) é correferente com outros casos exigidos semanticamente pelo verbo, tais como Exp (Experienciador), Ben (Benefactivo), Obj (Objeto), Loc (Locativo) e *Comitativo* (*Com*). Estes casos correferentes (Exp, Ben, Obj, Loc e *Com*) nunca estarão manifestos e serão identificados pela valência verbal como tendo a mesma realização do agente (Agt). Por exemplo:

*Pela manhã, o papa **recebe** seus assistentes mais próximos, como o secretário particular, para preparar o dia. (F.S.P.,01.10.97:1-16)*

Esta cena abriga o predicador *receber*, que, em seu sentido básico, indica *tomar, aceitar em pagamento*, revelando sua natureza *benefactiva*; mas neste contexto, o predicador em questão empreende o movimento semântico do *Ben* para o campo *Com*. A valência semântica (*VS*) do predicador *receber* requer um Agt (agente), numa relação de correferência com o *Com* (Comitativo). Assim, o *papa* expressa o Agt e o *Com* simultaneamente, pois é o Agt (o papa) que recebe

e fica na companhia de *seus assistentes*, e *seus assistentes* é o caso Obj, configurando o esquema casual:

Agt,Obj,*Com/Agt=Com.

Assim, sempre que em uma predicação agentiva ocorrer o fenômeno da correferência, o caso Agente será correferente a outro caso selecionado semanticamente pelo verbo.

Fillmore, em 1968, apresenta um modelo bem simplificado e também não-localista, enquanto que no modelo de 1971, localista, o seu grande mérito está na formulação da teoria dos casos não-manifestos.

1.3.8.Causativização

A causativização de enunciados ocorre quando verbos estáticos ou processuais se transformam em predicções agentivas pela adição do traço *intenção*, ou seja, as predicções passam a expressar ações ou eventos agentivos.

Partindo-se do estudo de Cruse (1973) sobre o agentivo e levando-se em conta o traço *intenção* (usado pelo autor como volitivo), percebe-se que este elemento interfere na interpretação do verbo.

Causativização

estado ou processo + *intenção* = ação

O traço volitivo (= intenção) está presente quando há um ato de intenção implícita ou explicitamente (CRUSE, 1973):

Christ died in order to save us from our sins.

Gruber (1967), citado por Cruse (1973), usa o critério de modificabilidade para detectar a volitividade. Segundo o autor, proposições que começam com *in order to* (a fim de) são testes de volitividade. Mas nem sempre é possível captar a *intenção* através deste teste.

Em proposições desse tipo, não é possível inserir o advérbio *acidentalmente*:

? *João pisou acidentalmente no brinquedo, com o objetivo de castigar a criança.*

O imperativo, usado por Anderson (1971) como teste para os ergativos (o caso Ergativo (erg) corresponde ao Agentivo de Fillmore, e é especificado como o iniciador da ação associada ao verbo. Difere do Agentivo (Agt) de Fillmore porque o Ergativo é tipicamente animado.), também é um teste de volitividade. O imperativo também não aceita o modificador *acidentalmente*:

? *Vire o balde acidentalmente.*

O autor utiliza outro critério para detectar o volitivo. A modificabilidade por *carefully* (cuidadosamente) mostra a combinação entre volitivo e agentivo:

(i) ?*João caiu da janela cuidadosamente.*

(ii) *João empurrou a porta cuidadosamente.*

Em (i), o advérbio *cuidadosamente* detecta a não-intenção de *João*. Porém, em (ii), o advérbio faz a combinação entre o traço agentivo, um dos traços semânticos captados por Cruse, e a intenção (volição).

A teoria desenvolvida no modelo pragmático utilizado por Nicolacópulos et alii (1995) e Oliveira (1999) impõe que o contexto tem papel fundamental na captação desse fenômeno. O verbo *receber* exemplifica com clareza esse fenômeno, sendo possível captar perfeitamente a diferença de efeito de sentido nos contextos em que ocorre.

Luciano Martinez Soares vai receber R\$ 2.273 (bruto) e Jorge Luiz Matinez Soares ganhará R\$ 5.003. (F.S.P., 04.01.97: 3-3).

Neste contexto, aparece o predicador *receber*, que evoca o sentido básico de *tomar, aceitar em pagamento*, e enuncia a VS que supõe a presença de *Ben* – Beneficiário, expresso através de ‘Luciano Martinez Soares’ ; e um *Obj* – Objeto (**percebido processualmente**), representado por ‘R\$ 2.273 (bruto)’.

Pela manhã, o papa recebe seus assistentes mais próximos, como o secretário particular, para preparar o dia. (F.S.P.,01.10.97:1-16)

Esta cena abriga o predicador *receber*, cujo sentido básico significa *tomar, aceitar em pagamento*, revelando sua natureza *benefactiva*; na microcena destacada, está sendo perspectivizada a noção de companhia (= receber alguém; ir ao encontro de), subsidiada pela metaforização, que promove o deslocamento de sentido do campo semântico *Ben* para *Com*. A VS do predicador requer um Agt (agente), numa relação de co-referência com o *comitativo* (alguém representado por *papa*) ‘recebe seus assistentes mais próximos, como o secretário particular’ (representado pelo caso *Obj* (objeto); **essa relação é captada agentivamente** no contexto da microcena.

Segundo Nicolacópulos & Conceição (2002, p.15), a *intenção* é um traço pragmático ligado ao sujeito-enunciador, e que leva em consideração o

conhecimento (supostamente compartilhado com o interlocutor). Nos textos jornalísticos analisados por eles, foi detectada a presença do fator *intenção* em verbos/predicadores como *querer*, *dever/ter* (no sentido de obrigação), *procurar*, *fingir*, *decidir*, *necessitar*, *tentar*, *convencer*, *buscar* e *esperar*.

Veja-se o exemplo:

Um outro local privilegiado de escuta são as barbearias ou os assentos de canto nos vagões dos trens municipais, porque em ambos os casos é possível fingir dormir, tornar-se mais ou menos invisível, e assim prestar atenção à conversa ao redor. (F.S.P.,28.12.97:5-2)

Fingir, que indica *intenção*, influencia *dormir*, verbo/predicador basicamente processual. *Dormir*, com o traço de *intenção* manifesto por *fingir*, passa a ser causativizado. Ao ser causativizado, passa a distribuir o caso agentivo, caso de verbos/predicadores de ação.

Os sintagmas nominais que indicam *intenção* como *objetivo de*, *vontade de* também afetam os verbos/predicadores: *cair* e *vencer*. O verbo/predicador *fazer* também interfere no sentido básico dos verbos estáticos e processuais: *crescer*, *pertencer*, *esquecer* e *ver* deixam de ser basicamente estado e processo e passam a ser causativizados.

Os exemplos apontados por imperativo também é um bom teste para detectar *intenção*. Vejam-se Nicolacópulos & Conceição (2002, p.17):

Acorda, governo, e vai trabalhar fiscalizando a picaretagem filantrópica. (F.S.P.,07.12.97:2-2)

Conheça iniciativas da sociedade civil para ajudar brasileiros carentes, e veja os cuidados a tomar antes de fazer doações. (F.S.P.,18.12.97:1-1)

Esse teste não permite ações involuntárias, como proposto por Cruse (1973):

?Saiba [acidentalmente] quais são os auxílios que o trabalhador pode receber nesse caso. (F.S.P.,21.12.97:6-13)

Outra forma para se detectar a *intenção* está relacionada exclusivamente à interpretação. Assim, nos enunciados em que não há nenhum elemento lingüístico que marque *intenção*, pode-se usar o advérbio *deliberadamente* para indicar ação voluntária.

Na empresa de animação Brasil Promoshow, o Papai Noel pode chegar de carro, charrete, jipe, helicóptero ou até mesmo cair [deliberadamente] de pára-quedas no meio do seu quintal. (F.S.P.,07.12.97:90-91).

No enunciado acima nenhum elemento lingüístico detecta *intenção*. Mas a introdução do advérbio *deliberadamente*, que não faz parte do texto original, indica ação voluntária desse verbo. Assim, o verbo/predicador perde o seu sentido processual e passa a ser causativizado.

1.3.9. Acepção de cenas

Em 1977, com a publicação de seu artigo *The Case for Case Reopened*, Fillmore desenvolve seu conceito de *cenas*. Neste modelo, o autor sugere que, para evitar o problema do número e da variedade dos casos, devemos separar duas coisas: uma, a análise dos papéis dos participantes em uma situação; outra, as condições sob as quais um falante pode escolher, trazer determinados participantes em perspectiva. Na análise dos papéis é necessário levar em consideração o que o falante coloca em perspectiva (ou *foreground*). A seleção que este faz dentro da cena é que determinará as funções sintáticas da frase (o que será sujeito, o que será objeto). Assim, uma hierarquia de saliência é que vai determinar o que é "*foreground*" (o que está perspectivizado na cena), e o que

ficará no “*background*” o que não está perspectivizado (outros sintagmas ficam disponíveis, ao falante, trazidos a qualquer instante para serem perspectivizados). Essa hierarquia fica respaldada pela dimensão contextual.

Fillmore propõe, então, que os significados advêm de cenas, isto é, a escolha e a compreensão das expressões estão ligadas a cenas ou situações; cada palavra ou sintagma que usamos traz consigo um contexto em que pode ser interpretado (uma cena de fundo e uma perspectiva). Cada proposição é resultado da escolha de uma perspectiva que o falante impõe ao evento. Em:

Carreguei *feno* para o caminhão.
Carreguei *o caminhão* com feno.

No primeiro enunciado, em que “o caminhão” é complemento de direção, temos uma interpretação parcial, isto é, não está implícito que o caminhão todo foi carregado. Já na segunda, em que “caminhão” é sintaticamente objeto direto, a interpretação é orientada para a totalidade, ou seja, subentende-se que o caminhão ficou totalmente carregado. Em:

Quebrei *o vaso* com o martelo.
Quebrei *o martelo* no vaso.

Na primeira frase, temos “vaso” como objeto direto, e “martelo” como um instrumento que foi usado para quebrar o vaso. Na segunda frase, temos “martelo” como objeto, e o sintagma “no vaso” um locativo, lugar onde o martelo foi quebrado. O que está em perspectiva na frase é *o que foi quebrado*, ficando em segundo plano os demais complementos (como e onde foi quebrado). Assim, a hierarquia de saliência é que vai determinar o que está perspectivizado numa determinada proposição. Sempre que um falante seleciona uma palavra, para construir um enunciado, automaticamente ele a insere dentro de uma cena na qual permite uma interpretação. De acordo com a intenção do falante de colocar

um aspecto da situação em perspectiva, será feita uma seleção da função sintática que aquele elemento exercerá no enunciado.

Quando Fillmore diz que os significados relativizam-se em cenas ele quer dizer que escolhemos e entendemos expressões porque temos ou ativamos em nossas mentes cenas ou imagens ou lembranças de experiências nas quais as palavras ou expressão têm uma função de nomear, descrever ou classificar. Sempre que entendemos uma expressão lingüística de qualquer tipo, temos, simultaneamente, uma cena de fundo e uma perspectiva sobre aquela cena. Assim, no exemplo sobre *receber* (cf. abaixo), a escolha de uma expressão determinada a partir de um repertório de expressões que ativam a cena do evento de fazer companhia a alguém traz até a mente a cena toda – a situação toda do evento *comitativo* – mas apresenta no foreground – em perspectiva – apenas um aspecto particular daquela cena.

O enunciado abaixo ilustra a noção de cena de companhia.

*Pela manhã, o papa **recebe** seus assistentes mais próximos, como o secretário particular, para preparar o dia.* (F.S.P.,01.10.1997-1-16)

Neste enunciado aparece o verbo/predicador *receber*, que detém o sentido básico de *tomar, aceitar em pagamento*, assinalando sua condição *benefactiva*. Na microcena focalizada, o predicador subsume o *transporte* de seu significado, pela via da metaforização, deslocando-se do campo semântico *Ben* para o *Com*, assumindo a noção que indica *receber alguém* (cf. Ferreira na acepção 7: *acolher (visita), receber*); assim, a valência semântica do referido predicador instaura um *Com* – Comitativo e um *Ag* - Agentivo simultaneamente, estando numa relação de correferência, representado por “papa”, e o caso Objeto do enunciado está representado por “seus assistentes”, como pode ser percebido na relação do predicador com os outros componentes da cena em que se localiza.

Quando recebemos um folheto na rua, devemos ser capazes de determinar a que tipo de discurso ele pertence: econômico, político, policial etc., ou seja, qual

é o cenário na qual é preciso que nos situemos para interpretá-lo. Cada gênero de discurso define seus próprios papéis: numa enunciação política, por exemplo, panfleto de campanha eleitoral, trata-se de um candidato dirigindo-se a eleitores; numa transação comercial, trata-se de vendedor dirigindo-se a comprador etc. Esses dois cenários, por exemplo, segundo Maingueneau (2001:87) definem o que poderia ser chamado de *quadro cênico* do texto. É ele que define o espaço no interior do qual o enunciado adquire sentido – espaço do tipo e do gênero de discurso. O leitor da política só poderá ler a referida seção política com esse quadro cênico em mente.

O modelo clássico de cena proposto por Fillmore é representado pelo evento comercial. O comprador, o vendedor, o dinheiro e o bem são os elementos que constituem um evento comercial prototípico. O falante é quem decide qual desses elementos será colocado em perspectiva ou *foreground*, de acordo com sua intenção enunciativa. O protótipo do evento comercial fica assim desenhado (FILLMORE, 1975, p.104):

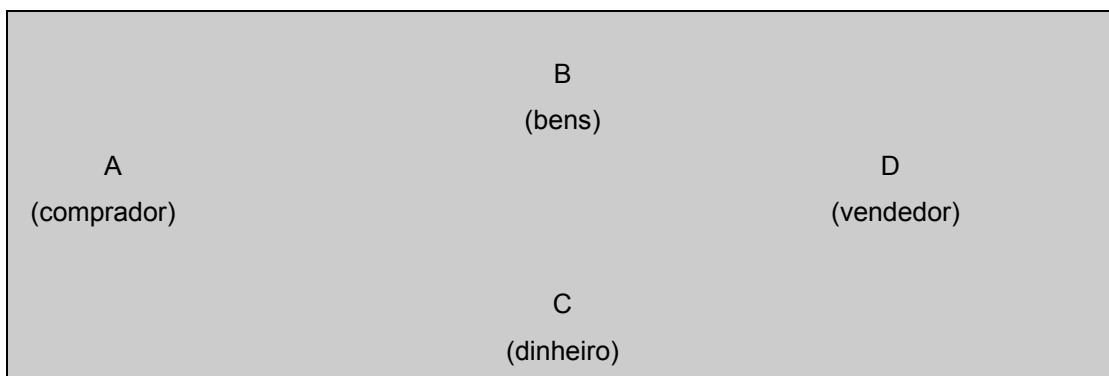


Figura 22 – protótipo do evento comercial segundo Fillmore (1975)

Representação comercial antes da negociação:

- (i) comprador de posse do dinheiro para adquirir algo: A – C
- (ii) vendedor de posse do bem para comercializar: D – B

Representação comercial final:

- (iii) o comprador adquire o bem desejado: A – B
- (iv) o vendedor recebe o dinheiro da transação efetiva: D – C

A representação comercial acima identifica o participante (i) do evento – o comprador aquele que possui o dinheiro para adquirir o bem desejado, entrega o dinheiro e recebe a mercadoria; e o participante (ii) – o vendedor aquele de posse do bem para comercializar, entrega a mercadoria e recebe o dinheiro. Essa é a representação pormenorizada de uma cena, onde temos: o comprador, o vendedor, o dinheiro e o bem a ser comercializado. Para termos um evento como uma cena mais ampla, teremos que selecionar verbos que ficaram em perspectiva conforme os elementos que ele seleciona; do ponto de vista do *comprador*, deve ser destacado o verbo *comprar*; do ponto de vista do verbo *vendedor*, deve ser destacado o verbo *vender*; focalizando o verbo *pagar* ou *gastar*, serão perspectivizados o *comprador* e o *dinheiro*. É importante ressaltar que quando tivermos um agente colocado em perspectiva, ele será o sujeito do enunciado, e o SN inanimado será o objeto direto; os demais elementos integrantes da proposição configuram-se como periféricos, isto é, estão alí na cena, mas não fazem parte da proposição, atuam como coadjuvantes, permanecendo no *background*, no pano de fundo do *quadro cênico* do texto.

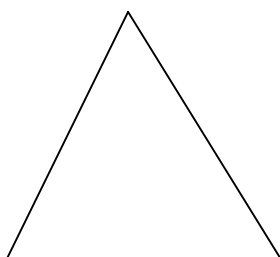
*O município de Cardoso Moreira, um dos mais atingidos, vai **precisar** de mais de R\$ 6 milhões para se recuperar.* (F.S.P.,09.01.1997:3-3)

Ao utilizar qualquer proposição que deflagre um evento - no enunciado acima, por exemplo, é ativada toda a cena dentro daquele contexto -, é o sujeito-enunciador que define qual a perspectiva que deseja enfatizar. Assim, a palavra escolhida como o verbo *precisar* já determina o que será perspectivizado na cena; esse verbo coloca em perspectiva as necessidades financeiras do Município, ficando no pano de fundo – *background* – a recuperação dele. A

opção do enunciador por uma ou por outra forma para estruturar linguisticamente o enunciado evidencia a perspectiva que o sujeito-enunciador assumiu na constituição da referida *cena* enunciativa.

Os sujeitos da enunciação – enunciador e enunciatário – são capazes de reconhecer as cenas que se instauram nos diferentes eventos/situações, bem como as funções dos participantes dos respectivos contextos. Cada um *seleciona*, de acordo com a referência que tem em seu mundo, uma pequena parte do evento (à qual atribui maior relevância) para colocar como *foreground*; no entanto, os demais componentes da situação continuam fazendo parte daquele todo, embora atuem como *background*, a fim de darem respaldo à interação dos participantes.

Os aspectos das cenas estão relacionados com representações gramaticais, e determinam o sujeito e o objeto estrutural. A sentença contém elementos gramaticais que são *núcleos* e outros que são *periferia*, mas a questão que se coloca é: *quais desses elementos serão núcleos, e como são ranqueados esses termos do núcleo?* Essa questão pode ser compreendida através da ***hierarquia de saliência***, que diz que o primeiro termo assume o papel de sujeito na cena, e o segundo exerce o papel de objeto. A hierarquia de saliência determina critérios para perspectivizar elementos numa cena, de modo que um *elemento ativo* prevalece sobre os demais, e respeita a estrutura que segue:



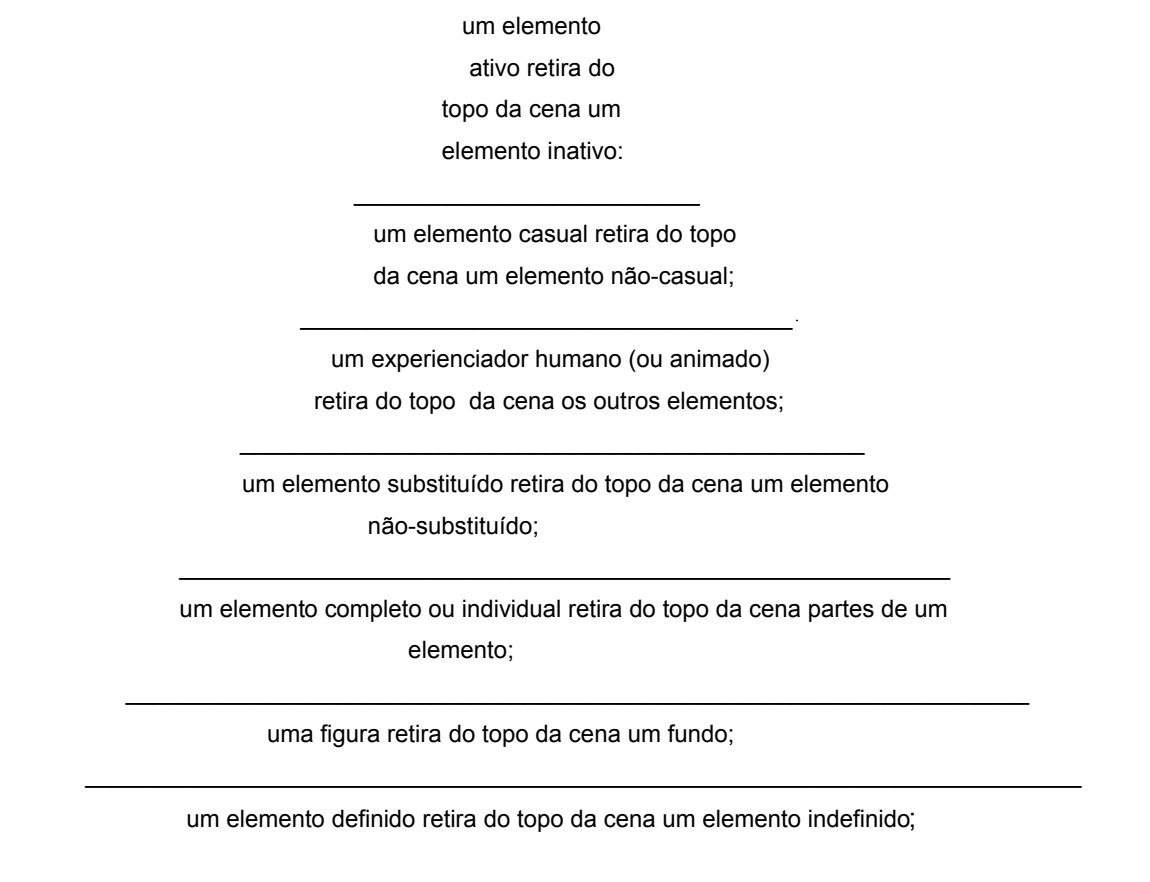


Figura 23 – Hierarquia de Saliência na teoria de Fillmore

Uma análise casual capta os empreendimentos significativos no seu todo, levando em conta o contexto de referência em que as articulações de sentido ocorrem. Os elementos postos em perspectiva dominam a *cena* que se evidencia, enquanto os outros permanecem como coadjuvantes, mas continuam como integrantes da instância enunciativa, onde o que foi perspectivizado atua como síntese.

Os verbos/predicadores contêm uma descrição de valência sintático-semântica, que se manifesta, pela Gramática de Casos, através dos esquemas casuais. Cada esquema casual é constituído de um verbo/predicador, configurado como uma microcena que compreende os minienunciados que performam as

cenar recortadas; para captar a estrutura semântica do verbo/predicador fica pressuposta a compreensão das propriedades esquemáticas dessas microcenar. É preciso conhecer quais os papéis desempenhados pelas entidades que se realizam como argumentos, para complementar a valência semântica do verbo, constituindo a *síntese enunciativa*, objeto de análise deste trabalho.

Do ponto de vista do uso da linguagem, verificamos que todos os enunciados acontecem num discurso dado. A análise deve sempre levar em conta o contexto; devemos estudar os enunciados como discurso, levando em conta os fatores pragmáticos que possibilitam a sua produção e a interpretação. Nessa perspectiva é que se constituem os efeitos de sentido que fazem com que cada discurso seja um fato novo, e fazem da língua um universo capaz de conter a capacidade de produção; ainda que com expressões velhas, temos um número infinito de novos sentidos, criados e recriados a cada ato de enunciação (OLIVEIRA, 1995, p. 52).

1.3.10. Predicador focado na pesquisa

A presente pesquisa incide no predicador da categoria *comitativo* e propõem a idéia de que o referido caso pode se apresentar com diferentes matizes semânticos, distribuídos num *continuum* funcional, envolvendo um tipo de predicador básico e outro metaforizado. Trata da constituição de enunciados *comitativos* a partir de predicadores comitativos propriamente ditos, assim como da emergência de enunciados comitativos a partir de predicadores metaforizados em comitativos no âmbito contextual do(s) enunciado(s) indicando a dinamicidade da linguagem.

O caso *comitativo propriamente dito* é aquele que inscreve seu sentido básico como *fazer companhia*. O sentido básico funciona como aquele *sentido primeiro*, resguardando os critérios de familiaridade com vistas a assegurar as relações sócio-interativas inerentes à convivência dos grupos familiares, sociais, culturais das diversas comunidades.

Por exemplo:

*O prefeito de São Paulo, Celso Pitta (PPB), **visitou** seu antecessor Paulo Maluf no Hospital Sírio-Libanês no fim da tarde de ontem. (F.S.P.,03.01.97:1-6)*

Conforme Houaiss, *visitar* é: ato ou efeito de visitar (algo ou alguém); **visitação 1** ato de ir a algum lugar para estar com (alguém) ou para ver ou apreciar (algo). O sentido da microcena acima denota ‘fazer companhia a alguém’, resenhando o *caso comitativo propriamente dito*.

*Como é que você se separa de uma mulher em 88, em outubro de 97 se **divorcia** dela e, 20 dias depois, se casa com a mesma mulher? (F.S.P.,27.11.97:1-10).*

A cena destacada envolve o verbo-predicador *divorciar-se*, cujo sentido básico expressa a idéia de ‘separar-se judicialmente’, manifestando sua constituição comitativa, com sentido de não-na-companhia de alguém.

Numa pesquisa realizada recentemente (ROCHA, 2003) sobre o *funcionamento do caso associativo⁵/comitativo na linguagem jornalística*, observei que na maioria dos dados: 82% (num universo de 87 enunciados retirados do Diário Catarinense(DC) de março e abril de 2003), teve-se o caso *associativo⁶/comitativo metaforizado*, isto é, advindo de outros campos semânticos em direção ao associativo/comitativo, usado no sentido de ‘fazer companhia’. Assim, uma minoria que se comporta como predicador básico.

Do total de 87 verbos/predicadores analisados, 71 manifestaram-se no sentido metafórico e 16 no sentido básico, de acordo com o contexto de ocorrência. Consultando os dados, fica evidente a preferência do enunciador por proferir uma metáfora para causar um certo *efeito de sentido*. Observei, também, a realização do caso associativo/comitativo em relação à posição sintática de complemento verbal, na função de objeto (33%), seguida de adjunto adverbial

⁵ Givón (1993) baseia-se em Fillmore (1968) em relação aos papéis semânticos que os casos representam.

(29%), sujeito (14%), apagado (14%)⁷ e complemento nominal (10%). Em relação à transitividade verbal, a concentração maior de ocorrências se dá com verbos transitivos (59%), seguido dos verbos intransitivos (31%) e, por último, dos verbos de ligação (10%). Quanto à ordem em relação ao verbo, os dados se concentram na posição pós-verbal (82%), com percentual baixo de posição pré-verbal (18%).

Em relação à topicalidade, podemos caracterizar o comportamento preferencial do caso associativo/comitativo como *tópico secundário* (cf. Givón, 1993), com a seguinte distribuição:

Associativo/Comitativo propriamente dito/metaforizado/objeto/verbo transitivo/ posposta ao verbo.

A presente pesquisa baseia-se na hipótese de que a descrição dos casos através de *cenas* favorece a interpretação das implicações pragmático-discursivas que se empreendem no contexto em que ocorrem. Também apresenta as nuances de sentido do caso comitativo em duas perspectivas: sua constituição enquanto sentido básico e as metaforizações, estas projetadas como via dupla – do sentido básico comitativo, metaforizando-se em direção a outros campos casuais (semânticos); e de outros campos semânticos, metaforizando-se em direção ao caso comitativo.

Muito abalado emocionalmente, com tremores e dificuldade de andar, Castro ainda deveria permanecer internado esta noite, segundo a direção do hospital. (F.S.P., 10.07.97:3-3)

Ao focalizar esta cena, fica evidenciado que, de acordo com sua projeção contextual, está sendo perspectivizada a idéia de ‘dar passos, caminhar, mover-se’. Aqui fica configurado o sentido básico de uma predicação Loc (locativa): andar.

⁶ O caso que denota companhia é denominado por Givón (1993) de Associativo que equivale ao Comitativo de Fillmore (1968) e de Nicolacópulos (1992).

*O irmão do garoto, Fernando, 9, disse que, mesmo sem ir às aulas, o menino não **andava** com más companhias do bairro. (F.S.P.,03.07.97:3-2)*

Aqui é possível perceber a via contrária da metaforização: no enunciado acima o indicador espacial *andar* é projetado de seu domínio locativo para o domínio comitativo, indicando o efeito de sentido que perspectiviza companhia ‘não andava com más companhias do bairro’, o que caracteriza uma predicação *comitativa* (Com).

Os fatores que constituem a significação resultam na combinação entre verbo-predicador com seus argumentos subsumindo caráter polissêmico e/ou metafórico inerente nos enunciados. É dentro desse contexto que se articulam os elementos contextuais e complementares à constituição das macrocenas, subsidiando a relação entre o que é perspectivizado (a personagem principal da cena) – foreground – e o que atua com coadjuvante, ficando no background da cena.

É a partir desse entrelaçamento que procuro demonstrar como se constituem os enunciados Comitativos (Com). Ao lado disso, pretendo assinalar as nuances de sentido que se instauram no âmbito dessas predicações e que traduzem as relações expressas pela valência semântica do verbo-predicador, dando conta do que pode ser interpretado como companhia.

1.4. Processo de Metaforização

Durante séculos a metáfora esteve ligada à poesia de uma forma diferente daquela que se acredita hoje, talvez nem tanto por uma mudança no conceito de metáfora, mas no próprio conceito de poesia e de mente. *O poético vem do coração, não pode estar na mente, pois a mente é literal, acreditava-se.* Fazia-se uma distinção clara entre a linguagem poética e a linguagem comum, vendo-se a primeira como um dom especial de alguns e a segunda, como a linguagem de todos. A metáfora era particular da linguagem poética, era confusa, meramente

⁷ O caso apagado é aquele que não aparece na estrutura de superfície.

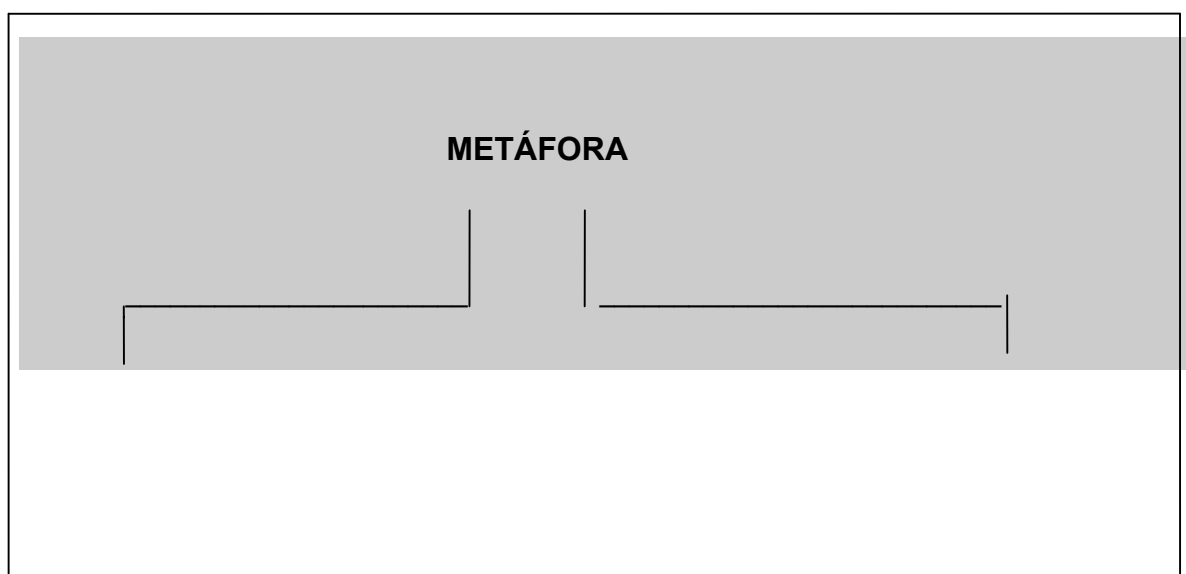
emotiva, e deveria ser evitada na linguagem comum, visto que inadequada ao discurso sério, em especial na filosofia e na ciência, porque ela era uma ilusão.

Vários estudiosos, contudo, têm observado que a linguagem comum, aquela usada normalmente pelo homem no seu dia-a-dia, é repleta de metáforas, por exemplo Lakoff (2002, p. 45). A metáfora passou a ser considerada como um elemento importante no processo de entendimento da própria compreensão humana, e não mais como um mero ornamento do discurso.

Etimologicamente, a palavra *metáfora* provém do grego, resultando da combinação do advérbio *metá* (por detrás, além) com o verbo *pheréin* (levar, conduzir): é uma mudança, transferência, transposição; mudança de sentido próprio para o figurado.

Na Poética de Aristóteles, a *metáfora* é definida como um conjunto genérico-analógico, como um cruzamento de figuras de mudança de sentido; é também, a transferência de um nome estranho, estrangeiro (*allótrios*) de uma coisa para outra, transferência do gênero para a espécie, da espécie para o gênero, da espécie para a espécie e, por fim, motivada pela relação de analogia. Aristóteles define a *metaphorá* como uma *epiphorá*: é um termo descrito como uma espécie de deslocamento, transferência, movimento de... até...(FILIPAK,1984, p. 24-25).

A literatura aponta três teorias sobre a metáfora, cada uma inscrita em diferentes filiações teórico-metodológicas: a visão pragmática, a visão cognitiva e a visão semântica.



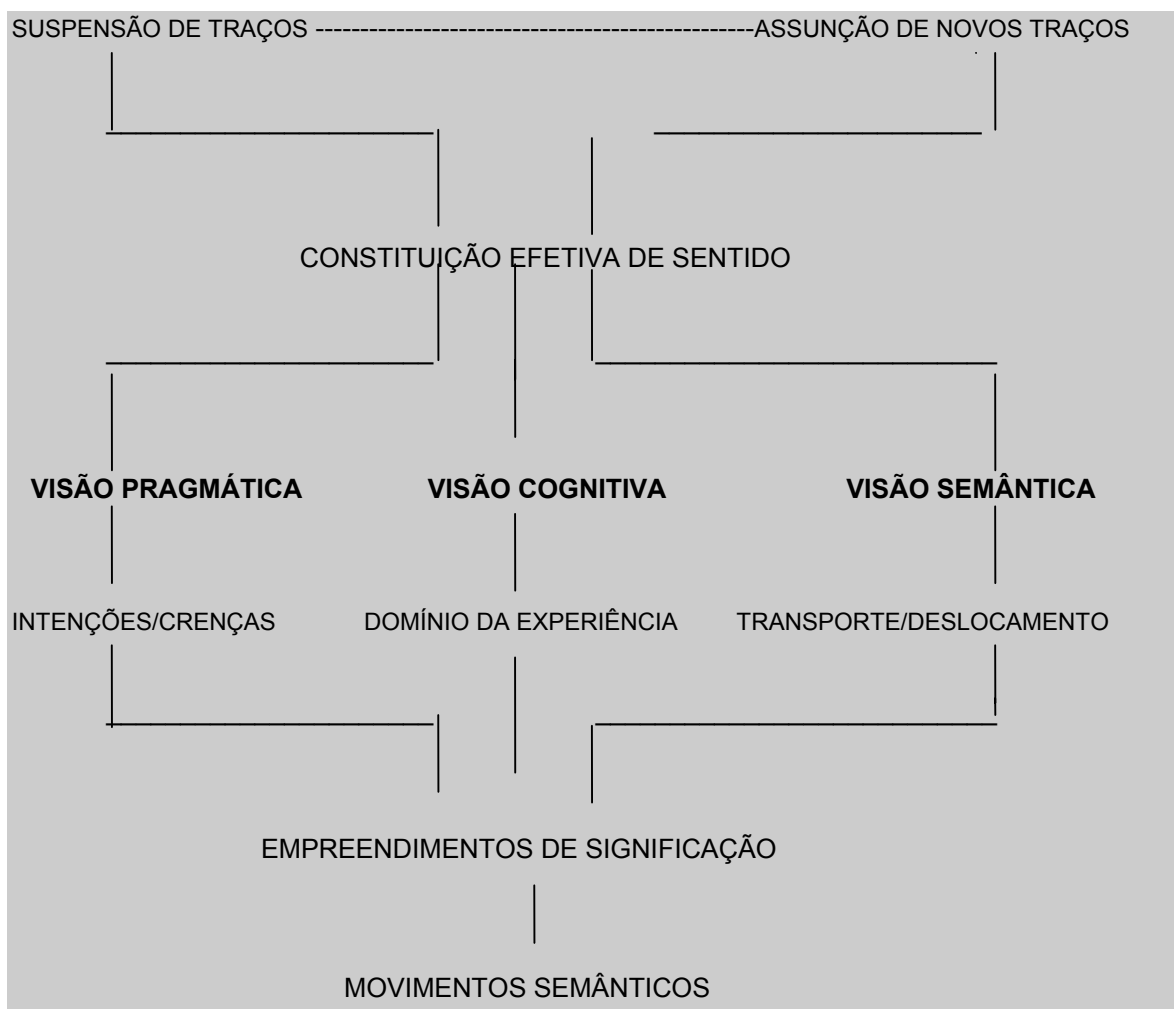


Figura 24 – Diferentes visões sobre o processo da Metáfora

Grice (1975), Searle (1979) e Davidson (1992) são figuras representativas no que diz respeito à perspectiva pragmática da metáfora.

A partir da década de 70, cresce o interesse dos estudiosos do campo da lingüística pela abordagem pragmática, em especial por aqueles que se interessavam em explicitar a língua em ação, através dos atos lingüísticos e dos contextos em que eram usados. Nessa concepção, o emissor procura uma intenção comunicativa que vai além do mero significado lingüístico, a fim de que seja assegurado o acordo entre o que é dito e o que o sujeito-emissor pretende que seja entendido com que deseja significar.

Para construir uma interpretação, o destinatário deve supor que o produtor do enunciado respeita certas regras de comunicação: por exemplo, que o enunciado é “sério”, que foi produzido com a intenção de comunicar algo que diz respeito àqueles a quem é dirigido. Evidentemente, a característica de ser sério não está *no* enunciado, mas é uma condição para uma interpretação correta: até prova em contrário, se vejo uma placa com a proibição de uso de celular em uma sala de espera, vou presumir que o aviso é para valer. Não posso retrair a história dessa placa para ter certeza: o simples fato de entrar num processo de comunicação verbal implica que se respeitem as regras do jogo. Isso não se faz por intermédio de um contrato explícito, mas por um acordo implícito, subentendido, inseparável da atividade verbal. Entra em ação um saber mutuamente conhecido: cada um postula que seu parceiro aceita as regras e espera que o outro as respeite.

Tais *princípios* que desempenham um papel considerável na interpretação dos enunciados são um conjunto de normas que cabe aos interlocutores respeitar, quando participam de um ato de comunicação verbal. Grice coloca esses princípios na dependência de uma lei superior, que ele chama de *princípio de cooperação*. Paul Grice surge na década de 60 com as *máximas conversacionais*.⁸

Nesta perspectiva, para Davidson (1992), o falante tem a expectativa de que suas palavras sejam interpretadas como ele próprio o faz, porque tem a *intenção* de ser compreendido. Deve haver uma convergência entre a *intenção* do falante, ao dizer algo, e a *interpretação* do ouvinte, que deve se aproximar da intenção do falante. A comunicação ocorre através de um esforço mútuo entre falante e ouvinte. O falante empenha-se para ser entendido pelo ouvinte; este, para entender aquele. Quando o entendimento do ouvinte se une com a expectativa do falante, o significado foi compreendido. A comunicação não ocorre, portanto, meramente em função de um código compartilhado, mas em virtude da capacidade humana de fazer convergir significados, ou seja, não há nenhuma

⁸ As máximas conversacionais são princípios que regem a comunicação cooperativa. Elas são quatro: a máxima da relevância, a máxima da qualidade, a máxima da quantidade e a máxima do modo.

intervenção de regras e convenções para a compreensão do significado, pois a compreensão do significado acontece durante o ato de comunicação e é sempre diferente a cada vez.

A convergência de significados entre interlocutores num dado contexto ocorre quando o sistema lingüístico de um, com todos os seus conceitos, se ajusta ao sistema lingüístico do outro. A comunicação, no entanto, segundo Davidson (CHAQUI, 2001, p. 47), nunca se dará cem por cento, visto que nunca se poderá saber totalmente o que se passa na cabeça de uma outra pessoa nem ela quererá que se saiba. É impossível, assim, alcançar as intenções ou significados. No entanto, para que a comunicação aconteça, é necessário que haja no mínimo convergência no “significado primeiro” ou intenção semântica.

Davidson (1992) defende a idéia de que a metáfora pertence ao domínio da intenção; não é propriamente semântica, porque o falante, ao proferir uma metáfora, tem a intenção de mostrar uma semelhança no mundo. Assim, a metáfora é uma intenção para além da intenção semântica. Segundo ele, interpretar um proferimento metafóricamente é perceber semelhanças novas no mundo. A intenção do falante, ao produzir uma sentença metafórica, é levar o leitor a perceber ou descobrir uma semelhança nova entre dois objetos. O próprio leitor é incitado a descobrir tais semelhanças, visto que a metáfora apenas insinua algo que vai além das palavras ditas. O falante faz uma metáfora para chamar a atenção sobre uma semelhança no mundo não percebida anteriormente. Com a metáfora, o falante tem a intenção de revelar um novo mundo, de criar um novo mundo.

Ao proferir uma metáfora – *A moda é minha vida* – não se quer fazer aprender um novo sentido para a palavra *vida*, mas usa-se o termo *vida* no seu sentido literal, já conhecido, para apontar semelhanças ou dessemelhanças criadas para o mundo, para destacar uma nova forma de recortar o mundo, de percebê-lo. A linguagem, assim, interage com o mundo e o pensamento simultaneamente. Os significados das palavras não são modificados, apenas são usados de maneira diferente. Na metáfora o *trânsito* do significado se dá por meio

de um *continuum*, mediado por suspensão e assunção de traços significativos, o que possibilita a produção de novos efeitos de sentido. Para Davidson, a metáfora não é uma mudança de sentido, mas um uso particular das palavras. Nessa teoria, a convergência de significados é fundamental não somente para a construção da metáfora, como também para o significado em si. Comunicar-se significa convergir todo o tempo. Essa capacidade que nós temos de convergir é, segundo Davidson, uma arte, não previsível e não redutível a um conjunto mecânico de regras. Dessa forma, o autor chega à conclusão de que uma teoria sobre como ocorre a interpretação de uma metáfora é impossível de ser estabelecida, por dois motivos: não há como prever a intenção das pessoas, e não há regras que ditam como procurar as semelhanças no mundo.

A teoria da metáfora de Searle (1979) também tem como base uma diferenciação entre significado do falante e significado da sentença. A alteração metafórica se faz quando o falante fixa uma intenção à sentença. O elemento metafórico não faz parte do significado da sentença, porque metáfora não é uma questão semântica, mas pragmática. Esta concepção diverge da proposta por Black (1962), que vê a metáfora como parte do significado da sentença. Para Black a metáfora é um processo semântico que, a nível sentencial, cria um significado ou sentido metafórico (CHAQUI, 2001, p. 86).

Searle, no entanto, concorda com Black em que o que torna o conteúdo semântico de um proferimento metafórico verdadeiro não é sempre a realidade, mas as crenças que os falantes possuem da realidade. A símile literal de uma metáfora nem sempre possui as mesmas condições de verdade de um proferimento metafórico. A paráfrase correspondente à metáfora pode ser falsa enquanto o conteúdo semântico da metáfora pode ser verdadeiro, ou vice-versa. Searle apresenta como exemplo a sentença – *Ricardo é um gorila* – que tem o objetivo de traçar similaridades entre Ricardo e um gorila. Imagina-se naturalmente que gorilas são agressivos, intolerantes, repulsivos, etc. O falante, ao proferir a sentença, tenta estabelecer uma conexão entre o comportamento de gorilas e o de Ricardo. Assim, Ricardo se caracteriza por se comportar de maneira agressiva, intolerante, etc. Essa crença sobre gorilas projetada sobre

Ricardo, segundo Searle, pode não se aplicar a gorilas de fato, visto que foi averiguado que gorilas, na realidade, são seres dóceis e retraídos. Assim, a símile literal, *Ricardo é como um gorila*, é falsa. Porém as características referentes a Ricardo continuam verdadeiras para quem proferiu a sentença, ou seja, Ricardo, de fato, é agressivo e intolerante. Segundo Searle, as expressões que usamos para exprimir um conteúdo metafórico normalmente dependem daquilo que acreditamos que os fatos são. Entretanto, muitas vezes aquilo que é visto como um fato, de fato não é. Portanto, para Searle os processos semânticos envolvidos na produção e compreensão de proferimentos metafóricos não podem eles mesmos envolver referências, mas devem estar a nível de intencionalidade, isto é, devem envolver relações a nível de crenças, sentidos, associações, etc. (ou seja, de formações imaginárias).

Desse modo, segundo Searle, o proferimento metafórico – *Ricardo é como um gorila* – pode ser verdadeiro mesmo se os gorilas não tiverem as características que a ocorrência metafórica de gorila serviu para transmitir. Não é necessário que os proferimentos metafóricos sejam equivalentes em sentido às declarações literais de similaridade (CHAOUÏ, 2001, p. 87).

Segundo Searle, literal pode aparecer então como primordial, direto; como condições de verdade (sentido independente de contextos especiais de uso); como coincidência entre o significado do emissor e o significado da palavra ou do enunciado.

A figura 25 mostra a importância do contexto na metáfora-enunciado, porque só dentro do contexto as palavras possuem uma significação, e é onde ocorre o processo de metaforização.

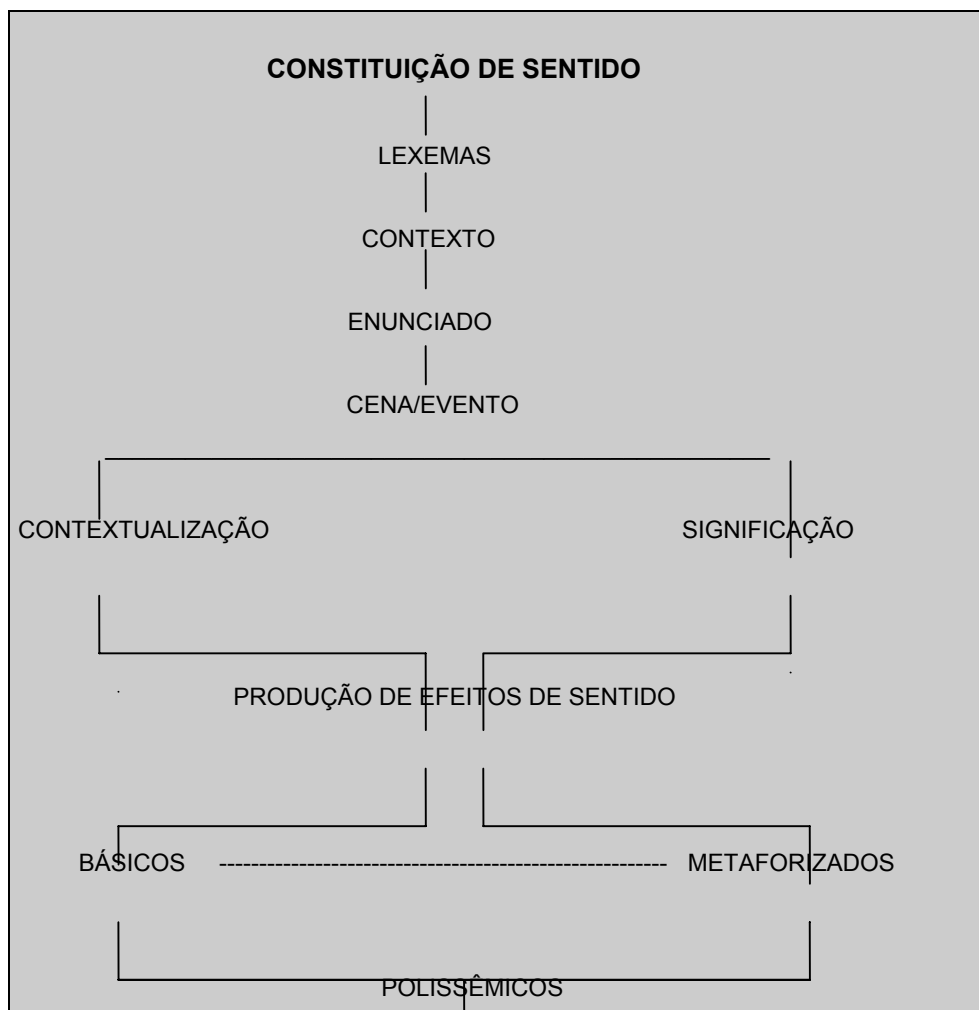


Figura 25 – Processo Metafórico

O sentido figurado das palavras se constitui de significações contextuais, de uma significação emergente que existe hic et nunc (FILIPAK, 1984, p. 148). Filipak acrescenta que a colisão semântica, que obriga a um deslocamento da conotação, dá à atribuição metafórica não só um caráter singular, senão um caráter construído. A atribuição metafórica constrói uma rede de interações que faz do contexto um contexto atual e único. Essa construção é o meio pelo qual todas as palavras tomadas em seu conjunto recebem um sentido. O deslocamento metafórico é, por sua vez, segundo Ricoeur, *um acontecimento e uma significação, um acontecimento significante e uma significação emergente criada pela linguagem*. (op. cit. p. 121).

Diariamente, nas diversas situações de uso da linguagem, emprega-se vocábulos/palavras com sentidos diferentes do seu sentido de base (literal). Essa

diferenciação é fruto de um processo lento e constante de mudança de sentido das palavras que são efetivamente usadas pelos falantes. Quando um novo sentido é assimilado pela comunidade e se generaliza, aquela palavra amplia seu campo de significação. Esse processo é essencial para que se mantenha a vitalidade da língua - é um processo de renovação, chamado metafórico ou polissêmico.

A polissemia do signo isolado existe no eixo paradigmático da língua, onde, através da analogia, de uma certa relação de parentesco no significado (ou através da manutenção de alguns semas – o vestígio do sentido básico), um vocábulo poderá ser usado no lugar de outro, devido a seus variados significados.

Polissemia remete a *mesma forma* com mais de um significado; a homonímia é definida como a ocorrência de dois ou mais signos com significantes idênticos, mas com vários significados. Sua atuação é no paradigma.

Com relação a verbos polissêmicos, pode-se dizer que, de acordo com a GC, quando um mesmo verbo apresenta um mesmo esquema casual dentro do mesmo campo semântico, ele é polissêmico, mas não metafórico. Assim, o caso Benefactivo pode ser um exemplo de polissemia. Ele denota *ganho/perda*, posse, poder, liderança, *malefício/benefício*, transferência de propriedade.⁹

*Karini considera a proposta do governo de Beirute um avanço – apesar das críticas no Líbano de que a medida ameaçaria o atual equilíbrio entre muçulmanos e cristãos no país; os descendentes não **perderiam** a nacionalidade brasileira. (Z.H.21.11.98:8)*

Na microcena, acima, fica instanciada a noção de *malefício*, e a vs do referido predicador pressupõe a presença de um Ben – beneficiário, representado por ‘os descendentes’, e de um Obj, que está expresso em ‘a nacionalidade brasileira’, captados processualmente neste contexto.

O esquema casual do predicador é: + [_ Ben,Obj]

*Ou você vem para o PFL, ou você não vai **receber** dinheiro para pagar suas obrigações.* (Z.H.17.10.96:5)

No contexto acima, a VS encerra a presença de um Ben – beneficiário, representado por ‘você’; e de um Obj, expresso por ‘dinheiro’, ambos instanciados processualmente neste contexto.

Seu esquema casual é: + [_ Ben,Obj]

Já no processo de metaforização podemos notar, nos exemplos abaixo, o movimento semântico que os predicadores fazem ao saírem do seu campo semântico - de origem - com destino a outro campo semântico.

*Duas horas antes do Boeing 707 da Midle East Airlines (MEA) aterrisar em Porto Alegre, o Aeroporto Salgado Filho já estava pronto para **receber** o presidente do Líbano, Elias Hrawi, e sua comitiva de 54 pessoas.* (Z.H.12.12.96:13)

Esta cena abriga o predicador *receber* que, em seu sentido básico, indica *tomar/aceitar em pagamento*, revelando sua natureza *benefactiva*; na microcena destacada, está sendo perspectivizada a noção de companhia (=receber alguém/ir ao encontro de), subsidiada pela metaforização, que promove o deslocamento de sentido do campo semântico Ben para o Com. A vs do predicador requer um Agt, numa relação de correferência com o *comitativo* (alguém, subsumido no contexto, metonimicamente, por Aeroporto Salgado Filho): ‘recebe o presidente do Líbano e sua comitiva de 54 pessoas’; essa relação é captada agentivamente no contexto da microcena. O esquema casual resultante é: + [_ Agt, Obj, *Com]/Agt=Com –apag.

*Mulheres **perdem** homens na hora do gol (jogo).* (F.S.P.06.06.97)

⁹ Exemplos retirados da Tese de doutorado de Avani de Oliveira(1999).

Nessa predicação, o verbo *perder* tem seu sentido básico (primeiro) de ‘perder algo’ transportado para assumir nova nuance de sentido, que deflagra a noção de ‘deixar de estar em companhia de’, ficando, por isso, deflagrada a metaforização. O verbo-predicador ‘migra’ de seu campo semântico de origem – perder algo concretamente – para o campo semântico de Com (Comitativo), evocando a idéia de ‘perder a companhia de alguém’.

Assim, fica ratificada a idéia de que, no plano lingüístico, a significação se instaura a partir da relação entre dois ou mais termos, integrados a um contexto situacional determinado.

Com relação à visão cognitiva da metáfora, Max Black (1955) foi o precursor do pensamento moderno de que *a metáfora não é um mero ornamento do discurso*, mas é cognitiva, isto é, ela produz conhecimento. A metáfora passou a ser considerada como um elemento importante no processo de entendimento da própria compreensão humana. O processo de compreensão da metáfora envolve um exercício intelectual específico, cujo valor cognitivo é único e intransponível, perdendo-se totalmente este valor ao tentar-se traduzir um proferimento metafórico. A teoria de Lakoff & Johnson (1980) é de que o processo metafórico consiste na compreensão de um conceito em termos de outro conceito, pertencente a um campo experiencial mais conhecido.

O sistema conceitual do homem emerge da sua experiência com o próprio corpo e o ambiente físico e cultural em que vive. A metáfora lingüística só é possível porque existem metáforas no sistema conceitual humano, conseqüentemente, seu uso é automático, não exige esforço de interpretação e faz parte do modo de pensar de uma comunidade lingüística.

Segundo Lakoff & Johnson, alguns conceitos centrais em termos dos quais o corpo humano funciona são mais bem delineados que outros. As experiências emocionais, por exemplo, são tão básicas quanto as experiências espaciais e perceptuais, mas as emocionais são muito menos delineadas. Além disso, uma estrutura conceitual bem delineada para espaço, por exemplo, emerge do

funcionamento perceptual-motor do homem, mas nenhuma estrutura conceitual bem definida para emoção emerge apenas do seu funcionamento emocional. Assim, um conceito abstrato, complexo e pouco estruturado como *amor* precisa ser pensado em termos de um outro, concreto, mais simples e mais bem estruturado, como *viagem*, por exemplo, em que os *amantes* são entendidos como *viajantes* e seu relacionamento como o *veículo* em que viajam com um destino comum (LIMA, 1999, p. 29):

Veja só onde chegamos.

Não dá mais para continuar, é melhor você seguir o seu caminho e eu o meu.

Percorremos uma longa estrada juntos.

Nosso relacionamento não vai chegar em lugar nenhum.

Metáfora, portanto, é *compreender e experienciar um tipo de coisa no lugar de outro* (LAKOFF & JOHNSON, 1980, p. 5). E isso acontece normalmente quando se sai da experiência física concreta e começa-se a falar sobre abstrações ou emoções.

Grande parte das metáforas conceituais está relacionada à orientação espacial do homem – noções como em cima-embaixo, dentro-fora, frente-atrás, centro-periferia – que emerge do fato de ele ter um corpo como o que tem e interagir como interage com o ambiente físico (LAKOFF & JOHNSON, 1980, p. 57-58). Por exemplo, a noção *em cima* nasce do fato de que quase todo movimento que o homem faz (ficar de pé, deitar-se para dormir) envolve constantemente um programa motor que muda, mantém ou pressupõe a orientação *em cima-embaixo*.

Lakoff & Johnson, pesquisando sobre o significado das palavras na lingüística e na filosofia ocidentais, concluem que a metáfora faz parte da nossa vida diária, não apenas na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Eles concluem que nosso sistema conceitual comum, que orienta nosso

pensamento e nossas ações, é fundamentalmente metafórico por natureza. Nossa percepção é construída em cima de nossos conceitos, assim como nossas ações e nossas relações com outras pessoas. Nem sempre, entretanto, nós temos plena consciência de nosso sistema conceitual, e agimos e pensamos mais ou menos automaticamente. Lakoff & Johnson partem então do estudo da linguagem para mostrar como este sistema é elaborado e também como ele é culturalmente diferenciado (TOLENTINO, 1990, p. 77-78).

Toda metáfora, para ser compreendida, precisa ser inserida dentro de uma base experiencial. De acordo com Lakoff (op. cit., 1980), nossas crenças não são independentes, mas devem formar um sistema coerente com os conceitos metafóricos com que nós convivemos.

*Idéias são plantas*¹⁰ (idéias são organismos)¹¹

A raiva é matéria (metáfora de entidade)

O céu está em cima (metáfora de orientação); as almas de pessoas virtuosas vão para o céu – o que está para cima é bom.

O inferno está embaixo; as pessoas depravadas vão para o inferno – o que está para baixo é ruim.

Estes conceitos são elaborados a partir do sentido dado no texto, mas seu significado pode ser compreendido através de diversas expressões cotidianas que nós usamos em relação a cada elemento. Os exemplos abaixo foram retirados de Tolentino (1990, p. 81-82):

Idéias são plantas (metáforas estruturais): ter mentalidade fértil/ser fértil em idéias; as idéias crescem; idéias morrem; idéias nascem; as idéias proliferam; amadurecer uma idéia; semear idéia; podar a criatividade, as idéias; espalhar idéias; vender idéias; comprar idéias; idéias florescem etc.

¹⁰ Tolentino está analisando o filme *Being There*, que em português recebeu o nome de *Muito além do jardim*.

¹¹ Lakoff classifica as metáforas em três classes: estruturais, ontológicas e orientacionais. Metáforas estruturais (*Idéias são plantas*) estruturam um conceito em termos de outro. Metáforas ontológicas (*A raiva é matéria*) permitem-nos ver eventos, atividades, emoções e idéias, etc. como entidades e substâncias.

Raiva é matéria (raiva considerada como uma entidade – Metáfora ontológica): segurar a raiva; encher de raiva; ficar com raiva; fazer as coisas com raiva; ficar vermelho de raiva; esquentar (de raiva); ficar frio (sem raiva); perder a raiva etc.

O céu está em cima (Metáforas orientacionais): O inferno está em baixo; feliz é para cima, triste para baixo; consciente é para cima, inconsciente para baixo; saúde e vida para cima, doença e morte para baixo; ter controle ou força é para cima, estar sujeito a controle ou força é para baixo; mais é para cima, menos é para baixo; bom é para cima, ruim é para baixo; a virtude é para cima, a depravação para baixo.

Para Lakoff, a realidade social definida por uma cultura afeta sua concepção de realidade física. Assim, o que é real para um indivíduo de uma sociedade ou membro de uma cultura é produto de sua realidade social, e isto afeta a forma de sua experiência do mundo físico. Como muito da nossa realidade social é entendida em termos metafóricos, e visto que nossa concepção de mundo físico é parcialmente metafórica, metáforas, então, exercem um papel importante em determinar o que é real para nós.

Diz Lakoff (1980) que na maioria dos casos, o que está em evidência não é a verdade ou falsidade de uma metáfora mas as percepções e inferências tiradas dela e as ações sancionadas por ela. Em todos os aspectos da vida, não apenas na política e no amor, nós definimos nossa realidade em termos de metáforas e então passamos a agir na base dessas metáforas. Tiramos inferências, traçamos objetivos, fazemos compromissos e executamos planos, tudo baseado na maneira com que estruturamos nossa experiência, consciente e inconscientemente, através da metáfora. (TOLENTINO, 1990, p. 88).

Segundo Nicolacópulos (1992), Nicolacópulos et alii (1995), Oliveira (1995), Rocha (1998) e Oliveira (1999), o processo metafórico instaura-se a partir da *intenção* do sujeito-enunciador, levando em consideração o conhecimento (supostamente) compartilhado do interlocutor, que faz o sentido pretendido trafegar pelo item lexical escolhido, *estendendo* (expandindo) sentidos que resguardam o vínculo, por *similitude*, com seu sentido básico. Desta forma, a metáfora se realiza por movimento semântico que configura *extensão ou alargamento* de sentido envolvendo minimamente dois pontos, representados por **x** e **y**: **x**→**y**, onde “**x**” representa o sentido básico, ponto-de-partida do movimento semântico, determinado pela *intenção* do enunciador, e “**y**” ponto-de-chegada, que assinala a ‘completude’ do deslocamento realizado. Mais concretamente, em muitos casos, que serão analisados mais adiante, poder-se-á interpretar, por exemplo, a noção de *companhia* como extensão ou ponto-de-chegada de um movimento que se inicia no domínio conceitual espacial: espaço→companhia [**x**→**y**], constituindo uma nova formação semântica, onde coabitam as noções de espaço e companhia em um mesmo item lexical, perspectivizando a noção de *companhia* e deixando a noção de *espaço* no *background*, como pano-de-fundo. A ambivalência desta nova formação, com prevalência de um sentido sobre o(s) outro(s), resulta da *intenção do enunciador* em causar um determinado efeito de sentido.

Na microcena abaixo está expresso o predicador **afastar**, que contém o sentido básico de ‘distanciar(-se)’ o que configura sua natureza locativa (Loc).

1. “A asma ocupacional atinge principalmente adultos e tende a melhorar nos finais de semana e férias, quando a pessoa se **afasta** do local de trabalho. (F.S.P., 11/09/97, p. 3-11)”

2. “Eu disse: com lobista eu só falo à luz do dia, disse o ministro, ao se **afastar** de Luis César.” (F.S.P., 02/07/97, p. 2-5)”

No contexto 1 fica perspectivizada a noção de lugar: alguém que se afasta, se distancia de algum lugar, portanto tem-se o locativo (Loc) representado por 'do local de trabalho'; assim, a *vs* do predicador assinala a presença de um Agt(agente), em correferência com um Obj(objeto), pois ele é o agente que se desloca de um lugar para o outro e ao mesmo tempo o objeto (Ob) deslocado, afastando-se do seu lugar de origem, representado por 'do local de trabalho', evidenciando o domínio espacial. Nesta microcena temos a seguinte grade temática: Agt, Obj, Loc/Agt = Obj. No contexto 2 os traços que se referem à localização (afastar em 1.) ficam rebaixados (no background); em seu lugar, são perspectivizados outros, que indicam 'sair da companhia de' que expressam companhia; esse novo efeito de sentido é viabilizado pelo deslocamento que ocorre do domínio semântico espacial para o domínio comitativo. Na microcena analisada, a *vs* do referido predicador pressupõe um Agt e um Obj, dois casos para um papel temático (Agt = Obj), indicado em 'o ministro', aquele que se afasta da companhia de 'Luis Cesar', representado por Com, configurando a seguinte grade temática: Agt, Obj, Com/Agt = Obj-apag; **Loc**→**Com**.

Segundo esta abordagem, as extensões de sentido ocorrem em nível relacional e em nível referencial. Os papéis semânticos, casos ou argumentos expressam as noções de *benefício*, *tempo*, *espaço*, *companhia*, *agentividade*, *experenciação* e *holismo*, relacionalmente, ou seja, ao nível de toda a predicação.

Os papéis semânticos ou casos constituem *domínios semânticos* (Cook, 1989: 194) expressos relacionalmente: as noções de estado, processo e ação constituem o domínio semântico *básico*; as noções de posse, propriedade, ganho/perda, benefício/malefício, transferência de posse/propriedade e poder integram o domínio semântico *benefactivo*; o domínio da *experiência* abrange as noções de sensação, emoção, cognição e comunicação; o domínio *locativo ou espacial* compreende a noção de espaço físico, tanto estático quanto direcional; a noção de *companhia* constitui o domínio comitativo; a noção de *tempo cronológico* é expressa pelo domínio temporal; e a noção de *completude* integra o domínio holístico.

Os movimentos semânticos em nível relacional têm um domínio semântico como origem e outro como destino. Podem igualmente ter como ponto de partida um subdomínio semântico e um domínio semântico como ponto de chegada, e vice-versa. Entende-se, aqui, subdomínio semântico como variações de conjuntos dentro de um domínio semântico que constituem conjuntos semânticos, captados relacionalmente. Assim, pode-se ter predicadores quase-benefactivos (Silva, 2002), como *arriscar*, *disputar*, *concorrer*, etc., interpretados como quase-benefactivos no âmbito de seu sentido primeiro. Não são benefactivos propriamente ditos, mas gravitam em torno do domínio benefactivo, pois resultarão eventualmente em benefactivos. O domínio da experiência, por ser amplo, encerra os subdomínios da sensação, emoção, cognição e comunicação, e permite movimentos semânticos entre eles, que manifestam a polissemia.

Na microcena abaixo o predicador *arriscar* encerra, em seu sentido básico, a idéia *de aventurar*, evidenciando sua natureza *quase-benefactiva*.

O Corinthians, mais tranqüilo nos contra-ataques e arriscando chutes de longe, teve boas chances para ampliar o marcador. (F.S.P.,06.12.99)

O enunciado abriga o predicador *arriscar*, que encerra, em sentido básico, a idéia de aventurar, expor a risco ou perigo, ratificando sua condição de *quase-benefactivo*, dada a oportunidade de 'ampliar o marcador'. O Agente está em correferência com o *quase-Benefactivo*, representado por 'o Corinthians'. O Objeto está representado pelos 'chutes de longe'. O esquema casual é: Agt, qBen, Obj/Agt=qBen.

Na microcena abaixo o predicador *correr* encerra, em seu sentido básico, a idéia *de dirigir-se apressadamente, participar (de corrida)*, evidenciando sua natureza *locativa*.

Atualmente, Botafogo-RJ, Internacional e Gama correm risco de cair. (F.S.P.,10.11.99)

Nesta microcena, ligado ao substantivo *risco*, apresenta-se metaforizado para o campo *quase*-benefactivo. Os ‘três times’ representam os quase-beneficiários (ou *quase*-maleficiados) de cair ou de conservar o lugar. O primeiro Objeto é ‘risco’ e o segundo ‘de cair’. Em esquema casual tem-se: qBen, Obj, Obj. (SILVA, 2002:79)

Movimentos semânticos não captados relacionalmente são captados referencialmente, como o faz uma ‘extensão’ da teoria de casos, chamada ‘frame semantics’ (semântica de quadros).¹²

Como em Fillmore as significações são relativizadas em ‘cenas’ (microcenas)¹³, cada microcena consiste minimamente de um verbo/predicador e um argumento (e possivelmente de elementos equivalentes que constituem enunciados), aos quais adicionam outros argumentos e elementos modais.

Dentre todos os elementos que compõem a microcena, a cena (enunciado) e a macrocena (discurso), o sujeito-enunciador vai optar por colocar em perspectiva (*foreground*) aqueles elementos que ele julgar mais importante comunicar. Estas escolhas são *intention-driven* e pode-se falar de movimentos semânticos movidos a intenção (*intention-driven semantic moves*). Assim, desde o primeiro momento, o enunciador opta, conforme suas intenções e necessidades, por ‘montar’ a microcena que ele quer ativar na mente de seu(s) interlocutor(es) adicionando, subtraindo, ‘agregando’, ‘associando’ sentidos e/ou efeitos de sentidos.

1.5. O texto jornalístico

¹² Ver Fillmore, 2000.

¹³ Microcenas – compreendem os minienunciados que performam as *cenas* recortadas das instâncias discursivas focalizadas, os contextos econômico, político e policial. A especificidade das *microcenas* é relevante, na medida em que elas constituem as unidades de análise caracterizadas nesta abordagem. Cada *microcena* encerra um verbo-predicador de nuance comitativa e será interpretada tendo em vista a relação de pertinência que mantém com o contexto mediato, que detém as referências mais gerais dos contextos

Segundo Crato (1982, p. 140), os gêneros jornalísticos apresentam rotinas próprias de escrita, caracterizadas em cada caso por fatores variáveis, desde a forma como aparece a posição do autor ou da empresa, o estilo, o tema, até fatores como a apresentação e dimensão.

O jornalismo articula-se em função de dois núcleos de interesse: a informação (saber o que se passa) e a opinião (saber o que se pensa sobre o que se passa). Ao jornalismo informativo correspondem os gêneros: nota, notícia, reportagem e entrevista; ao jornalismo opinativo, os gêneros: editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura (charge) e carta.

Dentro do primeiro grupo encontram-se os *faits divers*, que, segundo interpretação corrente, são notícias sobre acontecimentos diversos – acidentes, roubos, catástrofes, casos de polícia, etc. Essas informações são habitualmente recolhidas nos hospitais, polícias, bombeiros, ou procuradas pelo jornalista nas sessões dos tribunais, nos acontecimentos da via pública. Segundo esta idéia, os *faits divers* serão os acontecimentos do quotidiano aparentemente não relacionados entre si e com pouca importância relativa no conjunto do noticiário. Não é propriamente um acontecimento disperso; é uma narrativa, uma maneira de contar o acontecimento. Os *faits divers* são estruturas fechadas que se bastam a si próprias.

Dessa maneira, o jornal apresenta duas formas de abordar os fatos do cotidiano, que determinam duas formas distintas de expectativa do público: a narrativa e a discursiva. O jornal apresenta uma forma de narrar os fatos e uma estrutura organizacional e ideológica que se repete. Devido a isso, favorece o hábito ou a rotina de seu público-alvo, que, tendo elegido o “seu” jornal, procura diariamente saber, através dele, o que está acontecendo no mundo. O jornal se torna, portanto, um mediador entre o público e os fatos.

instanciados. É este minienunciado que preserva relação de pertinência direta com a *macrocena*, que equivale ao enunciado e, conseqüentemente, com o todo do contexto jornalístico.

Segundo Oliveira (1999), os textos em geral precisam ser *olhados* à luz de seu processo de produção, de sua instância discursiva, uma vez que os efeitos de sentido só se instanciam como tal, em contextos caracterizados como lugares de discurso controlados/aceitos. É dentro deste contexto que se destacam e se analisam as cenas das editorias de política, economia e policial, ou seja, em seu espaço constitutivo/enunciativo.

Entende-se por *cena* um evento focalizado no âmbito da seção utilizada (editorias de política, economia e policial,); sua extensão foi determinada com base no critério de completude do enunciado – de ponto a ponto –, o que assegura a possibilidade de *recortar* mantendo a relação intrínseca com o contexto, que funciona como instância maior do que aqui está dimensionado como *macrocena*, a qual evidencia a síntese enunciativa daquele. Dentro da macrocena temos as cenas, e dentro das cenas temos as microcenas, que compreendem os minienunciados que performam as cenas recortadas. A análise incidirá especificamente nas microcenas, em cujo âmbito serão focalizados os verbos/predicadores de nuances comitativas.

A noção de cenas, que compreende eventos e/ou situações *recortadas* de um conjunto mais amplo, a nuance de sentido perspectivizada e a saliência, que viabiliza a dimensão hierárquica do sujeito, segundo a concepção de Fillmore (1977, p. 59-81), permitem melhor configuração dos efeitos de sentido, porquanto veiculam a intencionalidade do enunciador: o que este deseja colocar em perspectiva passa a ser mais relevante. As cenas, portanto, consideram os empreendimentos pragmáticos, na medida em que concretiza discursivamente a vontade do sujeito/enunciador. Para tanto, a abordagem ancora-se na noção de *cenas* de Fillmore, expandindo-se sua abrangência com vistas a dimensionar uma articulação de caráter pragmático-discursivo, compatível com as perspectivas de análise e de interpretação propostas.

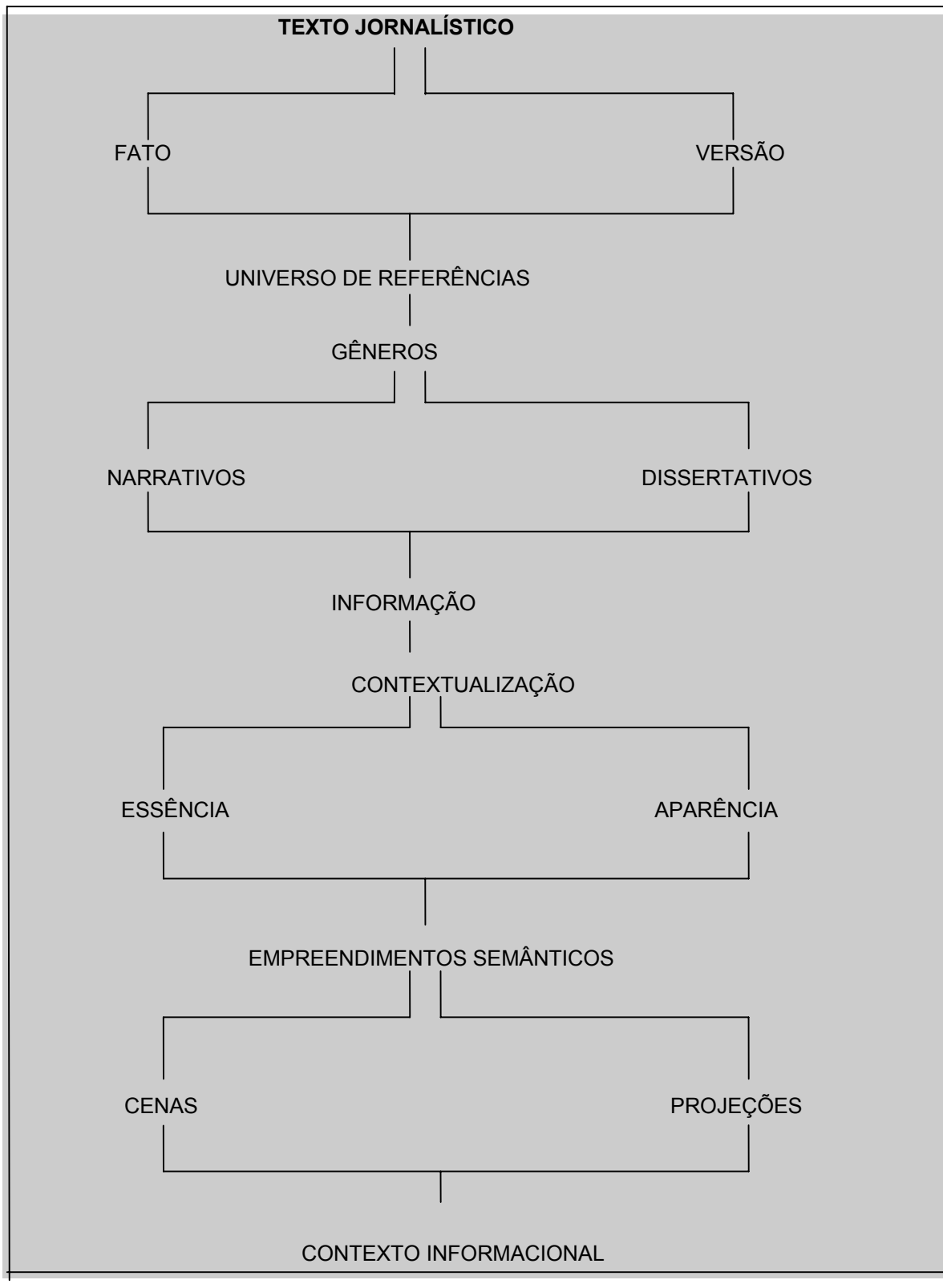


Figura 26 – Articulação do texto jornalístico

CAPÍTULO II

TEORIAS COMPLEMENTARES

2.1. Dimensão Discursiva

A *escola de filiação francesa de análise do discurso* (doravante AD) nasceu tendo como base a perspectiva de *entremeio*, representando preocupação não só para estudiosos da lingüística, como também de historiadores e para alguns psicólogos. Na verdade, a AD se inscreve *entre* as disciplinas ditas humanas, mas não corresponde a nenhuma, na medida em que sua natureza é constitutiva de todo um complexo que articula o social, o histórico e o contextual.

Os anos 60 representam o auge do estruturalismo. A partir disso, a AD propõe uma reflexão sobre a *escritura*, uma articulação entre a lingüística, o marxismo e a psicanálise.

Os *formalistas* russos foram os que abriram espaço para a emergência do que mais tarde se chamou de *Análise do Discurso (AD)*. Eles operavam com o texto e nele buscavam uma lógica de encadeamento *transfrástico*, superando a abordagem filológica que até então dominava os estudos da língua. Essa visão se confronta com as dos *estruturalistas*, que propõem como objetivo estudar a estrutura do texto “nele mesmo e por ele mesmo”, excluindo qualquer reflexão sobre sua exterioridade, desvinculado, portanto, de toda e qualquer relação contextual.

Em 1952, o trabalho de Harris com *Discourse Analysis*, considerada o marco inicial da AD, limita-se a mostrar a possibilidade de extensão da análise de unidades da língua *aos enunciados*, excluindo as referências contextuais e as interações sócio-comunicativas.

Numa direção diferente se encontram as investigações de Benveniste (1976) sobre a enunciação. Ele dá relevo *ao papel do sujeito falante* no processo da enunciação e da relação que se estabelece entre locutor, enunciado e mundo. Essa nova dimensão sócio-histórica dos enunciadores passa a integrar o elenco das reflexões da AD.

Segundo Orlandi (1996), essas duas direções vão marcar duas maneiras diferentes de pensar a teoria do discurso: uma que se entende como uma extensão da Lingüística (perspectiva americana), e outra como a nova dimensão sócio-interativa - disciplina de entremeio - que passa a integrar o elenco das reflexões da AD (perspectiva européia).

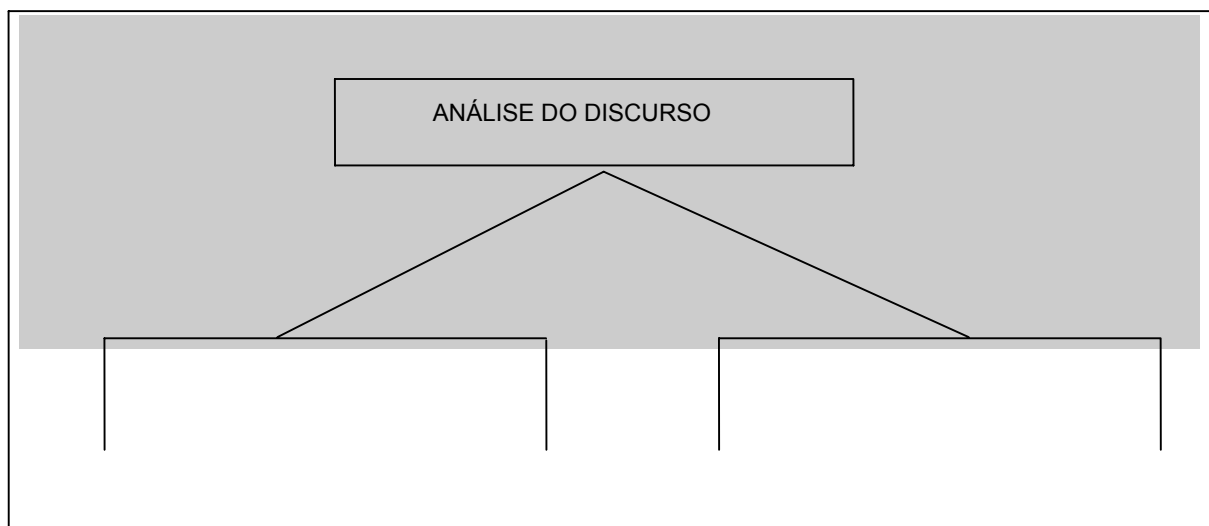
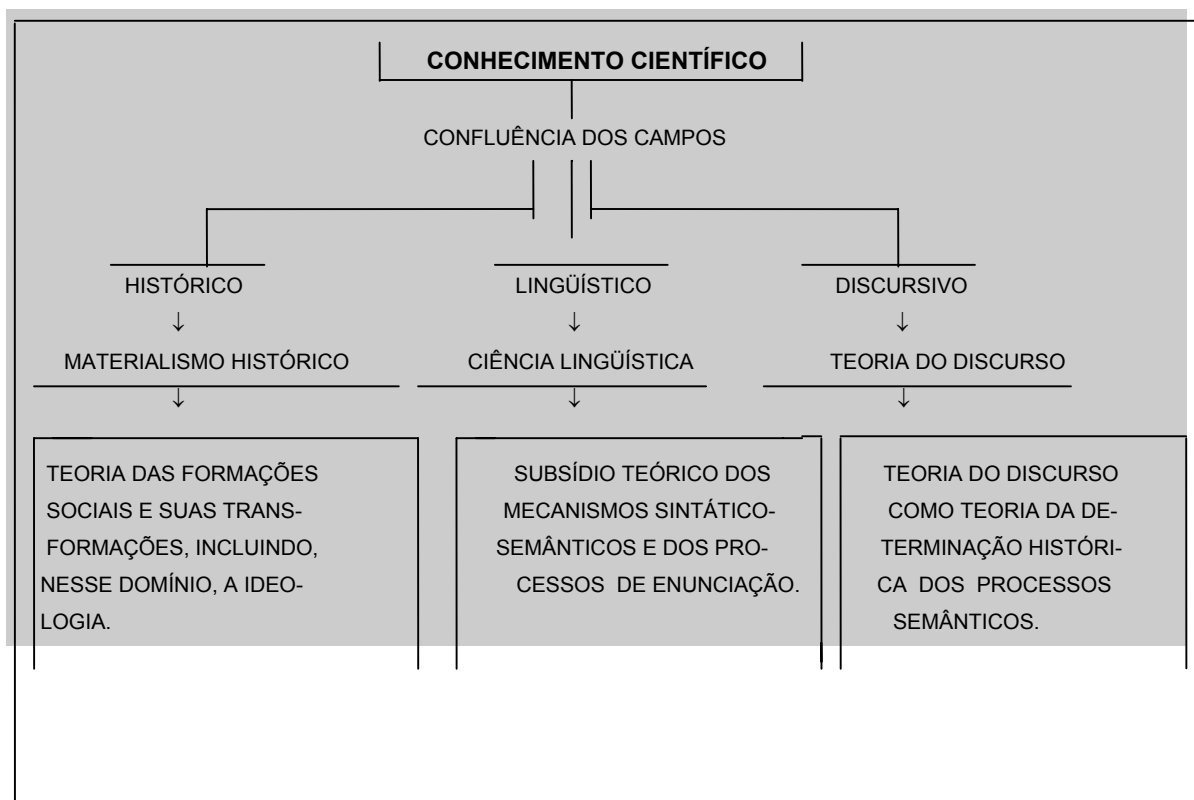




Figura 27 – Quadro das ADs

O discurso é compreendido por Orlandi (1996:37) como um objeto histórico, cuja materialidade específica é a linguagem, “considerando-a em seu duplo aspecto: o lingüístico e o histórico, enquanto indissociáveis no processo de produção do sujeito do discurso e dos sentidos que (o) significam. O que permite dizer que o sujeito é um *lugar de significação* historicamente constituído.” É nessa perspectiva que se verifica a relação complexa entre o lingüístico e o discurso, entre a lingüística e a análise do discurso. A AD focaliza os processos de formação discursiva, levando em conta as condições de produção e o processo constitutivo da tessitura enunciada(funcionamento).

A Análise do Discurso, em sua constituição epistemológica, vai apresentar-se como uma disciplina heteróclita, que desempenha uma função de absoluta singularidade no campo das ciências humanas. Isto porque ela se inscreve na confluência de três regiões do conhecimento científico, como observa Pêcheux (1988):



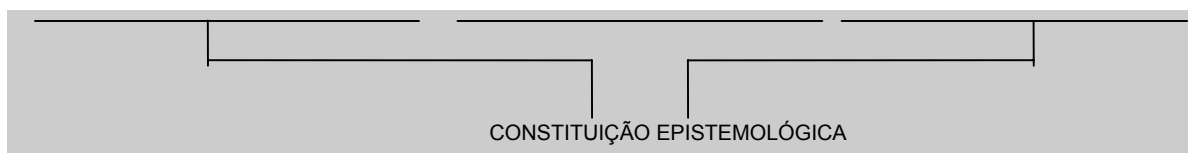


Figura 28 – Constituição Epistemológica da AD segundo Pêcheux (1988)

Essas três instâncias são atravessadas e articuladas por uma teoria subjetiva (de natureza psicanalítica). Fica claro, então, que a AD não se vê como uma disciplina autônoma, nem tampouco como disciplina auxiliar. O que ela visa é tematizar o objeto discursivo como sendo um objeto-fronteira, que trabalha nos limites das grandes divisões disciplinares, evidenciando interdisciplinarmente uma materialidade lingüística e uma materialidade histórica, simultaneamente. A AD atua *recortando*, portanto, o seu objeto teórico (o discurso), distinguindo-se da lingüística imanente, que se centra na língua, nela e por ela mesma, e também das demais ciências humanas, que usam a língua como instrumento para a explicação de textos, isto é, para materialização de seus discursos.

As três áreas vão favorecer os mecanismos de captação dos fatores externos à instância enunciativa.

A AD concebe a linguagem na sua relação com *quem diz*, e do *lugar de onde diz*, de forma que o sujeito é considerado à luz de sua história. São levados em conta os fatores e condições de produção da linguagem, bem como a situação em que o discurso é produzido, numa perspectiva em que a linguagem é colocada em relação à sua exterioridade. O discurso passa a ser visto, então, como objeto sócio-histórico, determinado lingüisticamente. Daí decorre a relação língua/discurso/ideologia, pois o discurso é visualizado na língua, e a ideologia é *entremeada* na linguagem do discurso.

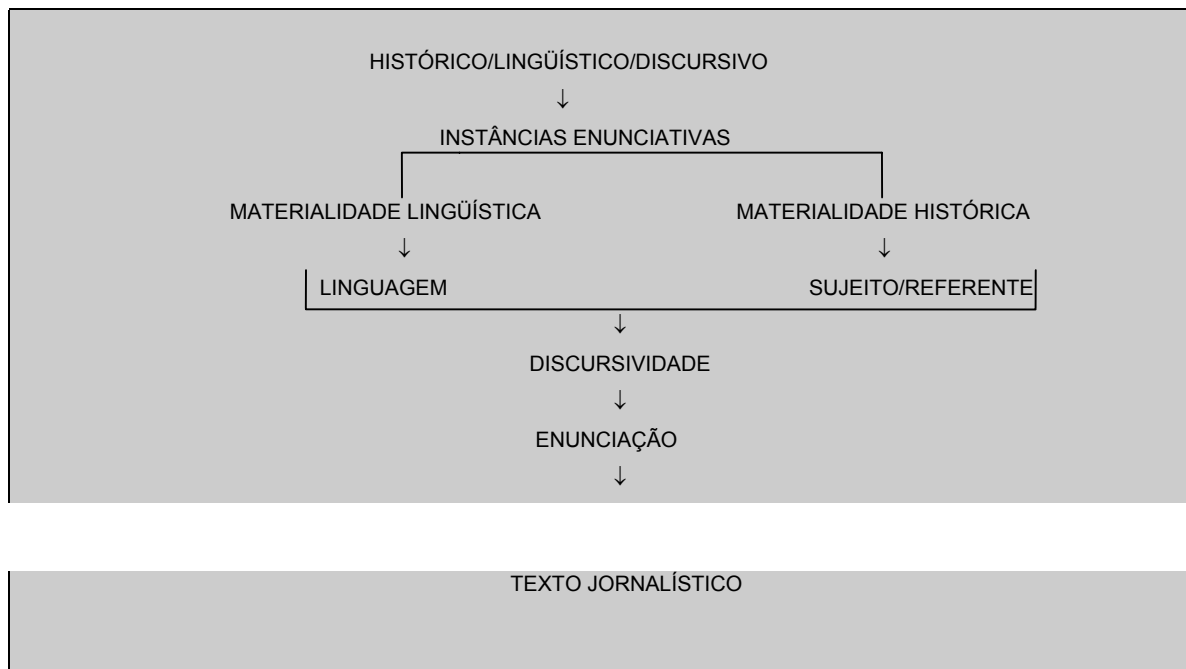


Figura 29 – Articulação do texto jornalístico no contexto da AD

Este trabalho assume o discurso na perspectiva de sua filiação francesa, e, nesse sentido, é relevante explicitar o que pode constituir-se como seu objeto a partir desse enfoque. A unidade de análise é o texto, entendido como unidade qualitativa que apreende o conjunto de significações contextuais; o texto será aqui focalizado como um exemplar de manifestação do discurso, a unidade complexa de significação que se projeta por meio da tessitura. Segundo Orlandi (1996), o discurso é uma dispersão de textos, e no texto pode se encontrar a dispersão do sujeito, i.e., no texto se encontram as várias vozes decorrentes das posições enunciativas que o sujeito pode ocupar.

A AD permite redimensionar, através da análise de linguagem, a trajetória dos processos históricos e sociais que vão engendrando os sentidos. E, como o objeto específico da AD é o discurso, e não a língua, é preciso levar em conta o lugar social em que algo é dito, para quem é dito e em que circunstâncias é dito.

Qualquer unidade lingüística que figura na linearidade sintagmática de nossas enunciações corresponde a uma escolha do enunciador; escolha esta carregada de historicidade e de visões de mundo, pois está inserida numa determinada prática discursiva, a qual, por sua vez, é parte de um momento cultural. Tudo isso, porque não se pode desfazer o elo que liga linguagem e sociedade, linguagem e as representações sociais, linguagem e ideologia. A língua não existe fora dos grupos sociais, *despregada* das situações de interação.

Desconsiderar esses aspectos é, na verdade, desresponsabilizar o sujeito/autor da linguagem, da criação, e a manutenção daqueles esquemas ideológicos, cujos textos não poderiam ser submetidos à análise discursiva, como se eles pudessem existir independentemente da ação humana, das atuações verbais que se empreendem socialmente. Como se, pela linguagem, nada se criasse, nada se reafirmasse. Apenas se proferissem palavras, que podem ser divididas em sílabas, em morfemas, que têm funções sintáticas, sem causar nenhum efeito e nenhum efeito de sentido, nenhum impacto de significação. Sem, também, enxergar nenhum responsável pelas coisas que são ditas, na/da forma como são ditas.

Assim, o ato de linguagem com o qual nos referimos às entidades do mundo da experiência e de todos os mundos possíveis representa mais que a simples explicitação léxica exigida pelo núcleo verbal da oração; representa mais que a escolha da forma sintática de anunciar, de dizer, para representar um lugar de onde se fala.

Re-significando o esquema da comunicação de Roman Jakobson, Pêcheux define discurso como efeito de sentido entre interlocutores e não como transmissão de informação. Os sentidos não estão nas palavras, nas coisas e nem emanam do sujeito: eles são produzidos no momento em que se dão os atos verbais e estes materializam uma relação com o momento histórico – seja o atual, seja no fio vindo do passado – e com lugar social ocupado pelos interlocutores durante a interação verbal.

O discurso, portanto, não é uma grande frase, nem um aglomerado de frases desvinculadas contextualmente. Para que uma frase qualquer seja um enunciado, deve evocar um sentido, e este, por sua vez, realizado em uma dada situação, possuir uma significação para os interlocutores. O contexto contribui para o sentido do enunciado, e a frase em contexto torna-se enunciado. O sentido do enunciado é determinado essencialmente pelo contexto situacional. O enunciado, produto de uma enunciação, constitui o discurso, seja ele formado de uma frase ou de várias frases. O enunciado é, portanto, a frase além de sua forma fonética ou morfológica.

Uma oração, ou uma frase, não nos dá um enunciado completo se ficarmos nos limites gramaticais de sua estrutura no sistema abstrato da língua. O primeiro lingüista a produzir uma teoria da enunciação foi o francês Benveniste, que a define como “a colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização” (FIORIN, 1996, p.31). Como produto da enunciação, o enunciado é um ato individual que pressupõe um sujeito. Alguém enuncia. Alguém produz um ato de fala. Alguém produz um discurso. Mas esse alguém não está sozinho. O enunciado constitui uma relação verbal entre dois sujeitos. Enunciar pressupõe dizer alguma coisa a alguém, supondo uma competência lingüística e discursiva. O discurso é uma relação verbal entre locutor/enunciador e alocutário/enunciatário. O enunciado deve constituir um sentido, como marca de realidade, e uma significação, ou seja, dizer alguma coisa a alguém, servir para a comunicação entre as pessoas. Para tanto, alguns componentes são necessários: os utilizadores (sujeitos), que são o locutor e o alocutário a quem se dirige o enunciado, e o tempo e o lugar em que o enunciado é produzido, implicando uma espécie de dêixis na instância enunciativa:

EU → TU → RELAÇÃO ESPAÇO TEMPORAL,

o que deflagra a instituição de regramento já consagrada no mundo da cultura dos sujeitos envolvidos.

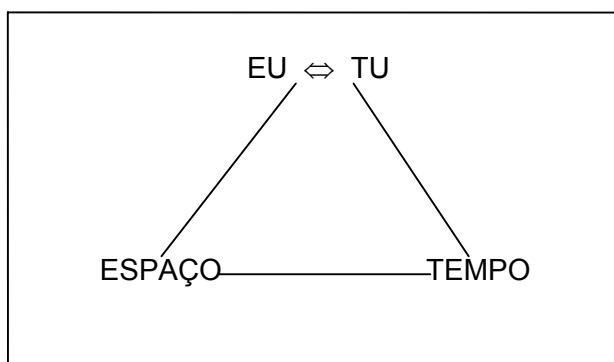


Figura 30 – Triângulo dêitico

Assim entendido - que um enunciado não é uma frase qualquer, mas uma frase constituída de sentido no nível de interpretação em um dado contexto em que é pronunciado e que deve atender aos objetivos de comunicação -, passamos a refletir sobre o enunciado no discurso jornalístico, embora sabendo que não podemos dar conta de analisá-lo sob todos os aspectos semânticos. Pretende-se abordar alguns desses aspectos, a fim de verificar as ligações do discurso jornalístico com esta unidade da semântica: os enunciados.

Como mediador de fatos da atualidade, podemos dizer que o jornalismo anuncia, ou seja, dá a conhecer, comunica os acontecimentos. E faz isso através da construção de enunciados, entendidos como proposições ou expressões de idéias, em função de sua característica de interpretador desses acontecimentos da sociedade para a sociedade. O jornalismo, portanto, é produtor e interpretador de um conjunto de enunciados, através dos quais o jornal toma corpo. Como em qualquer forma de linguagem, o discurso jornalístico é o ato de enunciar, enquanto ato de dizer no mundo. No seu discurso, o jornalismo fala o outro, fala ao outro e com o outro. Faz parte do dizer social, dado que a linguagem é um ato social. Ao enunciar, integram-se ao seu discurso valores e ideologias, embora, por vezes, sejam contraditórios. No jornalismo, a utilização da língua não se reduz a produzir um enunciado, mas, através desse enunciado, executa-se uma ação social.

No âmbito dessa abordagem, tanto o discurso quanto a perspectiva pragmática serão tratados relativamente à noção de cenas/*cenário* e ao *corpus* da pesquisa, assumindo uma dimensão semântico-pragmática e discursiva, de modo que, aqui, a cena se configura como enunciado, cuja dimensão está estabelecida de ponto a ponto. O discurso é relacionado à exterioridade dessas cenas, em que são instanciados os contextos de enunciação, as formações discursivas, que subsidiam o lugar de dizer, que subjazem às editoriais de economia, de política e de policial na linguagem jornalística brasileira.

2.2. Dimensão pragmática

A pragmática emergiu entre as ciências da linguagem no final da década de 1960 como reação a certos modelos totalizadores em lingüística: o estruturalismo (principalmente na Europa) e a gramática gerativa (inicialmente nos Estados Unidos). Alguns discípulos de Chomsky estavam insatisfeitos com uma sintaxe autônoma e mais tarde com a semântica gerativa, e optaram, então, por romper com seu mentor.

Nos anos 1950, a pragmática ganhou respeitabilidade; era até então considerada por Bar-Hillel como uma “disciplina lata de lixo”. Foi o pragmatismo, a corrente filosófica iniciada por Peirce, que prestou especial atenção à relação entre os signos e os seus utilizadores. O pragmatismo compreendeu que, para além das dimensões sintática e semântica na análise do processo sógnico, há uma dimensão contextual. Isto é, o signo não é independente, deve-se levar em conta as condições e a situação da sua utilização.

Segundo Parret (1997, p.12), podemos classificar os estudos pragmáticos em dois grupos muito distintos: a Pragmática Anglo-Saxônica, e a Européia. A Pragmática Anglo-Saxônica reconstrói o sentido de seqüências discursivas a partir de propriedades da *situação* em que essa seqüência é produzida. Ao contrário, na Pragmática Européia, o sentido é essencialmente determinado pela

“via do discurso” ou, nas palavras de Benveniste, pela *subjetividade* no discurso. Podemos então opor uma pragmática *situacional* a uma pragmática *enunciativa*.

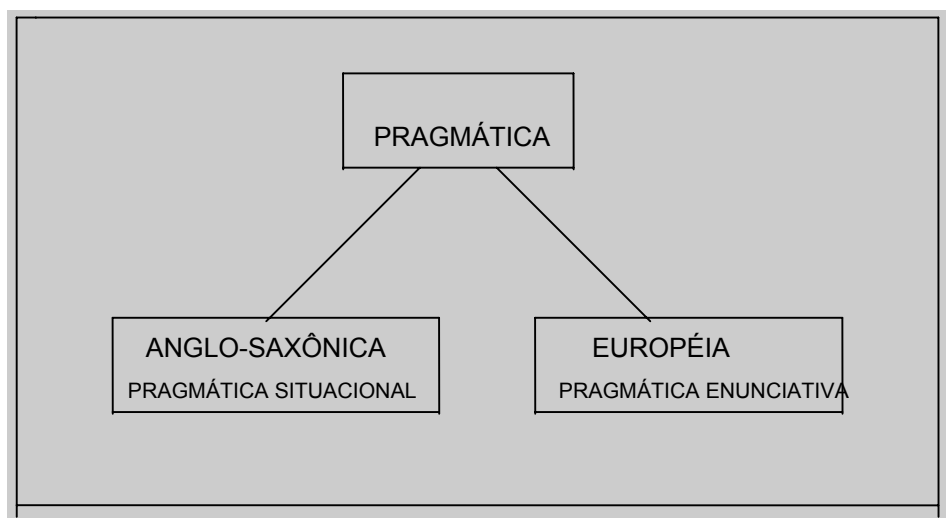


Figura 31 - Quadro das correntes Pragmáticas

Este trabalho adota a perspectiva pragmática de dimensão enunciativa, caracterizando-se pela relação de dependência contextual, que pressupõe o sujeito em discurso.

Como ciência a pragmática se dedica à análise de atos de fala, mas em geral das funções e dos enunciados lingüísticos e de suas características nos processos de comunicação. Esta ciência, que só começa a desenvolver-se plenamente nos últimos anos, tem caráter interdisciplinár e é estimulada na filosofia, na lingüística e na antropologia, mas também na psicologia e na sociologia.

Em princípio, a pragmática foi (MORRIS, 1976, p.50) um dos três componentes da semiótica, uma ciência que se ocupa principalmente dos signos e de seus sistemas e que representa um componente ao lado da sintaxe (análise das relações entre signos) e da semântica (a análise das relações entre signos, significados e realidade).

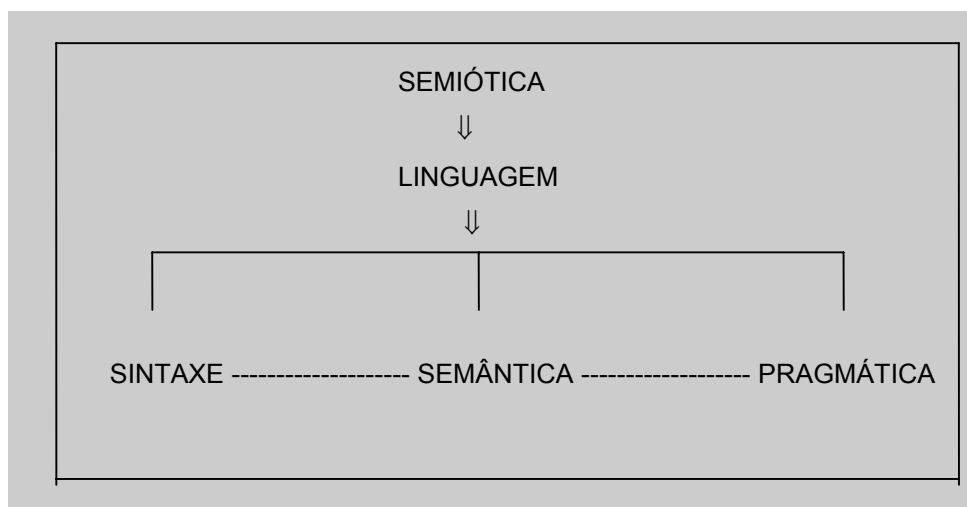


Figura 32 – Tripartição da Semiótica na concepção de Morris

Van Dijk (1989b, p. 80) diz que se quisermos estudar rigorosamente todas as relações que existem entre realizações lingüísticas e processos de comunicação e interação, as disciplinas como a psicolingüística, a sociolingüística e grande parte da psicologia e da sociologia devem ter uma dimensão pragmática sem constituírem-na.

A sintaxe especifica em que condições e segundo quais regras os enunciados estão bem formados; e a semântica indica as condições para que os enunciados sejam interpretados (tanto em relação aos significados como à referência); a pragmática se aplica na tarefa de ocupar-se nas condições em que as manifestações lingüísticas são aceitáveis, apropriadas e oportunas. Estas três suposições são válidas para a situação comunicativa em que se expressa o falante. Dado que para a semântica tem-se trabalhado com uma reconstrução abstrata muito útil da realidade, com o conceito de *mundos possíveis*, também aqui quero introduzir uma abstração para o termo *situação comunicativa*: o conceito de contexto. Assim, a pragmática se ocupa das condições e regras para a idoneidade de enunciados (os atos de fala) para um contexto determinado: a pragmática estuda as relações entre texto e contexto. O que a pragmática vem acrescentar à semântica é a descrição das regras de uso dos signos. Sintaxe e

semântica estudam exclusivamente o sistema, a pragmática estuda o uso dos elementos do sistema. A esta cabe definir as regras do uso dos signos, que são diferentes das regras do sistema. Segundo as regras do sistema é possível formar uma cadeia de signos gramaticalmente correta que, no entanto, se revele de uso impossível.

Em termos lingüísticos, a dimensão pragmática é exposta principalmente na questão da enunciação. A tarefa da pragmática é estudar as condições de enunciação. Não basta que uma frase esteja correta do ponto de vista gramatical, é preciso também que ela se adeque ao contexto para que possa ter o sentido pretendido e possa ser entendida nesse sentido.

A concepção de pragmática é estendida ao campo da comunicação numa perspectiva interacional. O jornalista busca deflagrar a notícia em sua instantaneidade, como reprodutor de fatos da atualidade; podemos dizer que o jornalismo anuncia, ou seja, dá a conhecer, comunica os acontecimentos. E faz isso através da construção de enunciados, entendidos como proposições ou expressões de idéias, em função de sua característica de interpretador desses acontecimentos da sociedade para a sociedade. Nessa pragmática, a questão do sujeito é posta como uma relação entre interlocutores considerados usuários, que usam a linguagem como instrumento de formulação e interação para realizar algo, para manifestar intenções – a enunciação como *ato de dizer algo para alguém*. O texto de notícias faz exatamente isso, além de traduzir, nas versões dos fatos que apresenta, o mundo e a cultura da comunidade ali representados.

O jornalismo, portanto, é produtor e interpretador de um conjunto de enunciados, através dos quais o jornal toma corpo. No seu discurso, o jornalismo fala o outro, fala ao outro e com o outro. Faz parte do dizer social, dado que a linguagem é um ato social. Ao enunciar, integram-se em seu discurso valores e ideologias, embora, por vezes, sejam contraditórios. No jornalismo, a utilização da língua não se reduz a produzir um enunciado, mas, através desse enunciado, executar uma ação social. No jornal, os enunciados misturam-se em diferentes contextos: violência e acidentes; os escândalos da política; as crises econômicas.

O jornal é o “Dojô”¹⁴ onde se confrontam os valores sociais. Assim, o discurso jornalístico apresenta-se como o enunciador dos acontecimentos, ainda que, freqüentemente, industrialize as emoções e estabeleça gostos e aspirações, ditando costumes e crenças. É próprio dos acontecimentos serem expressos e exprimíveis, enunciados e enunciáveis. Aqui, os acontecimentos são entendidos como a matéria-prima do jornalismo, que os transforma em notícia nas páginas dos jornais, assim como na televisão e no rádio. Como dizer social, o jornalismo fala o mundo em que vivemos; reproduz o mundo através de palavras encadeadas em enunciados justapostos. O discurso do jornal constitui um fenômeno de relações/interações comunicacionais. O seu discurso é mediador, torna-se o dizer da sociedade dirigido a si própria, enquanto relação com o real.

É relevante salientar que a interação comunicativa se articula a partir da intencionalidade do sujeito-enunciador que, de posse de sua linguagem, de sua competência comunicativa, respaldada por um conjunto de valores inscritos na própria visão de mundo, ingressa no ambiente sócio-interativo que pretende.

Segundo Fávero & Koch (1988, p. 68) as enunciações vêm caracterizadas também por fatores de comunicação, como o objetivo da comunicação, as relações entre os participantes de comunicação, o motivo ou objeto de comunicação (tema ou tópico). Assim se podem constituir diferentes tipos de enunciação (notícia, apelo, manifestação), que caracterizam todos os gestos comunicativos, e as atitudes comunicativas fundamentais são distinguíveis. As enunciações formam, correspondentemente, um texto de notícia, de apelo, de manifestação e assim por diante.

A teoria dos Atos de Fala desenvolvida, inicialmente, pelo filósofo britânico John Austin (1990) explicita o caráter contextual da produção lingüística dos falantes de uma determinada comunidade. Austin sugere pensar, em primeiro lugar, na questão dos efeitos das ações *em geral*. Os três tipos de atos distinguidos (locucionários, ilocucionários e perlocucionários) são ações, e enquanto tais estão sujeitos às reservas e problemas que pesam sobre as ações em geral, isto é,

¹⁴ Lugar onde há confrontos.

- (a) o ator pode tentar produzir um efeito que, no entanto, pode não acontecer,
- (b) pode tentar não produzi-lo e, no entanto, acontecer.

Esta distinção entre conseqüências pretendidas e não pretendidas, diz Austin é um lugar comum da teoria da linguagem sobre a ação em geral, e não poderíamos deixar de levá-la em conta quando falamos em ações lingüísticas.

É preciso distinguir, então, entre *tentar* e *conseguir*, ou seja, entre *o ato de tentar realizar um certo ato*, e *o ato de realizá-lo com sucesso*. Mas vejamos como trata Austin a demarcação entre os três tipos de atos que distingue: locucionários, ilocucionários e perlocucionários.

O ato de dizer algo é um **ato locucionário**. Ele consiste em proferir certos sons (ato fonético), em articular palavras que pertencem a um vocabulário e se conformam a uma gramática (ato fático), e em usar essas palavras com certo sentido e referência (ato rhético). Todas essas condições podem estar satisfeitas e, no entanto, não estar claro o modo, ou a função, do uso da linguagem (a **força ilocucionária**). Por isso, devemos distinguir um segundo tipo de ato. Realizar um ato locucionário é em geral realizar um **ato ilocucionário**. Este é a realização de um ato de *dizer alguma coisa (in saying something)*, diferente ao ato *de (of)* dizer algo. Dizendo algo estaremos sempre também fazendo alguma outra coisa: formulando uma pergunta, dando uma ordem, um conselho, etc. O critério de demarcação entre atos locucionários e atos ilocucionários não parece oferecer dificuldade. Mesmo que de fato eles vão sempre juntos, faz sentido distinguir analiticamente dois atos diferentes: o ato de dizer algo e o ato de fazer algo, em dizendo algo.

No entanto, em dizendo algo, podemos também fazer *outras* coisas. Austin introduz a noção de ato *perlocucionário*. Trata-se de atos que produzem "efeitos" nos sentimentos, pensamentos ou ações dos interlocutores, e que podem ser realizados com a *intenção* de produzi-los. A alusão a efeitos na audiência não é suficiente para que sejam caracterizados como perlocucionários, pois os atos ilocucionários também

têm efeitos. É preciso distinguir entre os dois tipos de efeitos. No caso dos atos perlocucionários, poderíamos falar em "produção real de efeitos reais"; no caso dos atos ilocucionários, em meras conseqüências convencionais.

A alusão a intenções também não é suficiente para que semelhantes atos sejam caracterizados como perlocucionários, pois os atos ilocucionários também são realizados com intenção. Será preciso distinguir também entre dois tipos de intenções? No caso dos atos ilocucionários - diz Austin -, na medida em que eles são convencionais, o uso da linguagem poderia pelo menos ser explicitado pela fórmula performativa. Um indicador para identificar um ato ilocucionário é que temos disponível um *nome* que, de alguma maneira, nos permite isolá-lo sem precisar fazer referência adicional a intenções e conseqüências (Por exemplo, - *O que ele fez?* - *Fez uma pergunta.*). Em contrapartida, *para nomear* um ato perlocucionário podemos fazer referência aos atos locucionário e ilocucionário ou não fazê-la, mas sempre fazemos referência às conseqüências. (- *O que ele fez?* - *Fez com que ela se alarmasse.* Fica claro que ele poderia ter conseguido fazer com que ela se alarmasse de muitas maneiras, até fazendo uma pergunta.)

Até aqui não temos um critério satisfatório de demarcação. Só sabemos duas coisas: 1) que tanto os atos locucionários quanto os ilocucionários envolvem convenções lingüísticas, e 2) que os atos perlocucionários sempre envolvem conseqüências (= têm efeitos nos sentimentos, pensamentos ou ações dos interlocutores).

Em resumo, as indicações de Austin não são muito sistemáticas, mas a partir delas desenha-se um critério de demarcação: o efeito ilocucionário de um ato de fala consiste exclusivamente na *compreensão* por parte do ouvinte. Qualquer *resposta ou o silêncio* do ouvinte que fosse além da compreensão, seja um sentimento, uma crença ou uma ação, representaria um efeito perlocucionário.

O critério de demarcação entre ilocuições e perlocuições só fica mais claramente estabelecido, depois, com Searle, em 1979:

"O conhecimento [por parte do ouvinte] é simplesmente sua *compreensão* do que foi dito, *não é nenhuma resposta ou efeito adicionais...*" "O efeito sobre o ouvinte não é nem uma crença nem uma resposta. Consiste simplesmente na compreensão." (*Speech Acts*, p. 54.)

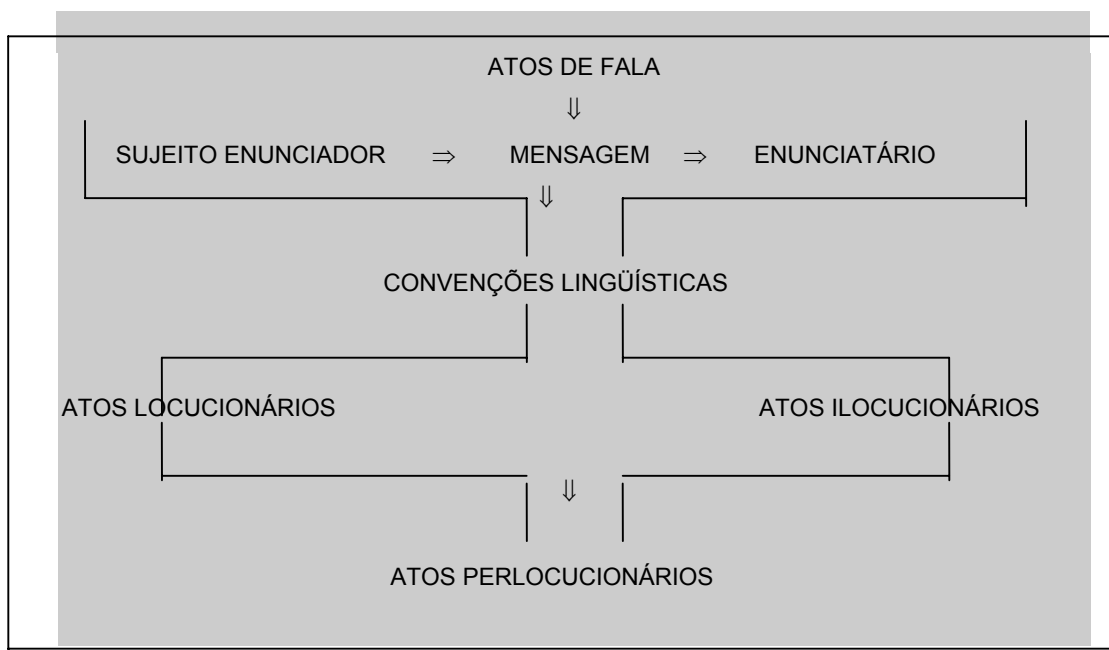


Figura 33 – Atos de Fala segundo Searle (1979)

O contexto, então, é extremamente relevante para que os sentidos sejam captados na sua totalidade. É válido lembrar que esse contexto é inferido a partir da intencionalidade do falante, e depende também da interação que isso suscita no ouvinte, além da crença que é estruturada a partir do conhecimento socializado no âmbito de determinada comunidade.

A compreensão do discurso requer, por parte do emissor e do receptor participantes da enunciação, um *background*, necessárias para uma abordagem pragmática e discursiva nos enunciados jornalísticos, para que seja possível a apreensão das nuances de sentido criadas e recriadas por aqueles que conferem significação na e pela linguagem.

Com base na hipótese de que a noção de *cena* é de caráter marcadamente contextualizado, favorecendo, assim, a interpretação das implicações pragmático-discursivas, procuro explicitar, no capítulo III, a metodologia, incluindo a linha operacional da pesquisa e indicando a especificidade dos termos a serem utilizados, por serem oriundos de distintos campos conceituais. Além disso, descrevo ainda o programa computacional ANALING, elaboração de um software, especialmente produzido para esta pesquisa.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

3.1. Articulação Teórico-metodológica

Este trabalho ancora-se teoricamente na área de Semântica e adota como teorias subsidiárias a Pragmática e a Análise do Discurso. A pretensão aqui não é a de estabelecer uma *interface*, mas de utilizá-las como âncora, na medida em que o empreendimento a elas designado é o de coadjuvantes. Cabe também registrar que já existe uma pesquisa nesta linha, na qual me amparei para dar sustentação ao presente estudo.

A tese de doutorado de Oliveira (1999) sobre *Cenas benefactivas e movimentos semânticos no contexto da linguagem jornalística* atua como referencial teórico-metodológico, que é de grande valia, além de fonte de esclarecimento para este estudo. O referido trabalho objetivou sim a interface entre Semântica, Pragmática e Discurso.

O delineamento que estabeleci para este estudo refere-se à busca de compatibilidade entre as correntes teórico-metodológicas que são pertinentes ao empreendimento que dá suporte ao trabalho, bem como à análise do *corpus*.

Por isso, busco na teorização da pragmática enunciativa e no discurso de filiação francesa uma âncora, a fim de complementar a investigação a que me proponho com essa análise; limito-me a uma adequação descritiva do modelo com o qual opero, sem o comprometimento de *interficiar* o referencial teórico que utilizo e que passo a detalhar no presente capítulo.

Por essa razão, os enunciados serão vistos na dimensão de sua “completude”, relacionando os efeitos de sentido ali produzidos com os aspectos pragmáticos e também com as formações discursivas que subjazem ao contexto em que tais enunciados se concretizam.

Levando em consideração esse caminho, bem como as articulações já caracterizadas e, diante do fato de que o *corpus* selecionado representa a língua em *uso*, ou seja, enunciados do contexto da linguagem jornalística, preservando todos os elementos que a constituem, precisei de uma sustentação teórica que abrigasse esta perspectiva, e a GC, que é subsumida pela Semântica Relacional, cumpre esse papel com eficácia, e o escopo que permite esse trânsito é o modelo casual da UFSC, já que admite a pragmática como suporte, denominado *modelo semântico pragmático utilizado*.

O referido modelo casual centra-se nos postulados de Fillmore, Chafe, Anderson e Cook, inovando, contudo, na proposta de aplicação à língua em *uso*. Esse modelo semântico-pragmático utilizado admite a possibilidade de descrever quantitativa e qualitativamente os efeitos de sentido pertinentes aos argumentos validados, o que será verificado por meio da valência semântica dos predicadores. Essa operação torna a interpretação dos enunciados mais fidedigna e, conseqüentemente, mais completa. A opção por um modelo que recupera modelos precedentes, especificamente o modelo matricial de Cook, permite abarcar as diferentes nuances de sentido que a língua em *uso* produz na constelação das instâncias significativas, em especial a metáfora e a polissemia.

Suponho que a linguagem jornalística se configure como uma prática importante: o jornal vem mantendo o seu lugar na sociedade brasileira,

configurando uma linguagem acessível, ou seja, refere-se à linguagem humana verbal-escrita-, à língua(gem) em uso com todos os empreendimentos de marcas sociais e culturais, assinalando sua relevância no contexto sócio-cultural em cada etapa de nossa história.

Nesse sentido, busco explicitar as nuances de sentido *comitativas* que os usuários empreendem na articulação interativa que perpassa suas intenções no processo comunicativo. O *corpus* que escolhi inscreve-se nesse universo de referência uma vez que todo o conjunto de enunciados dos textos jornalísticos, na sua configuração de 'relato de aparências' preconiza a relação enunciator/enunciatário como protagonista do *lead jornalístico*, evidenciando um conhecimento de mundo necessariamente socializado.

Com base nesse princípio, o texto jornalístico é uma unidade constituída de entrelaçamentos discursivos e ideológicos, assegurando sua legitimidade, acrescidos dos componentes pragmáticos, uma vez que o jornal diário noticia fatos que, ancorados na relação de dependência entre as ações efetivas de uma camada de interlocutores – os que fazem a notícia -, e a outra – a daqueles que lêem a notícia, gerando assim as formações discursivas que assinalam o *signifazer* da comunicação na mídia impressa.

Assim, fica instaurada, para o texto jornalístico, uma articulação pragmático-discursiva, em especial nas seções que o presente estudo focaliza: economia, política e policial. Essas editoriais evidenciam o propósito do jornal que é de informar o que ocorre na sociedade brasileira. Ele não tem a pretensão de convencer o leitor-enunciatário sobre o que noticia, mas sim de colocar a população inteirada das informações que veicula e que, num plano de contextualização, tem a ver com o cotidiano de todos.

As notícias apresentadas por alguns jornais são diferentes das apresentadas por outros, devido à mistura de boatos, informações confusas e à própria posição ideológica de cada jornal. Essa forma distinta de noticiar um mesmo acontecimento deixa bem claro que existe uma grande distância que seria

o fato à versão apresentada em cada um. A notícia jornalística pode ser considerada como “relato de aparência”, pois os mediadores (pessoas que viram o fato, jornalistas, e, até mesmo, o leitor) recortam a informação de um contexto e a (re)constroem segundo as orientações existentes (discursivamente, que remetem às formações discursivas).

A construção de discurso jornalístico é feita com a articulação das mais diversas formas de expressão, como as linguagens verbal e fotográfica, por exemplo, que ordenam o universo que o jornal constrói e que, por sua vez, vão viabilizar os “efeitos da verdade” no enunciatário. O discurso jornalístico, então, representa as práticas do cotidiano (política, social, econômica, cultural, esportiva) como objeto de sentido que vai reforçar a instância de competência em nível do “fazer-criar” na sua informação, que será, exatamente, o que conferirá credibilidade ao jornal, por parte da comunidade de leitores.

A notícia veiculada precisa adotar uma linguagem que atue como mediadora das intenções da indústria da informação, que deseja “vender” um produto, além de afirmar sua credibilidade, por um lado, e por outro, atender às expectativas do consumidor-leitor, que precisa receber informações num tempo específico - já que se caracteriza pela atualidade e, mesmo assim, é de segunda mão -, além dos critérios de qualidade e acessibilidade.

Por essa ótica, a dimensão pragmático-discursiva assume papel subsidiário, uma vez que situa os enunciados jornalísticos, contextualmente relevantes, auxiliando na configuração dos efeitos de sentido que, a partir deles (dos enunciados) se espraiam no contexto jornalístico como um todo, a fim de expressarem as referências informativas que resguardam - a seu tempo - a memória daqueles que escrevem a história.

Optei pelos contextos das editoriais de economia, política e policial porque pressupõe-se que a maioria dos leitores brasileiros lêem estas seções, estabelecendo uma efetiva comunicação, e por apresentarem um número

significativo de predicadores *comitativos*, conforme estudo piloto realizado em 1997.

O referido estudo foi feito a partir de um *corpus* retirado da Folha de S. Paulo, dos três últimos meses do ano de 1997, independentemente de editoria. Busquei o auxílio da tecnologia usando o CD-ROM da Folha de S. Paulo e, posteriormente, valendo-me de um programa computacional.

Para esta pesquisa foi ampliado o período de 3 para 12 meses durante o ano de 1997, a fim de que pudesse coletar todos os verbos/predicadores que aparecem nos textos em anexo e caracterizados como verbos/predicadores do campo semântico *comitativo*.

Foi montado um *corpus* constituído de 300 verbos, flexionados no Presente, Pretérito Perfeito e Futuro do Indicativo, na 3ª pessoa do singular e do plural e nas formas nominais do Particípio Passado, já que, em uma análise preliminar, verificou-se serem essas as flexões verbais de maior frequência em tais textos.

Para agilidade na pesquisa das formas verbais acima referidas, utilizou-se um *software* que busca, em um banco de dados, palavras ou grupos de palavras previamente inseridos para pesquisa. O *software* utilizado intitula-se Sistema de Análise Lingüística – Versão 1,02. Foi elaborado pelo Laboratório de Instrumentação Eletrônica: Circuitos e Processamento de Sinais – LINSE da Universidade Federal de Santa Catarina e foi cedido ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística para as pesquisas em análise de fala. Esse *software* é um subproduto dos projetos desenvolvidos pelo referido Laboratório para a conversão texto-fala e o reconhecimento de fala.

A sistemática utilizada para a coleta e análise dos verbos encontrados deu-se a partir da inserção de um grupo de palavras, que se constituíam de um radical verbal e as desinências das formas verbais correspondentes às flexões acima assinaladas (por exemplo: visit-a, visit-am, visit-ou, visit-aram, visit-ará,

visit-arão, visit-ado, visit-ados, visit-ada, visit-adas). Fazia-se a busca nas editorias e meses acima elencados, também previamente inseridos no *software*. Dessa forma, obtinham-se todos os verbos procurados dentro de seus respectivos enunciados para que se pudesse observá-los em contexto, conforme exemplo abaixo:

*A apresentadora Hebe Camargo, que ontem **visitou** Maluf acompanhada da mulher de Celso Pitta, Nilcéa, disse que o resultado da biópsia não indicou que o tumor é maligno.* (F.S. P., 04/01/1997, p.1-5)

Ao final, o *software* selecionava automaticamente uma amostra aleatória de 50 enunciados para análise. Em anexo estão todos os enunciados encontrados com a frequência de uso efetivo de cada forma verbal pesquisada.

Por questões metodológicas, optei por analisar os verbos/predicadores que constituem enunciados comitativos: (i) a partir de predicadores comitativos propriamente ditos, no seu sentido básico; (ii) a partir de predicadores metaforizados em comitativos; (iii) e a emergência desses enunciados metaforizados em seu sentido básico. Desconsidereei enunciados comitativos que não tivessem o par: enunciado metaforizado e enunciado no seu sentido básico. Por exemplo:

(i) *"Muito abalado emocionalmente, com tremores e dificuldade de **andar**, Castro ainda deveria permanecer internado esta noite, segundo a direção do hospital.* (F.S.P., 10/07/97, p. 3-3)"

(ii) *"O irmão do garoto, Fernando, 9, disse que, mesmo sem ir às aulas, o menino não **andava** com más companhias do bairro.* (F.S.P., 03/07/97, p. 3-2)"

Encontrei o predicador **andar** cujo sentido básico configura-se como 'dar passos, caminhar, mover-se', o que configura um domínio locativo, conforme pode-se observar no enunciado (i). Já no enunciado (ii) o indicador espacial **andar**

é projetado de seu domínio locativo para o domínio comitativo, indicando o efeito de sentido que perspectiviza companhia 'não andava com más companhias do bairro', ficando os papéis semânticos representados na grade temática como: **Agt,Obj,Com/Agt=Obj; Loc→Com**. O papel temático agentivo e o objetivo estão representados por 'o menino' e o comitativo 'com más companhias'; e **Loc →Com** indica que o comitativo advém do campo locativo.

Lista de verbos/predicadores comitativos (* básicos e metaforizados)	
Abandonar	Fugir
* Acompanhar	Ganhar
Achar	* Isolar
Adotar	Ir
Afastar	Levar
Andar	Morar
Apanhar	* Namorar
Aproximar	Oferecer
Arrastar	Passar
*Casar	Perder
Caminhar	Permanecer
Cercar	Perseguir
Chegar	Precisar
Conquistar	Procurar
Conseguir	Receber
* Conduzir	Recuperar
Continuar	Retornar
* Congregar	Reunir
Crescer	Romper
* Conviver	Roubar
Dar	* Seguir
Deixar	* Segregar
Desistir	Sair

* Divorciar	Sentar
Desligar	Separar
Desviar	Ter
Devolver	Tomar
Dirigir	Trazer
*Dispersar	Unir
Encontrar	Ver
Entregar	*Visitar
Esconder	Viver
Esperar	Voltar
Estar	
Ficar	
Freqüentar	

Figura 34 – Lista de Verbos/Predicadores básicos e metaforizados

Entre esses estão relacionados os predicadores representativos do campo semântico *comitativo* que serão, efetivamente, analisados no presente estudo. Eles se dividem em três categorias, a saber: (i) verbos/predicadores do campo semântico comitativo em seu sentido básico;(ii) verbos/predicadores metaforizados do campo semântico comitativo em direção aos outros campos semânticos; e (iii) verbos/predicadores que provêm dos outros campos semânticos para o comitativo.

Selecionei quatro dicionários (Borba, Francisco da Silva. *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil*; Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio*; Houaiss, Antonio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa.*; e Cunha, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*) para pesquisar os predicadores que constituem o *corpus* desta pesquisa.

Tabela de verbos/predicadores conforme os seguintes lexicógrafos

Autor	Verbo/predicador	definição
Francisco da Silva Borba	Namorar	<p>Indica ação com sujeito agente.</p> <p>1. Com complemento, apagável, expresso por nome humano, significa <i>praticar ou manter relações de namoro e cortejamento, requestar. Você já namorou todas as minhas amigas(SMF,165); As moças devem namorar.(PV,554)//1^a</i></p> <p>Também ocorre com complemento precedido de com: Viam a Dondoca namorar no escuro com o Antônio(COR,121)//2^a O complemento pode coordenar-se ao sujeito e, então, condensar-se numa forma de plural. Nesse caso, pode ocorrer um indicador de reciprocidade: Leo e Rosa estão namorando; Os dois namoravam à sombra de uma jaqueira: Mas eu nem sabia que vocês se namoravam!(G,155).2. Com complemento expresso por nome concreto, significa <i>observar com interesse, desejar ardentemente: [Cleô] pôs-se a namorá-lo [Dr.Pílade] de longe(AS,203); [Pacuera] Namora o relógio de cuco(RA,20); Gavião namora a presa descuidada (SE,49).</i></p>

Francisco da Silva Borba	Noivar	Indica ação e constrói-se com sujeito agente e com complemento, apagáveis, da forma com + nome humano . Significa <i>assumir o compromisso do noivado, namorar na condição de noivo: E ao mesmo tempo o Fininho noivara com moça do Rio (MC,84); se (Delfino) não houvesse caído em tentação, provavelmente ainda estaria noivando! (MC,77).</i> //O complemento pode coordenar-se ao sujeito e, então, condensar-se numa forma de plural: Pedro e Maria noivaram ontem; Junto desta dama-da-noite namoramos, noivamos...(VN,68).
Aurélio Buarque de Holanda Ferreira	Namorar	[Var.aferética de <i>enamorar</i> .] V.t.d. 1. Procurar inspirar amor a; requestar, cortejar: <i>Uma velhota metida a faceira... que tinha a mania de <u>namorar</u> os rapazes elegantes da cidade.</i> (Viriato Correia, <i>Novelas Doidas</i> , p.24) [Sin.: <i>arrastar a asa a., fazer pé-de-alferes a, azeitar e (bras.,S.) tourear</i> .]...

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira	Noivar	[De <i>noivo</i> + <i>-ar</i> 2.] V.int. 1. Celebrar noivado.
Antonio Houaiss	Namorar	v.(sXIII cf.FichIVPM) 1.t.d.int. empenhar-se em inspirar amor a alguém; galantear, cortejar, requestar <i><namorava-a insistentemente nas festividades em que o acaso os reunia> <para tão inveterado galanteador, toda ocasião era propícia a n.></i>
Antonio Houaiss	Noivar	v.(1881cf.CA) 1. Cortejar a jovem com quem se ajustou o casamento, visitando-a regularmente no período que antecede a boda: conviver (o casal de noivos), para se conhecerem melhor <i><ele já está noivando há quatro anos e nada de marcar a data do casamento> <o jovem casal noivava na sala de visitas></i> .
Antônio Geraldo da Cunha	Namorar	Vb. 'cortejar, cativar, atrair' XIII. Forma aferética de <i>enamorar</i> // enamorADO XIII// enamorar XIII. De EN- + AMOR + -AR// namorADA 1813// namorAD.EIRA 1813// namorAD.IÇO XVI// namorADO XV// namor ADOR XVII// namorO 1881. V.AMOR.

Antônio Geraldo da Cunha	Noivar (não consta no dicionário)	Noiva sf. ‘prometida, aquela que se vai casar’/ noiva XIII, noyva XVI/ Do lat. Nupta ‘esposa’, com provável influência do adjetivo nova, de que resultaria um lat. *novia// ANTE <u>nupci</u> AL 1858//In <u>nupt</u> A/innupto XVII// NOIV ado// NOIV ar xix NOIV o.
--------------------------	--	---

Figura 35 – Quadro lexicográfico

Por que dicionários? Porque pressuponho que registram o que está armazenado na memória coletiva de uma determinada comunidade lingüística. Dessa forma, um determinado verbete tende a registrar primeiramente os sentidos mais *velhos* de um vocábulo e os mais novos a seguir. Por isso, em minha pesquisa, será adotado como sentido mais *velho* o primeiro sentido registrado pelos dicionários. Em caso de discordância entre os dicionários, adotarei o sentido que se coaduna com a minha intuição de falante nativo e assinalarei o outro com um ponto de interrogação (?).

Iniciarei pelo *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, com o objetivo de explicitar que o “etimológico” não é necessariamente o sentido básico do(s) predador(es) que será analisado. Segue a pesquisa no *Novo Dicionário Aurélio* e o *dicionário Houaiss*, por serem os maiores lexicógrafos da língua portuguesa, e, por último, no *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil* uma obra que trata de verbos/predadores sob a ótica da teoria de casos e apresenta exemplário contextualizado.

3.2. Operacionalização do termos para interpretação contextual e casual

A operacionalização que segue faz-se necessária devido à utilização de teorias que adoto como complementares ao empreendimento que realizo. O intuito é o de facilitar e direcionar a interpretação contextual e casual, focalizando as *cenas*, aqui caracterizada como *evento*, e, no seu interior, a constituição dos enunciados no domínio do *campo semântico comitativo (Com)*, quer na sua dimensão básica, quer na metaforizada. Os termos operacionalizados estão descritos a seguir.

Significação

A *significação* pode ser concebida como um processo; é o ato que une o significante e o significado, ato esse que deriva e incide no signo. É um sistema de regras sobre o tipo de relação que as palavras mantêm entre si, é o registro dos usos lexicais, o que está incorporado numa determinada comunidade, conseqüentemente dicionarizada, institucionalizada. O campo da significação pressupõe o campo contextual.

Significado

Na terminologia de F. de Saussure, *significado* aparece como sinônimo de *conceito*; *conteúdo*. A noção semântica está contida nos morfemas gramaticais de uma língua, estabelecida dentro de um determinado sistema lingüístico.

Efeito de sentido

Efeitos de sentido são as possibilidades significativas existentes de um determinado signo que pode assumir num processo de interpretação, de acordo com o contexto em que é enunciado. O efeito de sentido normalmente instaura o *novo*, o ainda “não dito”, com vistas a suscitar a atenção do seu interlocutor.

Enunciado/enunciação

O enunciado designa toda seqüência articulada de itens lexicais de uma língua e dentro de um determinado contexto. Cada enunciado corresponde a um *evento* recortado no contexto em que está inserido. Um enunciado pode ser formado por uma ou várias frases. Aqui, foram divididos de acordo com a incidência de verbos/predicadores do campo semântico comitativo, e cada divisão corresponde a um *minievento* ou uma *microcena*, que encerra somente um verbo/predicador.

A enunciação é, então, o ato individual que utiliza a língua, produzindo o enunciado, resultando na expressividade do falante, tendo em vista o lugar de dizer de cada usuário. Assim o evento e *minievento* caracterizam-se como unidades hierarquizadas no contexto enunciativo.

Evento

Defino como *evento enunciativo* os resultados dos recortes efetuados no contexto estabelecido. Cada *evento* caracteriza uma situação, e sua extensão foi determinada com base no critério de completude do enunciado – de ponto a ponto –, o que assegura a possibilidade de ‘recortar’ mantendo a relação intrínseca com o contexto, que funciona como instância maior do que aqui está dimensionado como *cenário constitutivo*, o qual evidencia a síntese enunciativa daquele.

Pragmática

A *pragmática*, neste trabalho, assume uma perspectiva enunciativa, pois, além de ser responsável pelas imbricações contextuais, também abarca fatores circunstanciais que subsidiam as condições de uso em relação à dimensão contextual, resguardando diferentes níveis de constituição discursiva.

Tessitura

Entende-se por *tessitura* o modo como estão interligadas as partes de um todo. Assim, os *minieventos* estão ligados aos *eventos*, os *eventos* estão ligados aos *cenários*, os *cenários* estão ligados ao texto, o texto está ligado ao contexto e o contexto está ligado ao discurso.

Contexto

A noção de *contexto* caracteriza a reconstrução de uma série de traços numa situação comunicativa, isto é, daqueles traços que são parte integrante das condições que fazem com que os enunciados resultem como atos de fala. O contexto é, portanto, a situação de emprego dos vocábulos, dos enunciados e de um texto. Os traços textuais podem expressar ou constituir aspectos do contexto; a estrutura do contexto determina que traços devem integrar os textos para que sejam aceitáveis – como enunciados – no contexto.

Contextura

Entende-se por *contextura* o modo como estão interligadas as partes de um todo, seqüência, encadeamento de idéias, argumentos, num conjunto organizado. Temos, então, por exemplo, a hierarquia de seleção do sujeito em

Gramática de Casos: Agt>Exp>Ben>Obj>Loc>Com>Tem>Hol, aspectos relevantes e abrigados na contextura.

Discurso

O *discurso* é depreendido como significação ampliada, capaz de responder pelos componentes históricos, sociais e ideológicos, refletidos no sujeito que representa. O discurso, portanto, é tomado, aqui, como um objeto histórico que detém materialidade lingüística. Segundo essa perspectiva, o processo discursivo compreende a produção de sentido, e o discurso passa a ser o espaço no qual emergem os sentidos. Nessa abordagem o discurso é tratado como unidade semântico-pragmática, uma vez que os elementos externos ao seu objeto de análise, que é o texto (=cenários/cenas), apreende todo o conjunto das significações contextuais.

Historicidade

Historicidade denota qualidade ou condição do que é histórico. O conjunto dos fatores que constituem a história de uma pessoa e que condicionam seu comportamento em uma dada situação, fazendo com que a caracterização do processo da enunciação em cada discurso não seja relacionada ao efeito de uma conjuntura, mas às características individuais de cada locutor ou ainda às relações interindividuais que se manifestam no seio de um grupo.

Enunciado jornalístico

Em termos gerais, é todo e qualquer enunciado produzido no e pelo jornal, ou ainda nele veiculado. Denomino enunciado jornalístico a forma de expressão do jornalismo, aqui definido como a unidade de comunicação, uma seqüência verbal dotada de sentido e sintaticamente completa. Um enunciado, no sentido

de objeto material oral ou escrito, de objeto empírico, observável e descritível, não é o texto, objeto abstrato que deve ser pensado dentro do quadro de uma teoria de sua estrutura composicional.

Predicadores

Predicador seleciona os termos argumentais, negociando a quantidade e a qualidade dos papéis semânticos que constituirão a valência do verbo. O predicador poderá abranger também os nomes, os adjetivos e os advérbios quando usados predicativamente.

Âncora discursiva

A Análise do Discurso trabalha com a materialidade da linguagem, considerando-a em seu duplo aspecto: o lingüístico e o histórico, enquanto indissociáveis no processo de produção do sujeito do discurso e dos sentidos que (o) significam. O que permite dizer que o sujeito é um lugar de *significação* ideologicamente constituído. A Análise do Discurso de linha francesa concebe a língua em sua relação *com quem diz*, e *de onde diz*, de forma que o sujeito é considerado à luz de sua história. São levados em conta os fatores e condições de produção da linguagem, bem como a situação em que o discurso é produzido.

Comitativo

O caso *Comitativo* é o caso que representa o campo ou domínio semântico *Comitativo*, expresso tanto positiva como negativamente, captando noções de *companhia* e *ausência de companhia* que são percebidos estaticamente, processualmente ou agentivamente nos contextos econômico, político e policial instanciados no discurso jornalístico. Esta abordagem vai olhar especificamente a constituição do

caso *Com (Comitativo)*, circunscrito aos verbos/predicadores e suas incursões semânticas nos *eventos* e *minieventos* dimensionadas para análise.

Campo ou domínio semântico

Os predicadores ditos comitativos e não-comitativos são aqueles que gravitam em torno de um território que denota *companhia, acompanhamento*. Os predicadores comitativos figuram em seu campo básico, ou domínio básico, ou podem vir metaforizados de outros campos denominados, assim, de campo semântico comitativo. Campo semântico, aqui, portanto, é aquele enunciado que carrega sentido *de companhia*.

Sentido básico

Sentido básico é entendido como aquele *sentido primeiro*, que identifica o recorte cultural da comunidade, mantendo com esta uma relação de familiaridade e de especificidade. Esse sentido pode metaforizar-se, pois é sempre renovado, recontextualizado, redimensionado, evocando novas situações.

Metáfora/Metaforização

A metáfora funciona como fonte infinita de expressividade, caracterizando-se pelo re-investimento lexical, obtendo novos efeitos de sentido, que são possíveis através da recursividade lingüística, de conhecimento da comunidade lingüística em que ocorre.

A essência da metáfora é provocar algo diferente ou inovador, o que evidencia a suspensão de alguns traços durante o movimento para a assunção de outros, de acordo com a situação predicativa de uso.

Polissemia

Polissemia é a propriedade de os efeitos de sentido produzidos apresentarem variações semânticas sem, entretanto, mudarem de campo semântico. O elemento lexical passa a ser considerado polissêmico, sempre que permitir a utilização do mesmo item lexical, com variação de sentido, em diferentes contextos.

Linguagem

A *linguagem* é vista aqui em seu caráter de comunicação humana verbal-escrita, por se tratar da linguagem da mídia impressa. A linguagem jornalística é uma modalidade de manifestação comunicativa condensadora de múltiplas informações, cuja interpretação aciona necessariamente o conhecimento de um conjunto de dados e fatos contemporâneos ao momento específico em que se instaura a relação discursiva entre o produtor e o receptor da notícia.

Completude

Conforme Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, *completude* é a qualidade, estado ou propriedade do que é completo, perfeito, acabado. Aqui, terá o caráter de *completude* cada situação/evento, síntese enunciativa.

Sujeito-enunciador

O *sujeito-enunciador* é, nesse caso, aquele que escreve (repórter, redator) que produz as notícias/reportagens do jornal, e os *enunciatários*, que são os leitores, são “virtuais”. A mensagem impressa, que se insere nas comunicações de massa, é transmitida pela escrita; uma vez que o contato se estabelece pela grafia e pela tipografia, todo texto, antes de ser informativo, tem uma função

icônica. Ao mesmo tempo em que se insere em um contexto espaço-temporal (o espaço-jornal e a cronologia cotidiana), a mensagem adquire seu sentido através da situação sociocultural e político-econômica.

Instância enunciativa

Os interlocutores conseguem distinguir quando o sujeito enunciador profere *um apelo, uma declaração, um pedido*, etc., porque eles são capazes de apreender as diversas nuances de sentido que se estabelecem no meio em que vivem. Desse modo, as instâncias enunciativas são compartilhadas através de uma escala de hierarquia totalmente socializada, razão pela qual fica ressaltada a compreensão entre os participantes do ato comunicativo.

Intencionalidade

A *intenção* é um traço pragmático ligado ao sujeito-enunciador que leva em consideração o conhecimento, supostamente compartilhado com o interlocutor. O contexto exerce papel fundamental na captação do traço de intencionalidade, que vem explicitado através de um indício, como o verbo no imperativo, através da oração final, ou a presença de aspas. É na intencionalidade que se abrigam as marcas para performar os novos efeitos de sentido que a Gramática de Casos se propõe a interpretar.

Lexicalização

Lexicalizados são casos que estão incorporados ao significado do verbo e normalmente não aparecem na estrutura superficial. Em:

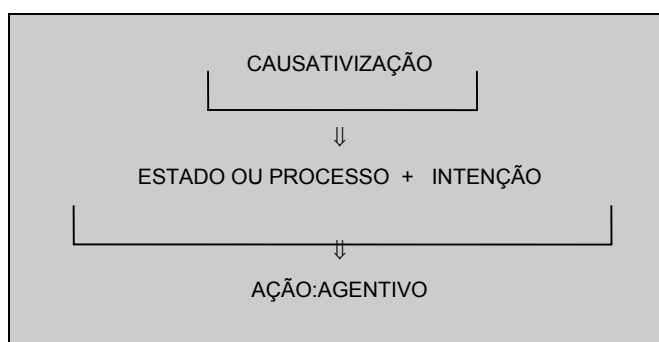
João *engarrafou* a cerveja.

/ \
pôr em garrafas

onde o verbo *engarrafar*, vt, traz o locativo (=em garrafas) incorporado em sua forma. Uma função casual lexicalizada pode apresentar, na estrutura sintática, uma cópia desta, acrescida de um modificador. Pois a relação semântico-pragmática subsumida entre o verbo e seus argumentos favorece a amplitude dos campos semânticos e gera novos efeitos de sentido que podem ser captados através das lexicalizações.

Causativização

Dizemos que predicadores estáticos e processuais são causativizados quando, no enunciado, ao captar a intenção do sujeito-enunciador, o verbo estático ou processual acrescido do fator *intenção* passa a atribuir um outro caso, próprio dos verbos de ação, o agentivo.



Esses termos operacionalizados receberam tratamento especial devido a sua relevância no contexto do presente estudo. Os demais, embora

indispensáveis, têm sua compreensão assegurada no âmbito contextual em que são utilizados.

3.3. Caracterização do *corpus*

3.3.1. Etapa piloto

A linguagem jornalística se configura como exemplar fidedigno da língua em uso, e os contextos político, econômico e policial podem significar a expressividade ideológico-cultural de uma comunidade representados por políticos, economistas, comentaristas policiais, e a população de modo geral.

O jornal, enquanto meio de comunicação, circula diariamente, informando à população o que aconteceu no dia anterior. Sua linguagem, por isso, é acessível e cumpre o papel de informar através da mídia impressa.

A opção pelos contextos econômico, político e policial derivou-se de um projeto piloto, durante o período de 3 meses, no qual se verificou que a incidência maior de *predicadores comitativos* acontecia nessas três seções.

Os enunciados com predicadores comitativos eram pouco recorrentes, partindo para a necessidade de período amplo de coleta, nas referidas editorias. A partir dessas constatações foi elaborada uma lista de verbos/predicadores de natureza comitativa, identificados nos contextos acima, no projeto piloto, independente de seu movimento no âmbito do enunciado, isto é, se esses verbos assumiam, isoladamente, uma configuração de predicadores básicos ou metaforizados.

3.3.2. Coleta do corpus

O período de coleta estendeu-se por 12 meses (de 01/01/97 a 31/12/97). A partir daí, defini os critérios operacionais e passei a fazer o levantamento e a classificação do corpus, atividade que desenvolvi no período compreendido entre janeiro e dezembro de 2001, devido à confecção do programa computacional adequado à pesquisa. Para isso, busquei o auxílio de um programa computacional – ANALING – elaborado especialmente para coletar os enunciados no período acima referido.

O programa computacional foi elaborado pelo Laboratório de Instrumentação Eletrônica: Circuitos e Processamentos de Sinais-LINSE da UFSC. Este software constitui-se em um subproduto dos projetos desenvolvidos pelo referido Laboratório para reconhecimento de fala e conversão texto-fala.

Após aplicação do programa computacional foi desenvolvido o processo de análise, com vistas à interpretação dos dados obtidos. O programa computacional inscreve-se na dimensão quantitativa, permitindo a verificação da grade temática resultante, enquanto que a teoria utilizada subsidiou a aferição da dimensão qualitativa.

Do universo de 300 verbos/predicadores coletei 112.466 enunciados das editorias mencionadas. Considerando as perspectivas que estabeleci, as análises que implementei inscrevem-se na amostragem; por essa razão, limitei o corpus a 69 verbos/predicadores, uma vez que esses representavam, inicialmente, os movimentos semânticos no âmbito do sentido básico e das metaforizações. Os que não se enquadravam neste critério não foram analisados. Também deixei de lado os adjetivos com sentido de companhia, porque seu predicador ou era o verbo *estar* ou o verbo *ser*; por isso, foi analisado somente um enunciado de cada verbo (*ser/estar*). Dentro desses critérios selecionei um total de 69 enunciados, tanto em seu sentido básico como em seu sentido metaforizado. A partir daí realizei a análise qualitativa propriamente dita.

CAPÍTULO IV

PROCESSO DE ANÁLISE

O processo de análise ampara-se nos critérios semânticos expresso pelos quatro dicionários citados (Cunha, Ferreira, Houaiss e Borba), com vistas a explicitar se os usos efetivos estão ocorrendo em seu(s) sentido(s) básico(s) ou metaforizados. Por isso, em minha pesquisa, adotei como básico o sentido de domínio de determinada comunidade lingüística e registrado pelo(s) dicionário(s), e tomados na sua primeira acepção. Em caso de discordância entre os dicionários, adotei o sentido que se coadunava com a minha intuição de falante nativo decorrente do domínio da comunidade lingüística representada. As cenas das editorias de economia, política e policial, e os respectivos verbos/predicadores dos enunciados, focalizados e selecionados como exemplário desta análise estão divididos em dois blocos: (i) enunciados comitativos a partir de verbos/predicadores comitativos básicos e (ii) enunciados comitativos que se constituem a partir de verbos/predicadores comitativos metaforizados.

4.1. Análise de Enunciados Comitativos Básicos

O *corpus* deste bloco compõe-se de doze enunciados comitativos que se constituem a partir dos seguintes predicadores comitativos básicos: *acompanhar*,

casar, conduzir, congregar, conviver, dispersar, divorciar-se, isolar, namorar, segregar, seguir, visitar.

1. ACOMPANHAR: a) cf. Cunha – ‘a acompanh.ado, -amento, -ar – companhia; b) cf. Ferreira – ‘ir em companhia de; fazer companhia a’ ‘seguir’; c) cf. Houaiss – ‘estar ou ficar com ou junto a (alguém) constantemente ou durante certo tempo; fazer companhia a <acompanhar alguém durante uma espera>; d) cf. Borba – significa juntar-se a (alguém), para ir onde ele vai ao mesmo tempo que ele, ir em companhia de, conduzir’.

1.1. *No vôo de volta à Itália, o papa estava cansado e acabou não falando com os jornalistas que o **acompanhavam**.* (F.S.P., 07/10/97, p.1-12)

1.2. *As avaliações eram **acompanhadas** de críticas pesadas aos procedimentos adotados anteriormente.* (F.S.P., 02/02/97, p. 2-3)

Na cena 1.1. encontra-se o predicador **acompanhar** que inscreve o seu sentido básico como ‘ir em companhia de’, assinalando sua natureza comitativa. No enunciado acima, a *vs*¹⁵ do predicador encerra a seguinte grade temática: Agt,Obj,Com/Agt=Obj. Um **Agt** em correferência com um **Obj** expresso por ‘os jornalistas’ no enunciado acima, e um **Com** expresso por ‘o’. Já na cena 1.2. o predicador *acompanhar* sai do seu domínio semântico comitativo em direção ao domínio semântico básico, indicando o efeito de sentido que perspectiviza a presença de dois Obj. Na assunção deste efeito de sentido, a *vs* desse predicador deflagra a presença de um Obj expresso por ‘As avaliações’ e de outro Obj

¹⁵ *Vs* = valência semântica diz respeito ao número de argumentos que um predicado pode ter (ex.:P(A): P(A¹, A²), P(A¹,A²,A³),P(A¹,A²,A³,A⁴)). Deste ponto de vista um item lexical pode ser avalente ou monovalente, divalente, trivalente e tetravalente.(Borba, 1996:20)

representado por ‘críticas pesadas’. A grade temática está assim representada:
 Obj, Obj.; **Com**→**Obj**.

2. CASAR – a) cf. Ferreira – ‘unir por casamento; matrimoniar’; b) cf. Houaiss – ‘unir(-se) por matrimônio <foi ele o padre que casou os dois>; c) cf. Borba – ‘unir (um homem e uma mulher) celebrando o casamento’.

2.1. *O presidente Goulart (João) **casou** com a extremamente atraente Maria Tereza Goulart, diz um texto do Departamento de Estado norte-americano. (F.S.P., 11/10/97, p. 1-10)*

2.2 *Há duas grandes vertentes de fraudes sendo reveladas: a mais específica, com operações **casadas** de títulos públicos vinculados a precatórios, e outra, mais ampla, com operações de “esquentar e esfriar” dinheiro, explicada por Celso Pinto em sua coluna na Folha no dia 20. (F.S.P., 23/03/97, p. 2-4)*

No enunciado 2.1. está inserido o predicador **casar**, que delinea o sentido básico de ‘unir-se por matrimônio’, ratificando sua condição comitativa. No interior da microcena em que se localiza, a vs requer a presença de um **Agt** em correferência com um **Obj**, representados por ‘O presidente João Goulart’ (=aquele que pratica ação de casar e ao mesmo tempo o objeto da ação praticada); e um **Com** – representado por ‘Maria Tereza Goulart (=aquela com quem o Presidente passou a ter como companheira)’. Assim, sua grade temática é: Agt, Obj, Com/Agt=Obj. No enunciado 2.2. que tem sua acepção básica ‘unir-se por matrimônio’ fica rebaixado no background, e em seu lugar são perspectivizados outros sentidos. A vs do referido predicador requer a presença de dois Obj, o primeiro expresso por ‘operações’ e o segundo por ‘títulos públicos’ evocando o sentido de *combinadas umas com as outras*. A grade temática é:

Obj, Obj; Com→Obj.

3. CONDUZIR – a) cf. Cunha – ‘guiar, orientar, dirigir’; b) cf. Ferreira – ‘ir na companhia de, guiando, orientando, e/ou em sinal de respeito, ou de cortesia; levar’; c) cf. Houaiss – ‘ir junto com ou dentro de (algo) de um lugar para outro, dando-lhe direção e/ou comando; guiar, dirigir<conduzir uma criança pela mão>’; d) cf. Borba – ‘levar, acompanhar, guiar’.

3.1. *A rainha **conduziu** Fernando Henrique até a carruagem, que circulou por Londres em longo cortejo, até o palácio de Buckingham.* (F.S.P., 03/12/97, p. 1-16)

3.2. *Os marinheiros que **conduziam** a balsa gritaram no momento em que viram o veículo deslizando, mas os ocupantes não ouviram.* (F.S.P., 23/12/97, p. 3-4)

O predicador *conduzir* encerra como sentido básico “ir junto com ou dentro de (algo) de um lugar para outro, dando-lhe direção e/ou comando; guiar, dirigir, levar”, desenhando um caso *atípico*, isto é, dois campos semânticos, comitativo e locativo, para uma única microcena, tendo uma configuração comitativa/locativa, simultaneamente. Assim, no enunciado 3.1 a valência semântica (vs) do predicador encerra um agente (Agt), pois encerra intenção, que está numa relação de correferência com o objeto (Obj), expresso por ‘a rainha’ (=aquela que vai na companhia de, guiando, orientando, em sinal de respeito, cortesia); um Com (=o acompanhante da rainha) representado por ‘Fernando Henrique’ e um Loc (lugar para onde se dirigem), representado por *até a carruagem*. A grade temática que resulta dessa análise é: Agt, Obj, Com, Loc., onde Agt=Obj. Podemos observar outra ocorrência com o predicador **conduzir** no enunciado 3.2, que, nesse caso, sai do domínio comitativo/locativo para ficar somente no domínio locativo. Nesta microcena 3.2. o predicador **conduzir** encerra um **Agt** (=aquele

que pratica a ação de dirigir) representado por ‘os marinheiros’; um **Obj**, expresso por ‘a balsa’, e um **Loc**, lugar para onde os marinheiros estão levando a balsa, mas não expresso na estrutura de superfície, portanto apagado, representados na grade temática da seguinte maneira:

Agt,Obj,Loc/Loc-apag.; **Com/Loc→Loc.**

4. CONGREGAR – a) cf. Ferreira – ‘juntar, reunir’; b) cf. Houaiss – ‘fazer ficar ou ficar junto, juntar(-se), reunir(-se), convocar(-se)’; c) cf. Borba – ‘juntar, reunir’.

4.1. *Tudo isso sob a presidência hospedeira do governador Vitor Buaiz dizendo que precisamos discutir um projeto alternativo para oferecer ao país e que temos que nos **congregar**, porque o trator está ligado. (Folha de São Paulo, 23/02/97, pg. 1-12)*

Neste contexto, aparece o predicador **congregar**, cujo sentido básico é o de ‘fazer ou ficar junto, juntar(-se), reunir(-se)’ ratificando sua natureza comitativa. No enunciado 4.1., a *vs* do predicador encerra um **Agt** em correferência com um **Obj**, -apagado, portanto não explicitado na estrutura de superfície, subentendido no contexto por ‘nós’, e um **Com** (=reunir uns com os outros), representado por ‘nos’ delineando a seguinte grade temática:

Agt, Ob, Com/Agt=Obj; Com-apag.

5. CONVIVER – a) cf. Ferreira - ‘viver em comum com outrem em intimidade, em familiaridade; b) cf. Houaiss – ‘viver em proximidade; ter convivência <o antropólogo conviveu com várias tribos>; c) cf. Borba – ‘viver em comum, viver em intimidade, viver com outrem’.

5.1. *A assistente social Isabel Tavares, que percorre a periferia de Salvador como militante do Gapa da Bahia, diz que as mulheres preferem **conviver** com um marido que pode contaminá-la do que falar em camisinha e correr o risco de perder o marido e o sustento. (F.S.P., 24/11/97, p. 3-1)*

O contexto acima inclui o predicador **conviver**, cujo sentido básico é ‘viver em comum com outrem em intimidade, em familiaridade’, caracterizando sua natureza comitativa, perspectivizando a noção de companhia expresso por ‘com um marido’. A vs do referido predicador enuncia um Agt em relação de correferência com Obj, expresso por ‘as mulheres’, e um Com – representado por ‘com um marido’ (=aquele com quem elas querem viver, ter a companhia). A grade temática é:

Agt, Obj, Com/Agt=Obj.

6. DISPERSAR – a) cf. Ferreira – ‘fazer ir para diferentes direções; pôr em debandada; espalhar’; b) cf. Houaiss – ‘fazer ir ou ir (um conjunto de coisas ou pessoas) para diferentes lados; espalhar (-se) <os manifestantes dispersaram-se pacificamente>; c) cf. Borba – ‘fazer ir para diferentes direções; pôr em debandada; espalhar’.

6.1. *E com prazo, o nosso grupo não **se dispersa**, resumiu o presidente do PFL, deputado José Jorge (PFL-PE), à Folha às 21h30 de ontem. (F.S.P., 17/01/97, p.1-9)*

O sentido básico do predicador (em 6.1.) significa ‘fazer ir (um conjunto de pessoas) para diferentes direções; espalhar-se’ configurando sua natureza comitativa e locativa. O predicador perspectiviza a conotação de: ‘não se separam

uns dos outros e não vão para diferentes direções' delinendo uma dimensão comitativa/locativa. Nesse sentido a vs do referido predicador encerra a presença de um **Agt** em correferência com um **Obj**, expresso por 'o nosso grupo'; um **Com** – não expresso na estrutura de superfície, portanto apagado (=uns dos outros); e um **Loc** subentendido na estrutura de superfície (=para diferentes direções). A grade temática é:

Agt,Obj,Loc,Com/Com e Loc-apag.

7. DIVORCIAR-SE: a) cf. Cunha – 'separação do vínculo matrimonial' 'desunião, separação'; b) cf. Ferreira – 'provocar ou decretar o divórcio de'; c) cf. Houaiss – 'separar(-se) judicialmente <a juíza aceitou divorciá-los>; d) cf. Borba – 'significa decretar o divórcio de'.

7.1. *Como é que você se separa de uma mulher em 88, em outubro de 97 se divorcia dela e, 20 dias depois, se casa com a mesma mulher?* (F.S.P., 27/11/97, p.1-10)

A cena destacada envolve o verbo-predicador **divorciar-se**, cujo sentido básico expressa a idéia de 'separar-se judicialmente', manifestando sua constituição comitativa. Na cena analisada, a vs do referido predicador deflagra a presença de um **Agt** em correferência com um **Obj** (ambos apagados), representado por 'você' – aquele que não está mais na companhia de alguém (sua esposa) representado na microcena por 'dela' configurando o **Com**. A grade temática está assim representada:

Agt,Obj,Com/Agt=Obj-apag.

8. ISOLAR- cf. Cunha – 'tornar solitário, separar, deixar só'; b) cf. Ferreira – ' tornar solitário; deixar só'; c)

Houaiss – ‘pôr(-se) a parte, afastar(-se) em sentido material, intelectual ou espiritual; separar(-se), <resolvi isolar-me por uns tempos no campo>’; d) cf. Borba – ‘tornar solitário; deixar só’.

8.1. *O critério de muitos hospitais em relação ao prematuro é¹⁶ isolar a criança da mãe.*
(F.S.P.,24/02/97, p. 3-11)

No contexto 8.1. vem expresso o predicador *isolar*, que tem o sentido básico de ‘tornar solitário, deixar só ‘ ratificando sua configuração comitativa. A vs do predicador prevê, então, um **Agt** aquele que pratica uma ação, expresso por ‘o critério de muitos hospitais’, um **Obj**, aquilo que será isolado, distanciado, separado representado neste enunciado por – a criança -, e um **Com**, sentido negativo de companhia - de ausência de companhia – a criança não terá a companhia da mãe. A grade temática resultante é:

Agt, Obj, Com.

9. NAMORAR – a) cf. Cunha – ‘cortejar, cativar, atrair’; b) cf. Ferreira – ‘procurar inspirar amor a, cortejar’; c) cf. Houaiss – ‘galantear, cortejar’ <namorava-a insistentemente nas festividades em que o acaso os reunia>; d) cf. Borba – ‘praticar ou manter relações de namoro ou cortejamento’.

Encontrei no texto jornalístico o predicador *namorar* com sentido de ‘terem duas pessoas relacionamento amoroso em que a aproximação física e psíquica, fundada numa atração recíproca, aspira à continuidade’ (Houaiss).

¹⁶Sintaticamente o verbo *ser* nesse enunciado faz papel de verbo auxiliar, pois o verbo principal é *isolar*. A esses conjuntos de verbos dá-se o nome de *locução verbal* (Mesquita, 1996:281).

9.1. *Por isso que eu digo: o homem tem de olhar bem para a mulher antes de começar a **namorar**, para não pegar esses abacaxis que precisam de horas para ficar bem.* (F.S.P., 19/10/97, p. 3-9)

Nesta cena aparece o predicador **namorar**, que ampara seu sentido básico em ‘praticar ou manter relações de cortejamento’, evocando sua constituição Comitativa; no contexto acima, sua vs encerra a presença de Agt, numa relação de correferência com o - Obj – objeto, ambos apagados no âmbito da microcena (=o futuro companheiro da mulher); e um Com – comitativo – que fica subentendido (=com uma mulher) também, encontra-se apagado na estrutura de superfície. Portanto, a grade temática está assim representada:

Agt, Obj, Com./Agt=Obj,- apag.; Com – apag.

10. SEGREGAR – a) cf. Cunha – ‘pôr de lado, separar’; b) cf. Ferreira - ‘pôr de lado; pôr à margem; separar, marginalizar’; c) cf. Houaiss – separar com o objetivo de isolar, de evitar contato; desligar, desunir, desmembrar <ainda há países que segregam os negros>; d) cf. Borba – ‘marginalizar, isolar’.

10.1. *Minha proposição não perde de vista uma das conclusões principais reveladas pelas pesquisas de Michel Foucault: a de que as penitenciárias existem para **segregar** e esconder os criminosos da sociedade, sob o pretexto de reeducá-los visando punir sua alma, escreve na introdução da tese.* (F.S.P., 19/05/97, p.3-2)

Na microcena focalizada encontra-se o predicador **segregar** que abriga sua origem básica em ‘isolar, evitar contato, desligar’, assinalando sua natureza comitativa: instanciando a noção de ‘isolamento, evitar o contato’, evidenciada em: ‘segrega os criminosos da sociedade’. No contexto em que o predicador

aparece, sua vs requer um Agt – subentendido por ‘as penitenciárias’, apagado nessa microcena, um Obj, representado por ‘os criminosos’ (=aqueles que serão isolados de) e um Com – representado por ‘da sociedade’. Sua grade temática é:

Agt, Obj, Com/Agt-apag.

11. SEGUIR – a) cf. Cunha – ‘acompanhar, perseguir, continuar, prosseguir’; b) cf. Ferreira, Houaiss e Borba – ‘ir atrás ou na companhia de, marchar ou caminhar após; acompanhar <não conhece o caminho, vai seguir o guia>.

11.1. *Simões foi colocado no porta-malas do Tempra e Aparecida **seguiu** com dois assaltantes na Blazer.*

(F.S. P., 11/12/97, p. 3-3)

11.2. *Segundo informações fornecidas pela assessoria da Presidência, FHC **seguirá** direto para o hospital.*

(F.S.P., 13/12/97, p. 1-12)

No enunciado 11.1. está inserido o predicador *seguir*, cujo sentido básico é ‘acompanhar, ir na companhia de’, deflagrando sua configuração comitativa; na microcena focalizada, a vs do predicador subsume a presença de um Agt numa relação de correferência com um Obj (=Aparecida) e um Com, expresso por ‘com dois assaltantes’, a grade temática é: Agt, Obj, Com/Agt=Obj. Já na cena 11.2. o predicador **seguir** sai do seu domínio semântico comitativo em direção ao domínio semântico locativo, indicando o efeito de sentido que perspectiviza a presença de um Loc. Na assunção deste efeito de sentido, a vs desse predicador deflagra a presença de um Agt, numa relação de correferência com um Obj expresso por ‘FHC’ e de Loc(=lugar para onde o FHC vai) representado por ‘para o hospital’. A grade temática está assim representada:

Agt, Obj, Loc/Agt=Obj; **Com→Loc.**

12. VISITAR – a) cf. Cunha, Ferreira, Houaiss e Borba– ‘ir ver (alguém) em casa ou em outro lugar, por cortesia, dever, afeição etc<fui visitá-lo no hospital>’.

12.1. *A apresentadora Hebe Camargo, que ontem **visitou** Maluf acompanhada da mulher de Celso Pitta, Nicéa, disse que o resultado da biópsia não indicou que o tumor é maligno.* (F.S.P., 04/01/97, p. 1-5)

1.2. *A maioria dos sacoleiros vem dos Estados do Acre e Rondônia, mas, segundo a Receita Federal, ônibus de Fortaleza (CE) também costumam **visitar** as duas cidades.* (F.S.P., 05/01/97, p. 2-12)

Na microcena 12.1. encontra-se o predicador *visitar* que inscreve o seu sentido básico como ‘ir ver alguém, fazer companhia a’, ratificando sua natureza comitativa. A vs do predicador tem a seguinte grade temática: Agt e Obj (=aquela que pratica a ação de visitar e ao mesmo tempo o objeto que fará companhia a) expresso por ‘que’ (=Hebe Camargo), e um Com (=aquele que estará na companhia de) representado por ‘Maluf’. Portanto, Agt,Obj,Com/Agt=Obj. Já na microcena 12.2. o predicador *visitar* sai de seu domínio semântico comitativo em direção ao domínio semântico locativo, evocando um novo efeito de sentido à microcena. A vs do referido predicador requer um Agt em correferência com um Obj – representado por ‘o ônibus de Fortaleza’ (=as pessoas que estão dentro do ônibus é que irão visitar as duas cidades), e um Loc – lugar para onde essas pessoas irão) -, expresso por ‘as duas cidades’. A grade temática é:

Agt, Obj, Loc/Agt=Obj Com→Loc.

A figura 36 contém verbos/predicadores que emergem de seu sentido básico comitativo em direção a outros domínios semânticos.

N.	VERBO-PREDICADOR	GRADE TEMÁTICA	
		SENTIDO BÁSICO COMITATIVO	SENTIDO METAFORIZADO
1.	ACOMPANHAR	Agt,Obj,Com/Agt=Obj	Obj, Obj Com → Obj
2.	CASAR	Agt,Obj,Com/Agt=Obj	Obj, Obj Com → Obj
3.	CONDUZIR	Agt,Obj,Com,Loc/Agt=Obj	Agt,Obj,Loc/Loc-apag. Com/Loc → Loc
4.	CONGREGAR	Agt,Obj,Com/Agt=Obj-apag	
5.	CONVIVER	Agt,Obj,Com/Agt=Obj	
6.	DISPERSAR	Agt,Obj,Com,Loc/Loc-Com -apag	
7.	DIVORCIAR	Agt,Obj,Com/Agt=Obj-apag.	
8.	ISOLAR	Agt, Obj, Com	
9.	NAMORAR	Agt,Obj,Com/Agt=Obj-Com-apag	
10.	SEGREGAR	Agt,Obj,Com/Agt-apag.	
11.	SEGUIR	Agt,Obj,Com/Agt=Obj	Agt,Obj,Loc/Agt=Obj Com → Loc
12.	VISITAR	Agt,Obj,Com/Agt=Obj	Agt,Obj,Loc/Agt=Obj Com → Loc

Figura 36 - VERBOS/PREDICADORES COMITATIVOS DE SENTIDO BÁSICO PARA OUTROS CAMPOS SEMÂNTICOS

4.2. Análise de enunciados comitativos metaforizados

As cenas dos contextos econômico, político e policial, e os respectivos verbos-predicadores das microcenas, a serem analisados, consistem de enunciados comitativos que se constituem a partir dos seguintes verbos/predicadores comitativos metaforizados: *abandonar, achar, adotar, afastar, andar, apanhar, aproximar, arrastar, caminhar, cercar, chegar, conquistar, conseguir, continuar, crescer, dar, deixar, desistir, desligar, desviar, devolver, dirigir, encontrar, entregar, esconder, esperar, estar, ficar, freqüentar, fugir, ganhar, ir, levar, morar, oferecer, passar, perder, permanecer, perseguir, precisar, procurar, receber, recuperar, retornar, reunir, romper, roubar, sair, sentar, separar, ter, tomar, trazer, unir, ver, viver, voltar.*

1. ABANDONAR – a) cf. Cunha – ‘renunciar, desistir de, entregar a’; b) cf. Ferreira e Houaiss– ‘deixar de todo, largar de vez; partir, ir embora <abandonou cedo a casa dos pais>; c) cf. Borba – ‘sair, afastar-se’.

1.1. *As estimativas sobre o total de pessoas, nos dez municípios, que **abandonaram** suas casas ainda são díspares.* (F.S.P., 06/01/97, p. 3-7)

1.2. *O adolescente diz que o principal motivo para ter resolvido **abandonar** a família foi problema familiar.* (F.S.P., 12/03/97, p. 3-3)

No contexto 1.1. fica perspectivizada a noção de lugar, alguém que se afasta, se distancia de seu lugar de origem, portanto locativo – Loc – representado por ‘suas casas’; assim a vs do predicador assinala a presença de um Agt – agente -, em correferência com um objeto, pois ele é o agente que se desloca de um lugar para o outro e ao mesmo tempo o objeto (Obj) deslocado, subentendido no enunciado (=as pessoas) representado por ‘que’, evidenciando o domínio espacial. Sua grade temática é: Agt, Obj, Loc/Agt=Obj. Já no contexto 1.2. os traços que se referem à localização (afastar em 1.1.) ficam no pano de fundo da cena; em seu lugar, são perspectivizados outros, que indicam ‘sair da companhia de’ que expressam companhia; saindo do campo semântico locativo para o campo semântico comitativo. Na microcena analisada, a vs do referido predicador pressupõe um **Agt** e um **Obj** – dois casos para um papel temático (Agt=Obj), apagados, aquele que se afasta da companhia/convívio da família, representado por **Com**, configurando a seguinte grade temática:

Agt, Obj, Com/Agt=Obj-apag; **Loc**→**Com**.

2. ACHAR: a) cf. Cunha – ‘encontrar, descobrir’;
b) cf. Ferreira, Houaiss e Borba – ‘encontrar por

ter procurado ou por acaso; deparar com, topar
<achar uma bolsa>.

No contexto abaixo está expresso o predicador *achar*, que detém o sentido primeiro de ‘encontrar por ter procurado’, ratificando sua caracterização benefactiva (Ben).

2.1. *Quando eu vi a casa do lado desabando, saí correndo para tentar **achar** a chave do carro, mas não sabia onde a havia guardado.* (F.S.P., 17/07/97, p. 3-4)

2.2. *O que nós pudemos fazer foi dar um suporte para que o filhote ficasse algumas horas sem sentir dor, até conseguir **achar** a mãe, disse Andréa.* (F.S.P., 06/12/97, p.3-4).

O predicador *achar* tem como sentido básico ‘encontrar’, evidenciando sua configuração benefactiva. Assim, no enunciado 2.1 a valência semântica (vs) do predicador requer um agente (Agt), pois encerra intenção, que está numa relação de correferência com o beneficiário (Ben), ambos apagados na âmbito da microcena (=aquele que procura a chave do carro para ter em sua posse; e um objeto (Obj), representado por *a chave do carro* (= aquilo que ele está procurando). A grade temática que resulta dessa análise é: Agt, Ben, Obj, onde Agt=Ben-apag. Podemos observar outra ocorrência com o predicador *achar* no enunciado 2.2, que, nesse caso, sai do domínio benefactivo para o domínio comitativo evidenciando um deslocamento. Nesta microcena o predicador *achar* encerra um **Agt** em correferência ao **Obj**, subentendido por ‘filhote’, não explícito na estrutura superficial, e um argumento comitativo (**Com**) contido em ‘a mãe’, representados na grade temática da seguinte maneira:

Agt,Obj,Com/Agt=Obj-apag.; **Ben**→**Com**.

3. ADOTAR: a) cf. Cunha - ‘escolher, optar por’ ‘aceitar, acolher’ ‘perfilhar’; b) cf. Ferreira – ‘optar ou decidir-se por; escolher, preferir’; c) cf. Houaiss – ‘adotar² - dar um dote; dotar’; d) cf. Borba – ‘significa fazer seu, escolhendo ou decidindo, seguir’.

A microcena abaixo abriga o predicador **adotar**, que inscreve o seu sentido básico como ‘optar ou decidir-se por, escolher, preferir’, de modo que esse é um verbo experimentativo (Exp).

3.1. *O avanço nas reformas ajudará muito, porque poderemos **adotar** uma política monetária mais branda, disse o diretor do Banco Central Francisco Lopes.* (F.S.P., 12/10/97, p. 1-15)

3.2. *O padrasto do garoto, Roger Clinton, o **adotou** e lhe deu um novo sobrenome.* (F.S.P., 12/10/97, p. 1-15)

O sentido básico no enunciado 3.1 deflagrado pelo verbo-predicador **adotar** (= decidir, preferir) está circunscrito no domínio semântico da experiência; assim, a vs do predicador assinala a presença de um Agt que está numa relação de correferência com o Exp (aquele que decide, representado por ‘o diretor do Banco Central Francisco Lopes), um Obj (o conteúdo da experiência, representado por ‘uma política monetária mais branda’). Temos a grade temática representada por: Agt,Exp,Obj /Agt=Exp. No enunciado 3.2 a metaforização emerge do efeito de sentido do domínio da experiência para o domínio comitativo (Com), resultando uma microcena comitativa. Nesta microcena o predicador **adotar** apresenta a seguinte grade temática: **Agt** (aquele que pratica uma ação e, está numa relação de correferência com o **Obj** –Objeto –, simultaneamente aquele que adota e ao mesmo tempo aquele (Com) que terá a companhia de alguém, expresso por ‘o padrasto do garoto’). O **Com** – Comitativo – está representado por ‘o’, portanto:

Agt,Obj,Com/Agt=Obj Exp→Com.

4. AFASTAR: a) cf. Cunha – ‘pôr de lado, apartar, distanciar’; b) cf. Ferreira – ‘Pôr de parte, de lado’; c) cf. Houaiss – ‘colocar(-se) [alguém ou algo] a certa distância de (pessoa, coisa concreta ou abstrata) ou colocar (algo) diante de si mesmo; distanciar(-se), apartar(-se), arredar(-se) <afastar um móvel da parede>; d) cf. Borba – ‘significa fazer recuar, impulsionar para trás: Afastei um pouco o carro para que a bicicleta pudesse passar’.

Na microcena abaixo está expresso o predicador **afastar**, que contém o sentido básico de ‘distanciar(-se)’ o que configura sua natureza locativa (Loc).

*4.1. A asma ocupacional atinge principalmente adultos e tende a melhorar nos finais de semana e férias, quando a pessoa se **afasta** do local de trabalho.*(F.S.P., 11/09/97, p.3-11)

*4.2. Eu disse: com lobista eu só falo à luz do dia, disse o ministro, ao se **afastar** de Luis César.*
(F.S.P.,02/07/97, p. 2-5)

No contexto 4.1 fica perspectivizada a noção de lugar, alguém que se afasta, se distancia de algum lugar, portanto locativo (Loc) representado por ‘do local de trabalho’; assim, a vs do predicador assinala a presença de um Agt(agente), em correferência com um Obj(objeto), pois ele é o agente que se desloca de um lugar para o outro e ao mesmo tempo o objeto (Obj) deslocado, afastando-se do seu lugar de origem, representado por ‘do local de trabalho’, evidenciando o domínio espacial. Nesta microcena temos a seguinte grade temática: Agt,Obj,Loc/Agt=Obj. No contexto de 4.2 os traços que se referem à localização (afastar em 4.1.) ficam rebaixados (no background), em seu lugar, são perspectivizados outros, que indicam ‘sair da companhia de’ que expressam

companhia; esse novo efeito de sentido é viabilizado pelo deslocamento que ocorre do domínio semântico espacial para o domínio comitativo. Na microcena analisada, a *vs* do referido predicador pressupõe um **Agt** e um **Obj**, dois casos para um papel temático (Agt=Obj), indicado em ‘o ministro’, mas não expresso na estrutura de superfície, portanto apagado, aquele que se afasta da companhia de ‘Luis Cesar’ representado por **Com**, configurando a seguinte grade temática:

Agt,Obj,Com/Agt=Obj-apag; **Loc**→**Com**.

5. ANDAR: a) cf. Cunha – ‘dar passos, caminhar’; b) cf. Ferreira – ‘movimentar-se, dando passos; caminhar: a menina só andou com dois anos’; c) cf. Houaiss – ‘dar passos, caminhar <contou que o filho começara a andar>; d) cf. Borba – ‘significa mover-se por conta própria, dar passos, caminhar’

5.1. *Muito abalado emocionalmente, com tremores e dificuldade de andar, Castro ainda deveria permanecer internado esta noite, segundo a direção do hospital.* (F.S.P., 10/07/97, p. 3-3)

5.2. *O irmão do garoto, Fernando, 9, disse que, mesmo sem ir às aulas, o menino não andava com más companhias do bairro.* (F.S.P., 03/07/97, p. 3-2)

O enunciado 5.1. é exemplo com o predicador **andar**, cujo sentido básico aparece como ‘dar passos, caminhar, mover-se’, o que configura um domínio locativo. Já no enunciado 5.2 o indicador espacial **andar** é projetado de seu domínio locativo para o domínio comitativo, indicando o efeito de sentido que perspectiviza companhia ‘não andava com más companhias do bairro’, ficando os papéis semânticos representados na grade temática como: Agt,Obj,Com/Agt=Obj; **Loc**→**Com**. O papel temático agentivo e o objetivo estão representados por ‘o menino’ e o comitativo ‘com más companhias’.

6. APANHAR – a) cf. Cunha – ‘colher, recolher, segurar, levantar’; b) cf. Ferreira – ‘colher, recolher’; c) cf. Houaiss – ‘capturar, recolher, segurar ou tomar posse (de algo) com auxílio das mãos ou de objeto; <apanhar o lápis e o caderno>’; d) cf. Borba – ‘pegar, catar, recolher’.

Exemplo com o verbo/predicador *apanhar* em seu sentido básico e em seu sentido metaforizado em direção ao campo semântico comitativo:

6.1. *Enquanto um dos ladrões **apanhava** o que havia no cofre, os outros estavam com a família.* (F.S.P., 27/11/97, p. 3-3)

6.2. *Ele foi **apanhar** Gabriel (filho caçula da atriz, de 3 anos) na casa de uma amiga dela.* (F.S.P., 06/09/97, p. 3-4)

No enunciado 6.1. fica focalizado o predicador *apanhar*, cujo sentido básico assinala ‘colher, recolher, tomar posse de’, reiterando sua condição benefactiva; no contexto fica instanciada a noção de benefício, pois ‘um dos ladrões ficou de posse do que continha no cofre’. Assim, a *vs* do predicador deflagra a presença de um Agt – agente e de um beneficiário – Ben, expresso por ‘um dos ladrões’, e de um Obj – objeto (=o conteúdo do que havia no cofre). Temos portanto: Agt, Ben, Obj/Agt=Ben. O contexto 6.2. abriga o predicador **apanhar**, que detém o sentido básico conforme exposto acima; na microcena em que se situa, o predicador está metaforizado, promovendo o deslocamento de sentido do campo semântico Benefactivo para o campo semântico Comitativo. O novo efeito de sentido dá noção de ‘companhia’ – apanhar Gabriel -, dessa forma, o predicador enuncia um **Agt**, em relação de correferência com um **Obj**, representado por ‘Ele’; e de um **Com** – comitativo, resenhado por ‘Grabriel’. Assim, o agente e o objeto são representados por ‘Ele’, aquele que faz alguma coisa e se desloca ao

mesmo tempo, pelo acréscimo do traço *intenção* subscrito nos verbos *foi apanhar* instituindo uma agentivização. Sua grade temática é:

Agt, Obj, Com/Agt=Obj; **Ben**→**Com**.

Encontrei o predicador *aproximar*, tendo como campo de origem o domínio espacial, em seu sentido básico e, também, como domínio comitativo, saindo de seu campo de origem em direção ao campo das comitativas, metaforizando-se, nos seguintes recortes:

7. APROXIMAR: a) cf. Cunha – ‘a proxima.ação,-ado,-ar, -ativo, -ável – próximo; b) cf. Ferreira – ‘pôr próximo; tornar próximo; chegar; avizinhar’; c) cf. Houaiss – ‘pôr(-se), tornar(-se) próximo (no espaço ou no tempo); avizinhar(-se), chegar(-se); d) cf. Borba – ‘significa tornar próximo, avizinhar, acercar.

7.1. *O papa João Paulo 2º sorriu e acenou para a multidão que, sem a intervenção dos soldados do Exército, pôde se **aproximar** do carro que o levou ontem à tarde para a Base Aérea do 3º Comar. (F.S.P., 04/10/97, p. 1-6)*

7.2. *Ele esperou o curso de anatomia acabar para se **aproximar** da então ex-aluna.(F.S.P., 30/11/97, p. 3-7)*

Na cena 7.1 encontramos o verbo/predicador *aproximar*, cujo sentido básico configura-se em ‘tornar próximo, avizinhar’, conseqüentemente locativo. Como podemos perceber em 7.2, o predicador faz uma projeção do seu domínio de origem para outro domínio dando um novo sentido à microcena do enunciado. A vs do verbo *aproximar* fica interpretada com Agt,Obj,Com/Agt=Obj-apag; **Loc**→**Com**. ‘Ele’ expressa o agente e o objeto simultaneamente e ‘da então ex-

aluna' exprime o comitativo (Com). O seu sentido básico no primeiro enunciado denota alguém que se aproxima de algum lugar, enquanto que no segundo percebemos uma metaforização, uma extensão de sentido, alguém que se aproxima não de um lugar mas de outro ser, que se avizinha para ficar na sua companhia, instaurando o sentido comitativo.

8. ARRASTAR – a) cf. Ferreira e Houaiss– ‘puxar (algo) atrás de si fazendo com que deslize pelo chão; levar ou trazer de rastros <arrastou a mala>; b) cf. Borba – ‘levar à força, impelir, puxar, deslocar’.

No contexto abaixo encontramos o predicador *arrastar*, tanto em seu sentido primeiro quanto em seu sentido metaforizado.

8.1. *Segundo ele, havia também a possibilidade de a água da chuva **arrastar** o lixo para o rio Sorocaba, que na localidade tem um grau baixo de poluição.* (F.S.P., 28/10/97, p. 3-3)

8.2. *Os dois blocos mais animados dessa região da cidade – o *Simpatia É Quase Amor*, de Ipanema, e o *Suvaco*, do Jardim Botânico – devem manter a tradição, firmada nos últimos anos, de **arrastar** milhares de pessoas atrás de si.* (F.S.P., 01/02/97, p. 3-4)

No âmbito da cena 8.1. há presença do verbo/predicador *arrastar*, que delinea seu sentido básico de ‘trazer de rastros’, evidenciando sua natureza locativa. A valência semântica desse predicador requer um Agt (=aquele que leva de rastros) - representado por ‘a água da chuva’-, um Obj(=o que está sendo arrastado) – expresso por ‘o lixo’-, e um Loc(lugar para onde o objeto foi arrastado) – ‘para o rio Sorocaba’. Portanto sua grade temática é: Agt, Obj, Loc.

Já na cena 8.2. o verbo/predicador **arrastar** encontra-se metaforizado, assinalando o deslocamento de sentido do campo semântico Loc para o Com, cujo sentido fica instanciado a noção de *companhia*, através da indicação de acompanhamento ‘milhares de pessoas atrás de si’. Assim, a vs do predicador prevê um **Agt**, não explícito na estrutura de superfície (=os dois blocos), um **Obj**, expresso por ‘milhares de pessoas’ e de um **Com**, indicado aqui por ‘atrás de si’. A grade temática é:

Agt, Obj, Com/Agt-apag,; Loc→Com.

9. CAMINHAR – a) cf. Ferreira - percorrer caminho a pé, andar’; b) cf. Houaiss – ‘seguir por um caminho ou percorrê-lo andando a pé <caminhou longa estrada>; c) cf. Borba – ‘pôr-se em movimento, locomover-se’.

Na microcena abaixo está expresso o predicador **caminhar**, que contém o sentido básico de ‘percorrer o caminho a pé, andar’ o que configura sua natureza locativa(loc).

9.1. *O professor Reinaldo de Oliveira, 35, que **caminha** no parque há um ano, afirma que nunca sentiu irritações na garganta, nariz ou olhos depois da caminhada.* (F.S.P., 12/11/97, p. 3-5)

9.2. *Ao sinal de Werreriá, o tesoureiro da igreja **caminha** entre os fiéis, recolhendo doações.* (F.S.P., 28/12/97, p. 1-11)

No contexto 9.1. fica perspectivizada a noção de lugar, alguém que percorre um caminho a pé, anda em algum lugar, portanto locativo (Loc) representado por ‘no parque’; assim a vs do predicador assinala a presença de um Agt – agente -, em correferência com o objeto (Obj) deslocado, seguir por um caminho ou percorrê-lo andando a pé, representado por ‘no parque’, evidenciando o domínio espacial. Nesta microcena temos a seguinte grade temática: Agt, Obj,

Loc/Agt=Obj. No contexto 9.2. os traços que se referem à localização (caminhar em 10.1.) ficam no background, em seu lugar, são perspectivizados outros, que indicam ‘ter a companhia dos fiéis perto dele’ que expressam companhia; esse novo efeito de sentido é viabilizado pelo deslocamento que ocorre do domínio semântico espacial par o domínio comitativo. Na microcena analisada, a vs do referido predicador pressupõe um Agt e um Obj, dois casos para um papel temático (**Agt=Obj**), indicado em ‘o tesoureiro da igreja’, aquele que anda entre as pessoas ‘entre os fiéis’ para recolher doações, representado por **Com**, configurando a seguinte grade temática:

Agt, Obj, Com/Agt=Obj.; **Loc→Com.**

10. CERCAR - a) cf. Cunha – ‘rodear, envolver’; b) cf. Ferreira, Houaiss e Borba – ‘fazer cerca a: circundar (terreno, área) com muro ou sebe; murar <era preciso cercar o arrozal para protegê-lo do gado>.

10.1. *Por isso, um cordão de isolamento, feito pelos organizadores, evitou que os manifestantes se aproximassem da grade que **cercava** a praça 15.* (F.S.P., 30/04/97, p. 1-7)

10.2. *Mas o sim de Stédile é menos uma questão de respeito ao intelectual FHC e mais a convicção de que ou está muito mal informado, pelos puxa-sacos que o **cercam**, ou não tem vontade política de fazer a reforma agrária.* (F.S.P., 23/04/97, p. 1-10)

No enunciado 10.1. aparece o predicador *cercar*, cujo sentido primeiro é ‘rodear’, caracterizando sua natureza locativa. A vs do referido predicador requer a presença de um Agt, expresso por ‘a grade’, um Obj que se encontra lexicalizado (=incorporado ao verbo *cercar* - ‘fazer cerca’) e de um Loc, representado por ‘a praça’. A grade temática é: Agt, Obj, Loc/Obj-lex. No

enunciado 10.2. o predicador **cercar** metaforiza-se em direção ao domínio semântico Com, evidenciando a noção de *companhia*. Assim, os traços que enunciam o sentido locativo ficam suspensos e no lugar dele surgem outros, para subsumir o novo efeito de sentido instanciado na microcena. A vs do predicador institui um **Agt** e um **Obj**, simultaneamente (=puxa-sacos), e um **Com** – representado na microcena por ‘o’. A grade temática é:

Agt, Obj, Com/Agt=Obj.; Loc→Com.

11. CHEGAR – a) cf. Cunha – atingir (com a dupla noção de tempo e de espaço); b) cf. Ferreira - ‘vir’; c) cf. Houaiss – ‘atingir o termo de uma trajetória, de um percurso de ida e/ou de vinda <chegou hoje (da Europa)>; d) cf. Borba – ‘vir, atingir o ponto de chegada’.

No contexto abaixo (11.1.) está expresso o predicador *chegar*, que detém o sentido primeiro de ‘vir’, confirmando sua natureza locativa. Já no enunciado 11.2. o predicador *chegar* está metaforizado para o campo semântico comitativo.

11.1. *FHC **chegou** ontem a Santiago, capital chilena, para participar da reunião do PECC, um fórum não-governamental que reúne países com acesso comercial ao oceano Pacífico.* (F.S.P., 01/10/97, p. 2-4)

11.2. *E ai de quem tentasse **chegar** perto da bicha para tirar fotografia.* (F.S.P., 15/10/97, p. 3-2)

A cena destacada inclui o predicador *chegar*, que detém o sentido primeiro de ‘vir, atingir o ponto de chegada’, caracterizando sua expressividade locativa. A vs do predicador requer um Agt que está em relação de correferência com o Obj (=aquele de pratica a ação de se deslocar e é ao mesmo tempo o objeto deslocado) representado por ‘FHC’ e um Loc – lugar de onde o agente veio,

representado por ‘Santiago’. Sua grade temática é: Agt, Obj, Loc/Agt=Obj. Já na cena 11.2. o predicador **chegar** detém o sentido de *companhia*, assegurada através da metaforização, que no contexto instanciado, assinala a suspensão dos traços indicativos de localização para, através da perspectivização de novos traços, obtidos com o deslocamento do campo semântico Loc para o Com, deflagrar novo efeito de sentido, colocando no foreground a idéia de *companhia*, representado por ‘perto de alguém/da bicha’. Assim a vs do referido predicador encerra a presença de um **Agt** em correferência com um **Obj** – apagado (=aquele que se desloca e é ao mesmo tempo é o deslocado); configurando o caso **Com** – comitativo. A grade temática é:

Agt, Obj, Com/Agt=Obj-apag; **Loc→Com.**

12. CONQUISTAR – a) cf. Cunha – ‘submeter pela força’; b) cf. Ferreira e Houaiss – ‘apossar-se ou dominar pelas armas; submeter, subjugar, tomar <conquistar uma praça forte>; c) cf. Borba – ‘obter lutando, adquirir à força do trabalho, alcançar’.

12.1. *No ano de 1519, Hernán Cortés foi enviado pela coroa espanhola para **conquistar** o México.* (F.S.P., 23/04/97, p. 3-3)

12.2. *O jovem vê propaganda de um carro ao lado do qual está uma bela mulher quase nua e deduz que poderá **conquistar** a mulher se tiver o carro.* (F.S.P., 03/03/97, p.3-15)

Nesses enunciados temos o verbo/predicador **conquistar** com sentidos diferentes, isto ocorre pelo fato de estarem em contextos diferentes. No enunciado 12.1. o verbo/predicador *conquistar* está no seu sentido básico, configurando em ‘apossar-se ou dominar pelas armas’, conseqüentemente benefactivo. Como podemos perceber em 12.2., o predicador faz uma projeção do seu domínio de origem para outro domínio dando um novo sentido à microcena

do enunciado. A *vs* do verbo *conquistar* fica interpretada como: **Agt, Obj,Com/Agt=Obj-apag; Ben→Com.** ‘Que (=o jovem)’ expressa o agente e o objeto simultaneamente, pois está em relação de correferência, e ‘a mulher’ exprime o comitativo (Com). O seu sentido básico no primeiro enunciado denota alguém que conquistou alguma coisa, enquanto que no segundo percebemos uma metaforização, uma extensão de sentido, alguém que conquistou não alguma coisa mas um outro ser – uma mulher -, expresso por ‘a mulher’, instaurando o sentido comitativo.

13. CONSEGUIR – a) cf. Cunha e Ferreira – ‘alcançar, obter’; b) cf. Houaiss – ‘sair-se bem na busca de (um resultado, um objeto, algo por que se diligenciava); alcançar, obter, conquistar <conseguimos(-lhes) uma vitória>; c) cf. Borba – ‘alcançar, obter’;

13.1. *O outro golpeou a outra janela com um objeto que ela não conseguiu identificar, quebrou o vidro e conseguiu puxar sua bolsa.* (F.S.P., 23/09/97, p. 3-1)

13.2. *O que a precipitou numa crise de desespero: nunca conseguirei um namorado bonito e simpático, soluçava.* (F.S.P., 09/01/97, p. 3-2)

A cena 13.1. apresenta o predicador *conseguir*, que, em seu sentido básico, evoca a idéia de ‘alcançar, obter’, assinalando sua caracterização benefactiva. A *vs* do predicador requer um Agt, numa relação de correferência com um Ben (=aquele que ficou de posse de um objeto – a bolsa -), não expresso na microcena analisada, mas explícito na microcena anterior por ‘o outro’; e um Obj (=aquilo que ele queria alcançar, obter) expresso por ‘sua bolsa’, delineando a seguinte grade temática: Agt, Ben,Obj/Agt=Ben-apag. No contexto 13.2., o predicador *conseguir* perspectiviza a noção de companhia, quando faz referência a ‘um namorado’. A *vs* do predicador enuncia a presença de um Obj, apagado, subentendido por *eu*; perspectivizando efeito de sentido que instaura

um 'não-acompanhamento, inexistência da companhia de'; um Com, expresso através de 'um namorado'. A grade temática é:

Obj, Com/Obj-apag. **Ben**→**Com**.

14. CONTINUAR: a) cf. Cunha – 'prosseguir, prolongar, permanecer'; b) cf. Ferreira – 'prosseguir ou prolongar sem interrupção'; c) cf. Houaiss – 'levar adiante, não interromper (o que se começou) <continuar uma viagem>'; d) cf. Borba – 'prosseguir ou prolongar sem interrupção'.

14.1. *Passado o sufoco, que inclui mudanças no mecanismo cambial no Brasil e uma profunda recessão na Argentina, a vida **continuou**.* (F.S.P.,26/10/97,p. 2-2)

14.2. *Hoje, desligada de vez do MST – cujos líderes a proibiram de usar bonés e camisetas do movimento em outubro, quando foram publicadas as fotos da Playboy-, ela **continua** com a família.* (F.S.P.,25/12/1997, p.3-3)

O enunciado 14.1. acima abriga uma microcena em que o predicador *continuar*, que expressa no sentido básico, a idéia de 'levar adiante, prosseguir', evoca sua natureza básica, representada pela 'a vida' instituindo um verbo processual, representada pela grade temática de um único argumento: Obj. Encontramos o predicador *continuar* cujo sentido básico configura-se como 'prosseguir', o que evidencia um domínio básico, mas no enunciado 14.2. o indicador básico **continuar** é projetado de seu domínio básico para o domínio comitativo, indicando o efeito de sentido, que perspectiviza companhia representado por 'com a família', ficando os papéis semânticos resenhados na

grade temática como: **Obj, Com; Obj→Com**. O papel temático Objetivo está representado por 'ela' e o comitativo 'com a família'.

Exemplo com o verbo/predicador *crescer* em seu sentido primeiro e metaforizado em predicador comitativo:

15.CRESCER: a) cf. Cunha – ‘aumentar, avultar, multiplicar-se, crescer’; b) cf. Ferreira – ‘aumentar em volume, grandeza ou extensão’; c) cf. Houaiss – ‘desenvolver progressivamente (etapas próprias) após o nascimento ou até antes dele <a ultra-sonografia acusava que o bebê crescera> <o cão crescia rápido>; d) cf. Borba – ‘significa fazer crescer, aumentar’.

15.1. *Vi quando ainda era um embriãozinho, depois cresceram as mãozinhas e os pezinhos e agora está todo formado.* (F.S.P., 19/10/97, p. 3-6)

15.2. *E se esta mulher vive só e a criança crescerá sem um pai, ela continua tendo esse direito?* (F.S.P., 30/03/97, p. 3-10)

As cenas incluem o predicador **crescer**, que, em seu sentido básico, emerge em domínio objetivo (Obj), ratificando sua natureza objetiva. No contexto 15.1 fica perspectivizada a noção de ‘aumentar’ representada por ‘as mãozinhas e os pezinhos’, tendo como grade temática: Obj. Já no contexto 15.2 observa-se que o sentido do predicador **crescer** mudou de domínio semântico básico para o comitativo, para abrigar o deslocamento pretendido pelo sujeito-enunciador. O novo sentido que lhe é atribuído advém do nome ‘sem um pai’, e é a combinação com esse elemento que imprime ao verbo-predicador **crescer** o sentido metaforizado de *não na companhia de seu pai*, portanto comitativo, produzindo a grade temática :

Obj(criança) e Com(sem um pai); Obj→Com.

16. DAR – a) cf. Cunha – ‘doar, fazer presente de’; b) cf. Ferreira – ‘ceder, presentear, doar’; c) cf. Houaiss – ‘ceder, entregar, oferecer (algo de que se desfruta ou de que se está na posse) <dar presentes a familiares>; d) cf. Borba – ‘ceder, presentear, doar’.

16.1. *Por que eles (os patrões) não dão um carro, ou condições privilegiadas para a compra de um carro, se querem dar um prêmio à produtividade?* (F.S.P., 02/10/97, p. 1-11)

16.2. *Eu queria dar minha filha, ir embora e acabar com a vida, mas eles me consolaram.* (F.S.P., 26/10/97, p. 3-8)

O contexto 16.1. focalizado inclui o predicador *dar*, que conota basicamente o sentido de: ceder, oferecer, doar’, reiterando sua dimensão benefactiva. A vs do predicador nesse contexto requer um Agt, representado por ‘eles (os patrões)’, um Ben, apagado (=aquele que será beneficiado com a doação de um carro), e um Obj, representado por ‘um carro’. Sua grade temática é: Agt, Ben, Obj/Ben-apag. No contexto 16.2. o predicador *dar* aparece metaforizado, perspectivizando a noção de ‘companhia’. A vs do referido predicador requer um **Agt**, subentendido por ‘Eu’ (=aquele que entrega, doa), um Com, representado por ‘aquele que terá a Companhia da menina’ – apagado na estrutura de superfície, e um **Obj** (=o que é doado) expresso por ‘minha filha’, espriando a significação **comitativa** no enunciado. Sua grade temática é:

Agt, Obj, Com/Agt;Com-apag.; **Ben→Com.**

17. DEIXAR – a) cf. Cunha – ‘separar-se de, largar, soltar, abandonar, permitir’; b) cf. Ferreira – ‘sair de; afastar-se, retirar-se’; c) cf. Houaiss – ‘cessar de

pertencer a; apartar-se de <deixar a empresa, o país, a família>; d) cf. Borba – ‘soltar, largar’.

Exemplo com o verbo/predicador *deixar* em seu sentido básico e em seu sentido metaforizado, conforme mostra os enunciados abaixo:

17.1. *João Paulo 2^o deixou Roma com 991.968 km em viagens internacionais, como a Folha noticiou ontem.*
(F.S.P., 03/10/97, p.1-7)

17.2. *Conforme lemos no livro do Gênesis, o homem deixa seu pai e sua mãe e se une à sua mulher, para, em certo sentido, constituir com ela um só corpo.*
(F.S.P., 05/10/97, p. 1-14)

A cena destacada – 17.1. – inclui o predicador *deixar*, que detém o sentido primeiro de ‘sair de; afastar-se, retirar-se’, caracterizando sua expressividade locativa; assim a *vs* do predicador assinala a presença de um Agt que está numa relação de correferência com o Obj(=aquele que se desloca e ao mesmo tempo é deslocado), representado na microcena por ‘João Paulo 2^o’ e um loc – locativo – lugar para onde o agente se deslocou- representado aqui por ‘Roma’. Sua grade temática é: Agt, Obj, Loc/Agt=Obj. Já no contexto 17.2. a caracterização da microcena locativa assinala a suspensão dos traços indicativos de localização para, através da assunção de novos traços, obtidos com o deslocamento do campo semântico Loc para o Com, deflagrar um novo efeito de sentido, pela via da metaforização, instituindo uma cena comitativa. Assim, a *vs* do referido predicador encerra a presença de um **Agt** em relação de correferência com o **Obj**, representado, no contexto acima, por ‘o homem’ e um **Com** – sentido de não estar mais na companhia de seu pai e de sua mãe, portanto Comitativo. A grade temática está assim resenhada:

Agt, Obj, Com/Agt=Obj.; **Loc**→**Com**.

18. DESISTIR – a) cf. Cunha e Ferreira – ‘renunciar, não prosseguir num intento’; b) cf. Houaiss – ‘não prosseguir em um intento, abrir mão voluntariamente de (algo). Abster-se, abdicar, renunciar<desistir de uma luta, de suas idéias>’; c) cf. Borba – ‘renunciar, não prosseguir num intento’

18.1. *A idéia de processar a Aeronáutica chegou a ser cogitada pelo tenente, que **desistiu** da idéia.* (F.S.P., 04/02/97, p. 3-5)

18.2. *Os seis últimos casos de abandono de recém-nascidos registrados na Grande São Paulo na última semana deixam uma pergunta no ar: o que pode levar uma mãe a chegar ao ponto de **desistir** de um filho e deixá-lo na rua?* (F.S.P, 10/07/97, p. 3-10)

No contexto 18.1. fica perspectivizada a noção de ‘renunciar, desistir’, alguém que desiste de suas idéias, delineando o caso experimentativo – Exp (=tenente), representado por ‘que’; assim a vs do predicador assinala a presença de um Agt – agente -, em correferência com um Exp - experienciador, pois ele é o agente e ao mesmo tempo aquele que deseja/quer, que tem a intenção de desistir, de renunciar algo; e objeto (Obj), (=aquilo que ele está abrindo mão) – da idéia de processar a Aeronáutica - expresso por ‘da idéia’, evidenciando o domínio experimentativo. Sua grade temática é: Agt, Obj, Exp/Agt=Exp. Já no contexto 18.2. os traços que se referem à experiência (em 18.1.) ficam no pano de fundo da cena, em seu lugar, são perspectivizados outros, que indicam ‘sair da companhia de’ que expressam companhia; saindo do campo semântico experimentativo para o campo semântico comitativo. Na microcena analisada, a vs do referido predicador pressupõe um **Agt** e um **Obj** – dois casos para um papel temático (Agt=Obj), apagado, subentendido na cena (=uma mãe), aquela que se afasta da companhia/convívio de um filho, representado por **Com**, configurando a seguinte grade temática:

Agt, Obj, Com/Agt=Obj-apag.; **Exp**→**Com**.

19. DESLIGAR – a) cf. Ferreira – ‘separar (o que estava ligado); destacar; desprender; soltar; b) cf. Houaiss – ‘desfazer a ligação de, interromper (uma conexão entre duas ou mais coisas); cortar (circuito que alimenta aparelhos elétricos ou eletrônicos); desplugar<desligar da tomada o fio do rádio>; c). cf. Borba - ‘separar, desatar, desunir’.

19.1. *Anteontem, depois que saiu do 1º Tribunal do Júri, Paula Thomaz foi direto para a Polinter, onde ficou assistindo TV até as 21h _horário em que as TVs das celas são **desligadas**.* (F.S.P., 24/01/97, p. 3-4)

19.2. *Como não tínhamos, os dois foram **desligados** do convívio com o pessoal, afirmou.* (F.S.P.,13/03/97,p.1-6)

O contexto 19.1. abriga uma microcena em que o predicador *desligar* que expressa, no sentido básico, a idéia de: ‘interromper, desfazer a ligação’, evoca aqui a caracterização do domínio semântico básico. A valência semântica do predicador, nessa microcena, requer um Agt (=aquele que desfaz/interrompe a ligação) não expresso na estrutura de superfície, portanto apagado; e um objeto (=aquilo que foi desplugado pelo agente). A grade temática é: Agt, Obj/Agt-apag. No contexto 19.2. a metaforização emerge do efeito de sentido do domínio básico para o domínio comitativo, resultando numa microcena comitativa. Nesta microcena o predicador *desligar* apresenta a seguinte grade temática: Agt, Obj, Com – **Agt** (=aquele praticante da ação – tirou os dois da companhia de; **Obj** (=aqueles que foram separados dos outros) e um **Com** – expresso por ‘do convívio com o pessoal’. Portanto temos,

Agt, Obj, Com/Agt-apag.; **Obj**→**Com**.

20. DESVIAR – a) cf. Ferreira e Houaiss – mudar a direção ou a orientação (de algo ou de si mesmo), <desviar um curso de água>; b) cf. Borba – ‘fazer mudar o caminho ou de rumo, afastar da rota’.

20.1. *A idéia do rodoanel é¹⁷, justamente, **desviar** esse tráfego para as estradas.* (F.S.P., 18/01/97, p. 3-3)

20.2. *Salustiano agiu rápido: simulou estar sendo chamado por alguém na fila de trás e **desviou** de D. Paulo.* (F.S.P., 02/01/97, p. 3-1)

No contexto 20.1. o verbo/predicador *desviar* aparece com sentido básico de ‘mudar a direção ou a orientação’, conseqüentemente locativo. Como pode-se observar em 20.2., o predicador faz uma projeção do seu domínio de origem para outro domínio dando um novo sentido à microcena do enunciado. A vs do verbo **desviar** fica interpretada como **Agt, Obj, Com/Agt=Obj-apag**. ‘Salustiano’ expressa o **agente** e o **objeto** concomitantemente, mas não expresso na estrutura de superfície, e ‘de D. Paulo’ exprime o **comitativo**. O seu sentido básico no primeiro enunciado denota ‘mudar a direção do tráfego’, enquanto que no segundo percebe-se uma metaforização, uma extensão de sentido, alguém que se desviou não de um lugar mas de outrem, instaurando o sentido comitativo.

Loc→Com.

21. DEVOLVER – a) cf. Cunha – ‘recusar, dizer em resposta, restituir’; b) cf. Ferreira, Houaiss e Borba – ‘dar ou entregar de volta (o que é devido ou esperado); restituir <devolveu (-nos) o empréstimo>.’

21.1. *Há empresas que querem **devolver** o dinheiro no mesmo número de parcelas em que foi pago, mas isso é*

ilegal, alerta o advogado Márcio Bueno, também especialista em direito imobiliário.(F.S.P.,18/01/97,p.3-2)

21.2. *Os sequestradores prometeram **devolver** a criança na hora do pagamento.* (F.S.P., 06/02/97, p. 3-5)

O contexto 21.1. focaliza o predicador *devolver*, cujo sentido básico é ‘entregar de volta, restituir’, inscrevendo portanto sua configuração benefactiva; ele detém uma *vs* que expressa um **Agt** - agente, subentendido na estrutura profunda por ‘empresas’; um **Ben** – beneficiário (=destinatário, favorecido com a devolução/restituição), apagado – não explícito na estrutura de superfície; e um **Obj** – objeto, representado por ‘o dinheiro’(=aquilo que as empresas querem devolver). Sua grade temática é: **Agt, Ben, Obj/Agt;Ben-apag.** No outro contexto, 21.2., o predicador **devolver** encontra-se metaforizado, promovendo o deslocamento de sentido do campo semântico **Ben** – benefactivo – para o campo semântico **Com** – comitativo, perspectivizando a nuance de sentido que indica *companhia*. A *vs* do referido predicador requer a presença de um **Agt** (=aquele que pratica uma ação), não expresso na estrutura de superfície (=os sequestradores); um **Obj** – objeto - representado por ‘a criança’ (=o que será devolvido para a companhia/convívio dos pais); e um **Com** – comitativo, apagado, subentendido no enunciado. Sua grade temática é:

Agt, Obj, Com/Agt;Com-apag.; Ben→Com.

22. DIRIGIR – a) cf. Ferreira e Houaiss – exercer a direção de (instituição, cidade, país, etc); administrar, governar, gerir <dirigir a nação>; b) cf. Borba – ‘comandar, governar, administrar’.

22.1. *A primeira mulher a **dirigir** um grande estúdio de Hollywood _o Columbia_, Dawn Steel, morreu aos 51 anos anteontem, vítima de um tumor no cérebro.*

¹⁷ O verbo *ser* sintaticamente faz papel de verbo auxiliar, tendo como principal o verbo *desviar*.

(F.S.P., 22/12/97, p. 3-3)

22.2. *O reitor da USP, Flávio Fava de Moraes, afirmou ontem que as evidências em torno desse incidente se dividem em dois grandes blocos: 1) que foi uma imprudência desses jovens nadar em um local perigoso e inadequado; 2) a vigilância da universidade é para fazer atividade preventiva _por isso anda desarmada_ e estava cumprindo seu dever ao se **dirigir** até os meninos. (Folha de São Paulo, 06/11/97, pg. 3-3)*

O sentido básico no enunciado 22.1. deflagrado pelo verbo/predicador *dirigir* (=administrar, comandar) está circunscrito no domínio semântico benefactivo; assim a vs do predicador assinala a presença de um Ben, expresso por 'a primeira mulher' (= *Dawn Steel*) e de um Obj – (=o que é administrado, comandado) - o *Columbia*, representado por 'um grande estúdio de Hollywood'. A grande temática é: Ben, Obj. No enunciado 22.2. a metaforização emerge do efeito de sentido do domínio benefactivo para o domínio comitativo, resultando uma microcena comitativa. Nesta microcena o predicador **dirigir** apresenta a seguinte grade temática: **Agt** e **Obj**, apagado, estão numa relação de correferência, simultaneamente aquele que se locomove e ao mesmo tempo o objeto deslocado em direção 'aos meninos'- indicando o caso **Com**, portanto: **Agt, Obj, Com/Agt=Obj-apag. Ben→Com.**

23. ENCONTRAR – a) cf. Cunha – 'defrontar-se, deparar, atinar'; b) cf. Ferreira – deparar com, achar'; c) cf. Houaiss – 'deparar com, ficar frente a frente<encontrou a bolsa que procurava>; d) cf. Borba –'achar casualmente, topar com, dar com'.

23.1. *Após o assalto, policiais militares encontraram*

as chaves do Escort e do Santana pertencentes aos paulistas. (F.S.P., 04/01/97, p. 3-3)

23.2. *O ex-prefeito Paulo Maluf se encontra com o presidente Fernando Henrique Cardoso, hoje de manhã, no Palácio da Alvorada, para acertar o seu apoio e do PPB na disputa do tucano por um segundo mandato.* (F.S.P., 05/11/97, p. 1-7)

O predicador *encontrar* encerra como sentido básico de ‘achar, topar com’, evidenciando sua configuração benefactiva. Assim, no enunciado 23.1. a valência semântica (vs) do predicador encerra um beneficiário (Ben), expresso na microcena por ‘policiais militares’ (=aquele que depara-se com a chave do carro; e um objeto (Obj), representado por *as chaves do Escort e do Santana* (= aquilo que ele achou). A grade temática que resulta dessa análise é: Ben, Obj. Podemos observar outra ocorrência com o predicador **encontrar** no enunciado 23.2., que, nesse caso, sai do domínio benefactivo para o domínio comitativo evidenciando um deslocamento de sentido. Nesta microcena o predicador *encontrar* encerra um **Agt** em correferência ao **Obj**, expresso por ‘O ex-prefeito Paulo Maluf’, e um argumento comitativo (**Com**) contido em ‘com o presidente Fernando Henrique Cardoso’, representados na grade temática da seguinte maneira:

Agt,Obj,Com/Agt=Obj; **Ben→Com.**

24. ENTREGAR – a) cf. Cunha e Ferreira – ‘passar às mãos ou à posse de alguém’; b) cf. Houaiss – ‘fazer chegar, passar às mãos de; dar <entregar uma mercadoria>; c) Borba – ‘passar às mãos ou à posse de alguém’

24.1. *Os assaltantes apontaram as armas contra ele, que entregou dinheiro e cheques.* (F.S.P., 04/01/97, p. 3-3)

24.2. *Caberá à família decidir sobre **entregar** ou não o bebê para adoção.* (F.S.P., 18/12/97, p.3-4)

O contexto 24.1. focalizado inclui o predicador *entregar*, que conota basicamente o sentido de: ‘passar às mãos ou a posse de alguém, dar’, reiterando sua dimensão benefactiva. A vs do predicador nesse contexto requer um Agt; representado por ‘que’ (=aquele que entrega o dinheiro e o cheque); um Ben, apagado, subentendido por ‘os assaltantes’, e um Obj, representado por ‘dinheiro e cheques’. Sua grade temática é: Agt, Ben, Obj/Ben-apag. No contexto 24.2. o predicador *entregar* aparece metaforizado, perspectivizando a noção de ‘companhia’. A vs do referido predicador requer um **Agt**, apagado na estrutura de superfície (= aquela que doa, que dá); um **Com**, ‘aquele que terá a Companhia do bebê’ – expresso por ‘para adoção’ (=para pais adotivos), e um **Obj** (=o que é doado) expresso por ‘o bebê’, espraiando a significação **comitativa** no enunciado. Sua grade temática é:

Agt, Obj, Com/Agt-apag; **Ben→Com.**

25. ESCONDER – a) cf. Cunha – ‘encobrir, ocultar, não revelar’; b) cf. Ferreira e Houaiss– ‘colocar (alguém, algo ou a si mesmo) em lugar no qual possa ficar oculto; ocultar <escondeu-se no sótão>; c) cf. Borba – pôr em lugar oculto, recolher a lugar seguro.

25.1. *Quando a polícia cercou, eles **se esconderam** no sótão, ma foram achados e se entregaram, afirmou o delegado Ferraz Fontes.* (F.S.P., 14/03/97, p. 3-9)

25.2. *Minha proposição não perde de vista uma das conclusões principais reveladas pelas pesquisas de Michel Foucault: a de que as penitenciárias existem para segregar e **esconder** os criminosos da sociedade, sob o pretexto de reeducá-los visando punir sua alma, escreve na introdução da tese.* (F.S.P., 19/05/97, p.3-2)

No contexto 25.1. fica perspectivizada a noção de lugar, ‘alguém que se recolhe se oculta a um lugar seguro’, portanto locativo – Loc – representado por ‘no sótão’; assim a *vs* do predicador assinala a presença de um Agt – agente –, em correferência com um objeto, pois eles são os agentes que se deslocam de um lugar para o outro, com a intenção de se ocultarem, e ao mesmo tempo os objetos (Obj) deslocados, expresso por ‘eles’, evidenciando o domínio espacial. Sua grade temática é: Agt, Obj, Loc/Agt=Obj. Já no contexto 25.2. os traços que se referem à localização (esconder em 25.1.) ficam no pano de fundo da cena, em seu lugar, são perspectivizados outros, que indicam ‘sair da companhia das pessoas/sociedade’ que expressam companhia; saindo do campo semântico locativo para o campo semântico comitativo. Na microcena analisada, a *vs* do referido predicador pressupõe um **Agt**(=o praticante da ação) não expresso na microcena, um **Obj**(=aquele que deve ser afastado do convívio da sociedade) representado por ‘os criminosos’ e um **Com**, expresso por ‘da sociedade’, configurando a seguinte grade temática:

Agt, Obj, Com/Agt-apag.; **Loc**→**Com**.

26. ESPERAR – a) cf. Cunha – ‘aguardar, confiar, ter esperanças’, b) cf. Ferreira, Houaiss e Borba – ‘ter esperança (em), contar com, confiar em <esperar ajuda de alguém>.’

Na microcena abaixo está expresso o predicador *esperar*, que contém o sentido básico de ‘ter esperanças, confiar’ o que configura sua natureza experimentativa (Exp).

26.1. *O governo gaúcho vai gastar US\$ 50 mil com a compra do produto, mas **espera** receber logo um estoque prometido pelo ministério.*

26.2. *Cansada de esperar, a ex-namorada resolveu colocar a polícia atrás de Chrigor.* (F.S.P., 24/12/97, p. 3-5)

O sentido básico no enunciado 26.1. captado pelo verbo/predicador *esperar* (=ter esperanças, confiar, contar com) está traçado no domínio semântico experimentativo; assim, a *vs* do predicador assinala a presença de um Agt, denota intenção, e um Exp, concomitantemente (=aquele que tem esperanças de conseguir alguma coisa) – subentendido nessa microcena, por o *governo gaúcho*, portanto, apagado - e um Obj, expresso por ‘um estoque’ (=aquilo que ele deseja, almeja). A grade temática é: Agt, Exp, Obj/Agt=Exp-apag. Na microcena 26.2 o predicador *esperar* sai de seu domínio semântico experimentativo em direção ao domínio comitativo, ratificando uma microcena comitativa. Assim a *vs* do referido predicador requer a presença de um Agt em correferência com um Obj – não explícito na estrutura de superfície, mas subentendido na microcena por ‘a ex-namorada’ e de um Com, também apagado na estrutura de superfície (=Chrigor). A grade temática é:

Agt, Obj, Com/Agt=Obj-apag;Com-apag. **Exp→Com.**

27. ESTAR – a) cf. Cunha – ‘ser em uma dado momento, ficar’; b) cf. Ferreira – ‘ser em um dado momento, achar-se (em certa condição)’; c) cf. Houaiss – ‘ter ou apresentar (certa condição física, emocional, material, profissional etc., não permanente), <está muito magra>’.

27.1. *Antes do pagamento, a família pediu aos sequestradores provas de que Natalie estava viva.* (F.S.P., 08/10/97, p. 3-7)

27.2. *Benvinda conta que Eduardo era amigo de seu filho e que outros dois colegas deveriam **estar** com o rapaz na hora do acidente.* (F.S.P., 08/10/97, p. 3-5)

Na microcena 27.1. o verbo/predicador **estar** configura seu sentido básico em ‘apresentar certa condição física em um dado momento’, evocando uma natureza objetiva. A vs do referido predicador encerra a presença de um Obj, representado por ‘Natalie’, percebido estaticamente. Sua grade temática está assim representada: Obj(e). Na suspensão desse traço, pela via da metaforização, ocorre a assunção de outro para evocar um efeito de sentido, conforme observa-se no enunciado 27.2. Na assunção deste efeito de sentido, a vs do predicador deflagra a presença de um **Com** - comitativo(=companhia), representado por ‘com o rapaz’; e de um **Obj** (=outros dois colegas) percebidos estaticamente. Tempos a seguinte grade temática:

Obj(e), Com; **Obj**→**Com**.

28. FICAR – a) cf. Cunha – ‘permanecer’; b)) cf. Ferreira – ‘estacionar (em alguma lugar); não sair dele; permanecer’; c) cf. Houaiss – ‘permanecer num lugar, continuar a estar num lugar’; d) cf. Borba – ‘permanecer, demorar-se’.

A microcena abaixo abriga o predicador **ficar**, que inscreve o seu sentido básico como ‘permanecer num lugar, continuar a estar num lugar’, de modo que esse é um verbo locativo (Loc).

28.1. *Horácio Lafer Piva, também candidato à Fiesp, optou por **ficar** no Guarujá sóa à tarde.* (F.S.P., 18/10/97, p. 2-2)

28.2. *Tavares, que trabalha como alimentador de forno, é casado e desta vez trouxe a mulher para **ficar** com*

ele os cinco meses que trabalhará na Visconti. (F.S.P., 27/10/97, p. 2-5)

A cena focalizada abriga o predicador *ficar*, cujo sentido primeiro é ‘permanecer num lugar, continuar a estar num lugar’, confirmando sua natureza locativa. Assim, no enunciado 28.1. a *vs* do predicador encerra um agente (Agt), pois encerra intenção, que está numa relação de correferência com o objeto (Obj), ambos apagados no âmbito da microcena (=aquele que tem a intenção de permanecer num determinado lugar); e um locativo (lugar) representado por ‘Guarujá’, local onde o sujeito optou por ficar só à tarde. A grade temática que resulta dessa análise é: Agt, Obj, Loc, onde Agt=Objt-apag. Podemos observar outra ocorrência com o predicador ***ficar*** no enunciado 28.2., que nesse caso, sai do domínio locativo para o domínio comitativo evidenciando um sentido de ‘permanecer’. No contexto 28.2 os traços que se referem à localização (*ficar* em 28.1) ficam rebaixados (no pano de fundo da cena), em seu lugar, são evidenciados outros, que indicam ‘estar junto de’ que expressam companhia; *ficar na companhia um do outro*, conforme o que está perspectivizado nesta microcena. A *vs* do predicador supõe a presença de **Agt** em correferência a um **Obj**, não explícito na microcena, pois é o Agente (Tavares) quem trouxe alguém para ficar na sua companhia ‘a mulher’, e ‘a mulher’ indica o caso **Com**, configurando a seguinte grade temática:

Agt, Obj, Com/Agt = Obj-apag.; **Loc→Com.**

29. FREQUËNTAR – a) cf. Ferreira e Houaiss – ‘visitar com freqüência, ir seguidamente a (algum lugar) <não é de hoje que ele freqüenta a casa da namorada> b) cf. Borba – ‘ir com freqüência, habitualmente’.

29.1. *A gente só namorava, aproveitando o escurinho, diz o estudante Gustavo Nunes, 18, que diz **freqüentar** a praça todas as semanas.* (F.S.P., 28/10/97, p. 3-2)

29.2. *A maioria das mulheres que **freqüenta** o grupo da terceira idade da Universidade Tuiuti se diz livre dos maus-tratos em casa.* (F.S.P., 20/10/97, p. 3-5)

No enunciado 29.1. encontra-se o predicador *freqüentar*, que encerra o sentido básico de ‘ir seguidamente, habitualmente’, caracterizando sua natureza locativa. A *vs* desse predicador denota a presença de um Agt e um Obj, concomitantemente (correferentes) – não explícito na microcena locativa, portanto apagado, e um Loc – lugar onde o Agt=Obj se desloca com freqüência, expresso por ‘a praça’. Sua grade temática é: Agt, Obj, Loc/Agt=Obj-apag. Já no enunciado 29.2. o predicador *freqüentar* encontra-se metaforizado, isto é, saindo do seu campo semântico locativo em direção ao campo semântico comitativo, resultando uma microcena comitativa. Nesta microcena o predicador *freqüentar* apresenta a seguinte grade temática: Agt (aquele que pratica uma ação, e está numa relação de correferência com o Obj – Objeto -, simultaneamente aquele que freqüenta e ao mesmo tempo aquele que está na companhia de ‘o grupo da terceira idade’ – representando o caso Comitativo. Aqui o predicador *freqüentar* tem o sentido ‘ir habitualmente para ficar junto uns com os outros’ portanto comitativo.

Agt, Obj, Com/Agt=Obj; **Loc→Com.**

30. FUGIR – a) cf. Ferreira – ‘desviar-se ou retirar-se apressadamente’; b) cf. Houaiss – ‘escarpar(-se), desviar(-se) precipitadamente de (perigo, pessoa ou coisa ameaçadora, desagradável ou tentadora) <viu que o esperavam e fugiu>’; c) cf. Borba – ‘afastar-se, distanciar-se’.

30.1. *Em 1992, ela foi condenada a 14 anos de prisão e **fugiu** do Brasil.* (F.S.P., 30/01/97, p. 1-13)

30.2. *Baleado, o ladrão atravessou a rua e fugiu com um colega que lhe estava dando cobertura.* (F.S.P., 21/03/97, p. 3-4)

A cena destacada inclui o predicador *fugir*, que detém o sentido primeiro de ‘escapar, afastar, retirar-se apressadamente’, caracterizando sua expressividade locativa. A *vs* do predicador requer um *Agt* que está em relação de correferência com o *Obj* (=aquele que pratica a ação de se deslocar e é ao mesmo tempo o objeto deslocado) não expresso na estrutura de superfície, portanto apagado, e um *Loc* – lugar de onde o agente se afastou, representado por ‘do Brasil’. Sua grade temática é: *Agt, Obj, Loc/Agt=Obj-apag*. Já na cena 30.2. o predicador *fugir* detém o sentido de *companhia*, assegurada através da metaforização, que no contexto instanciado, assinala a suspensão dos traços indicativos de localização para, através da perspectivização de novos traços, obtidos com o deslocamento do campo semântico *Loc* para o *Com*, deflagrar novo efeito de sentido, colocando no foreground a idéia de *companhia*, representado por ‘com um colega’. Assim a *vs* do referido predicador encerra a presença de um **Agt** em correferência com um **Obj** não expresso na estrutura superficial (=aquele que se desloca e é ao mesmo tempo o deslocado para junto de uma companhia), configurando o caso **Com** – comitativo. A grade temática é:

Agt, Obj, Com/Agt=Obj.; **Loc→Com.**

31. GANHAR – a) cf. Cunha – ‘obter, conseguir’; b) cf. Ferreira – ‘adquirir, conquistar’; c) cf. Houaiss – ‘adquirir, auferir (através de trabalho, negócios ou atividades) <ganhar dinheiro>; d) cf. Borba – ‘adquirir, obter’.

31.1. *Quanto elas ganham por programa e quanto têm de lhe pagar?* (F.S.P., 05/01/97, p. 1-11)

31.2. *A gente ganha muito dinheiro, mulheres, fica*

bonito, tira onda de carrão e celular. (F.S.P.,14/01/97, p. 3-1)

No contexto 31.1. está inserido o predicador *ganhar*, cujo sentido básico é ‘conseguir, adquirir através de trabalho ou atividades’, deflagrando sua configuração benefactiva; na microcena focalizada, a *vs* do predicador capta a presença de um Ben – beneficiário, configurado por ‘elas’ – as moças que fazem programa ganham dinheiro -; e de um Obj, que está expresso através de ‘por programa’, percebidos processualmente. A grade temática é: Ben, Obj. No contexto 31.2. o predicador ***ganhar*** instancia, no primeiro sintagma nominal a noção de benefício – ganhar muito dinheiro - e a noção de *companhia* para o segundo sintagma nominal, expresso por ‘mulheres’, (um predicador morfológico para dois semânticos). Observa-se que o sentido do predicador *ganhar* mudou de domínio semântico benefactivo para o comitativo, para abrigar o deslocamento pretendido pelo sujeito-enunciador. O novo sentido que lhe é atribuído advém do nome ‘mulheres’ e é a combinação com esse elemento que imprime ao verbo/predicador *ganhar* o sentido metaforizado de *estar na companhia de muitas mulheres*. A *vs* do predicador *ganhar* (do segundo sintagma nominal) requer a presença de um Com, expresso por ‘A gente’; e de um Obj. representado por ‘mulheres’. A grade temática é:

Obj, Com.;**Ben→Com.**

32. IR – a) cf. Cunha – ‘passar de um lugar para outro, partir’; b) cf. Ferreira – ‘passar, mover-se ou deslocar-se de um lugar para outro’; c) cf. Houaiss – ‘deslocar-se de um lugar a outro <fui sem pressa caminhando a seu lado>; d) cf. Borba – pôr-se na direção de, deslocar-se’.

32.1. *Os agentes de saúde vão às ruas acompanhados dos agentes da rede, pessoas que usam drogas ou já usaram.* (F.S.P., 01/01/97, p. 3-3)

32.2. *Ele foi atrás do companheiro e, após vê-lo caído, saiu correndo em direção à avenida Paulista, disse.*
(F.S.P., 04/09/97, p. 3-5)

O contexto acima (32.1.) inclui o predicador *ir*, cujo sentido básico enuncia: ‘deslocar-se de um lugar a outro; mover-se, passar de um lugar para outro’, ratificando sua caracterização Locativa. A *vs* do referido predicador requer um Agt, e um Obj em relação de correferência (=aquele que se desloca de um lugar para outro e ao mesmo tempo aquele que é deslocado), representado no contexto acima por ‘Os agentes de saúde’, e um Loc, lugar para onde o objeto se deslocou, resenhado por ‘às ruas’. A grade temática é: Agt, Obj, Loc/Agt=Obj. No enunciado 32.2. o predicador *ir* está metaforizado, determinando o deslocamento de sentido do campo semântico Locativo para o Comitativo. Esse deslocamento propicia a assunção de um novo efeito de sentido, perspectivizando a nuance de *companhia*, ‘ir – para ter o companheiro a seu lado’. Nesse sentido a *vs* do referido predicador instaura um **Agt** e um **Obj**, concomitantemente, representado por ‘Ele’; e um **Com** – resenhado por ‘companheiro’, portanto comitativo, produzindo a grade temática:

Agt, Obj, Com/Agt=Obj.; **Loc→Com.**

33. LEVAR – a) cf. Cunha – ‘transportar, retirar, afastar, tirar’; b) cf. Ferreira – ‘fazer passar de um lugar para outro, transportar’; c) cf. Houaiss- transportar (seres animados ou coisas) a (determinado lugar); carregar, conduzir <o ônibus levou-o à cidade>; d) cf. Borba – ‘fazer ir’.

Exemplo com o verbo/predicador *levar* em seu sentido primeiro e metaforizado em predicador comitativo:

33.1. Os policiais **levaram** Teixeira ao Hospital Municipal do Tautuapé, mas ele já chegou morto. (F.S.P., 01/10/97, p. 3-1)

33.2. E, da costela que tinha tomado do homem, o Senhor fez uma mulher e **levou-a** para junto do homem. (F.S.P., 06/10/97, p. 1-11)

O contexto acima (33.1.) inclui o predicador *levar*, cujo sentido básico enuncia: ‘fazer passar de um lugar para outro, transportar’, ratificando sua caracterização Locativa. A *vs* do referido predicador requer um **Agt**, aquele que se desloca de um lugar para o outro, um **Obj**, aquilo que é deslocado, representado no contexto acima por ‘Teixeira’, e um **Loc**, lugar onde o objeto foi levado, transportado, resenhado por ‘ao Hospital Municipal do Tautuapé’. A grade temática é: **Agt**, **Obj**, **Loc**. No enunciado 33.2. o predicador **levar** está metaforizado, determinando o deslocamento de sentido do campo semântico Locativo para o Comitativo. Esse deslocamento propicia a assunção de um novo efeito de sentido, perspectivizando a nuance de *companhia*, ‘levar – para ter a companhia do homem’. Nesse sentido a *vs* do referido predicador instaura um **Agt**, subentendido (=o Senhor), portanto apagado; um **Obj**, representado por ‘a’ (=uma mulher); e um **Com** – resenhado por ‘para junto do homem’, portanto comitativo, produzindo a grade temática:

Agt, Obj, Com/Agt-apag.; Loc→Com.

34. MORAR – a) cf. Cunha – ‘habitar, residir, viver’; b) cf. Ferreira, Houaiss e Borba – ‘residir em (determinado local); habitar, viver <mora na rua das Acácias>.

Exemplo com o verbo/predicador *morar* em seu sentido primeiro e metaforizado em predicador comitativo:

34.1. O comerciante João Ribeiro Júnior *mora* na rua Cymbelino de Freitas, no Jbaquara (aona sul), e diz que os moradores estão sofrendo com a falta de rede de esgoto. (F.S.P., 01/01/97, p. 3-2)

34.2. Não queria mais *morar* com meus pais e queria ter meu próprio dinheiro para comprar roupas e outras coisas. (F.S.P., 05/01/97, p. 1-11)

O sentido básico no enunciado 34.1. deflagrado pelo verbo-predicador *morar* (=residir, viver) está circunscrito no domínio semântico da localização; assim, a *vs* do predicador assinala a presença de um Obj, percebido estaticamente, (=aquele que reside em um determinado lugar) representado por ‘O comerciante João Ribeiro Júnior’, e um locativo (=local onde reside o Obj) ‘na rua Cymbelino de Freitas’. A grade temática dessa microcena está assim delineada: Obj(e), Loc. No enunciado 34.2. a metaforização emerge do efeito de sentido do domínio espacial para o domínio comitativo, resultando uma microcena comitativa. Nesta microcena o predicador *morar* apresenta a seguinte grade temática: **Agt** e **Obj**, numa relação de correferência (subentendidos na estrutura de superfície), - aquele que tem a *intenção* de não querer mais a companhia diária de; e um **comitativo**, representado por ‘meus pais’, portanto:

Agt, Obj, Com/ Agt=Obj-apag.; **Loc**→**Com**.

35. OFERECER – a) cf. Cunha – ‘dar, presentear, propor’; b) cf. Ferreira – ‘apresentar ou propor para que seja aceito’; c) cf. Houaiss – ‘dar de presente (a) <oferecer flores (à namorada)>’; d) cf. Borba – ‘apresentar com dádiva ou mimo, ofertar’.

No contexto abaixo está expresso o predicador *oferecer*, que detém o sentido primeiro de ‘apresentar ou propor para que seja aceito’, ratificando sua caracterização benefactiva(Ben).

35.1. *A Sisbratur, segundo ela, já havia repassado dois deles para uma empresa de factoring (que **oferece** dinheiro em troca de cheques pré-datados), que a protestou.* (F.S.P., 06/01/97, p. 3-9)

35.2. *Sem temer a propalada falta de homem no mercado, elas **oferecem** o companheiro a quem estiver por perto.* (F.S.P., 05/01/97, p. 3-6)

O contexto 35.1. instancia uma microcena em que se situa o predicador *oferecer*, que detém seu sentido primeiro como ‘propor para que seja aceito’, assinalando sua instituição benefactiva. A vs desse predicador requer um Agt (=aquele que pratica a ação – de oferecer - ‘uma empresa de factoring’), expresso por ‘que’, um Ben(=aquele que se beneficia) não explícitos na estrutura de superfície, e um Obj(=o produto ofertado pelo Agt) representado na microcena por ‘dinheiro’. Sua grade temática é: Agt, Ben, Obj/Ben-apag. No contexto 35.2. o predicador *oferecer* encontra-se metaforizado em direção ao campo semântico Com, suspendendo traços de sentido e assumindo outros novo, a fim de dimensionar a significação perspectivizada na microcena: a noção de *companhia*. A vs do referido predicador instancia um **Agt** – agente, resenhado por ‘elas’ (=aquela que oferece/cede), um **Obj**(=o que está sendo oferecido), expresso por ‘o companheiro’ e um **Com** – comitativo(=para quem o objeto passará), expresso por ‘a quem estiver por perto.’ Sua grade temática é:

Agt, Obj, Com.; **Ben→Com.**

36. PASSAR – a) cf. Cunha – ‘atravessar, transpor, exceder’; b) cf. Ferreira – ‘percorrer de uma lado para outro; atravessar, transpor’; c) cf. Houaiss – ‘percorrer (distância no espaço); atravessar, transpor <passar a estrada para entrar na fazenda>’; d) cf. Borba – ‘fazer atravessar’.

36.1. *Se você costuma **passar** pelo cruzamento das avenidas Faria Lima e Europa, abra o olho.* (F.S.P., 03/10/97, p. 3-2)

36.2. *Ganhei mais alguns dias para **passar** com a namorada, disse ele, que trabalha na linha montagem final do Gol há cinco meses.* (F.S.P., 15/11/97, p. 2-6)

O contexto acima (36.1.) inclui o predicador *passar*, cujo sentido básico enuncia: ‘percorrer de um lado para outro, atravessar, transpor’, ratificando sua caracterização Locativa. A *vs* do referido predicador requer um Agt, aquele que se desloca e ao mesmo tempo o que está sendo deslocado de um lugar para outro, configurando o Obj, indicado no contexto acima por ‘Você’ – dois casos para um papel temático (Agt=Obj) - e um Loc, lugar por onde o objeto passou, resenhado por ‘pelo cruzamento das avenidas’. A grade temática é: Agt, Obj, Loc/Agt=Obj. No enunciado 36.2. o predicador *passar*¹⁸ está metaforizado, determinando o deslocamento de sentido do campo semântico Locativo para o Comitativo/Temporal. Esse deslocamento propicia a assunção de um novo efeito de sentido, perspectivizando a nuance de *tempo e companhia*, simultaneamente, ‘passar – estar algum tempo em companhia da namorada’. Nesse sentido a *vs* do referido predicador instaura um **Agt** e um **Obj**, concomitantemente –apagados na microcena; um **Tem** (caso Temporal), representado por ‘alguns dias’ e um **Com** – resenhado por ‘com a namorada’, portanto comitativo/temporal simultaneamente, produzindo a grade temática:

Agt, Obj, Tem, Com./Agt=Obj-apag.; **Loc**→**Com/Tem**.

37. PERDER – cf. Cunha – ‘ser privado de, cessar de ter’; b) cf. Ferreira – ‘ser privado de (coisa que se possuía, ficar sem o domínio, a propriedade, a posse

¹⁸ A *vs* do verbo *passar* admite os casos Loc (locativo) e Tem (Temporal), ambos proposicionais, como em *Jeffrey passou Terça-feira à tarde na praia* (Fillmore, 1971:51). É uma ocorrência rara de casos considerados mutuamente excludentes. O predicador *passar*, no contexto acima, é um caso atípico, pois encerra quatro argumentos, ou seja, Agt, Obj, Tem, Com, captado na lingua(gem) jornalística.

de'; c) cf. Houaiss – 'ficar sem a posse de <ao falir, perdeu casas, terrenos, automóveis>'; d) cf. Borba – 'ser privado de (coisa que se possuía, ficar sem o domínio, a propriedade, a posse de'.

Na microcena abaixo está expresso o predicador **perder**, que contém o sentido básico de 'ficar sem a posse de' o que configura sua natureza benefactiva (Ben).

37.1. *Os moradores do bairro **perderam** parte dos móveis da casa, porém não houve feridos.* (F.S.P., 03/01/97, p.3-2)

37.2. *Não queria **perder** esse companheiro, mas ao mesmo tempo não podia imaginar tê-lo como amante.*

No contexto 37.1., o predicador *perder*, que encerra, com sentido básico, 'ser privado de, ficar sem o domínio, a propriedade, a posse de' deflagra sua configuração benefactiva; na microcena, fica instanciada a noção de *malefício*, e a vs do referido predicador pressupõe a presença de um Ben – benefactivo, representado por 'os moradores do bairro', e de um Obj – objeto, que está expresso em 'parte dos móveis da casa', captados processualmente neste contexto. Sua grade temática é: Ben, Obj. No contexto 37.2. abriga o predicador **perder**, que detém o sentido básico de 'cessar de ter', assinalando sua identificação como benefactivo; o processo de metaforização promove o transporte do campo semântico Ben para o Com, instaurando a noção de 'companhia' representada através de 'esse companheiro'; e o predicador *perder* gera um novo efeito de sentido de - não quer ficar sem a companhia do companheiro.; sua grade temática é:

Agt, Obj, Com/Agt=Obj-apag;**Ben→Com.**

38. PERMANECER – a) cf. Cunha – ‘demorar’; b) cf. Ferreira – ‘continuar a ser ou ficar, conservar-se’; c) cf. Houaiss – ‘continuar sendo, prosseguir existindo, conserva-se, ficar <chovia, mas a terra permanecia dura>; d) cf. Borba – ‘continuar a ser ou a estar’.

Exemplo com o verbo/predicador *permanecer* tanto em seu sentido básico como em seu sentido metaforizado:

38.1. *Durante todo o vôo, o trem de pouso **permaneceu** acionado, apesar de o aparelho possuir mais dois sistemas hidráulicos que, em tese, permitiriam seu recolhimento.* (F.S.P., 03/01/97, p. 3-2)

38.2. *Pelo protocolo, o presidente brasileiro deveria se limitar a **permanecer** ao lado do papa, para também receber os cumprimentos das autoridades presentes ao Galeão.* (F.S.P., 03/10/97, p. 1-6)

Nos contextos acima, as cenas incluem o predicador *permanecer*, que, em seu sentido básico, emerge em domínio objetivo (Obj), ratificando sua natureza objetiva. No contexto 38.1. fica perspectivizada a noção de ‘continuar no estado que se encontra’ representado por ‘o trem de pouso’, tendo como grade temática: Obj. Já no contexto 38.2. podemos observar que o sentido do predicador *permanecer* mudou de domínio semântico básico para o comitativo, para abrigar o deslocamento pretendido pelo sujeito-enunciador. O novo sentido que lhe é atribuído advém do nome ‘ao lado do papa’, e é a combinação com esse elemento que imprime ao verbo/predicador *permanecer* o sentido metaforizado de *companhia do papa*, portanto comitativo, produzindo a grade temática: **Agt e Obj** simultaneamente –apagados na microcena (o presidente brasileiro) e **Com** (papa);

Agt, Obj, Com/Agt=Obj-apag; **Obj→Com.**

39. PERSEGUIR – a) cf. Cunha – ‘ir ao encalço de, acossar’; b) cf. Ferreira – ‘seguir de perto, ir ao encalço de, acossar’; c) cf. Houaiss – ‘ir ao encalço de; correr atrás de <a polícia perseguiu o ladrão durante horas>; d) cf. Borba – ‘caçar, acossar, tentar pegar com intenção de fazer mal a’.

39.1. *Mais de 60 PMs da Bahia **perseguiam** os fugitivos na tarde de ontem, mas até as 16 h nenhum havia sido recapturado.* (F.S.P., 17/02/97, p. 3-9)

39.2. *Os seis fotógrafos que **perseguiam** a princesa estão fugindo da imprensa.* (F.S.P., 04/09/97, p. 1-6)

A cena 39.1. apresenta o predicador **perseguir**, que evoca o sentido básico de ‘ir ao encalço de; correr atrás de’, assinalando sua natureza benefactiva. A *vs* do referido predicador requer a presença de um Agt em correferência com um Ben (=aquele que pratica uma ação e ao mesmo tempo fica com o poder de - para prender -) na microcena expressa por ‘Mais de 60 PMs da Bahia’; e um Obj (=aquele que estará no poder do agente) representado por ‘os fugitivos’. A grade temática é: Agt, Ben, Obj/Agt=Ben. Já na cena 39.2. os traços que se referem *ao poder* – perseguir com a *intenção* de ter o poder – ficam no pano de fundo e, em seu lugar, são ativados outros, que indicam ‘perseguir com a *intenção* de ficar na companhia de’ que expressam companhia; esse movimento semântico que o predicador faz, saindo do domínio benefactivo para o comitativo, confirma o novo efeito de sentido pretendido pelo sujeito-enunciador, que pretende perspectivizar a noção de companhia na microcena, configurando num enunciado comitativo. A *vs* do referido predicador requer a presença de um **Agt** e um **Obj**, concomitantemente, expresso por ‘que’ e um **Com**, representado na microcena por ‘a princesa’. A grade temática é:

Agt, Obj, Com/Agt=Obj.; **Ben**→**Com**.

40. PRECISAR – cf. Ferreira, Houaiss e Borba – ‘ter necessidade de; carecer, necessitar <quando precisava (de) algum dinheiro aparecia por lá>.

40.1. *O município de Cardoso Moreira, um dos mais atingidos, vai **precisar** de mais de R\$ 6 milhões para se recuperar.* (F.S.P., 09/01/97, p. 3-3)

40.2. *Passei meu ex-marido para uma amiga, porque sentia que ele **precisava** de companhia.* (F.S.P., 05/01/97, p.3-6)

No contexto 40.1. aparece o predicador *precisar*, cujo sentido básico evoca: ter necessidade de, o que evidencia a configuração benefactiva. Assim, a vs do referido predicador supõe a presença de um Ben – benefactivo, (=aquele que necessita de verbas para a sua recuperação – o município de Cardoso Moreira) e de um Obj – objeto, expresso por ‘mais de R\$ 6milhões’ (=a coisa necessitada), percebidos processualmente. Sua grade temática é: Ben,Obj. Já no contexto 40.2. observa-se que o sentido do predicador *precisar* mudou de campo semântico básico para o campo semântico comitativo, para abrigar o deslocamento pretendido pelo sujeito-enunciador. O novo sentido que lhe é atribuído advém do nome ‘de companhia’, e é essa combinação que imprime ao verbo/predicador *precisar* o sentido metaforizado de *companhia*, portanto comitativo, produzindo a grade temática: **Obj, Com.** O caso objetivo representado por ‘ele’, e o caso comitativo por ‘de companhia’.: **Ben→Com.**

41. PROCURAR – a) cf. Cunha – ‘esforçar-se por achar ou conseguir’; b) cf. Ferreira – ‘esforçar-se por achar; buscar, catar’; c) cf. Houaiss – ‘executar as ações necessárias para tentar encontrar (algo) <procurar um documento na gaveta> d) cf. Borba – ‘esforçar-se por achar; buscar, catar’.

41.1. *Clóvis Monteiro, chefe do Sinarm (Sistema Nacional de Armas), diz que patrulheiros rodoviários que em uma batida pedem documentos e vistoriam semáforos passarão também a **procurar** armas escondidas dentro dos veículos.* (Folha de São Paulo, 08/11/97, pg. 3-6)

41.2. *Seus pais **procuraram**, sem sucesso, a menina nos hospitais locais e comunicaram o fato à polícia.*(F.S.P., 01/01/97, p.3-3)

No contexto 41.1. aparece o predicador *procurar*, que detém o sentido básico de ‘executar ações necessárias para tentar encontrar (algo), esforçar-se por achar’, assinalando sua condição benefactiva. Na microcena focalizada, o predicador requer um Agt em correferência com um Ben, (=aquele que pratica a ação de tentar encontrar (algo) para estar no seu poder), não explícito na estrutura de superfície, e um Obj, expresso por ‘armas’, delineando a seguinte grade temática: Agt, Ben, Obj/Agt=Obj-apag. No contexto 41.2. aparece o predicador *procurar* no seu sentido figurado, pois o predicador assume o transporte de seu significado, deslocando-se do campo semântico benefactiva para o campo semântico comitativo, assumindo a noção que indica *companhia*; assim a vs desse predicador instaura um Agt e um Obj, simultaneamente aquele que se desloca e ao mesmo tempo o objeto deslocado para procurar alguém a fim de tê-la (a menina) novamente em sua companhia – expresso por ‘a menina’ denotando o caso Com – comitativo. Sua grade temática é:

Agt, Obj, Com/ Agt=Obj.; Ben→Com.

42. RECEBER – a) cf. Cunha e Ferreira – ‘tomar, aceitar’; b) cf. Houaiss – ‘entrar na posse de <receber uma herança>; c) cf. Borba – ‘passar a ter com dádiva, presente ou oferta’.

42.1. *Luciano Martinez Soares vai receber R\$2.273 (bruto) e Jorge Luiz Martinez Soares ganhará R\$ 5.003.*
(F.S.P., 04/01/97, p . 3-3)

42.2. *Terá sido, a rigor, uma discussão bem mais amena que a pautada por João Paulo 2º, em fevereiro último, ao receber o presidente brasileiro na Santa Sé.*
(F.S.P., 04/10/97, p. 1-5)

No enunciado 42.1. abriga o predicador *receber*, que, em se sentido básico, indica ‘tomar, aceitar em pagamento’, revelando sua natureza benefactiva. A vs do referido predicador requer um Ben – benefactivo (=aquele que será beneficiado) representado por ‘Luciano Martinez Soares’, e um Obj –objeto (=a quantia que será recebida) representado por ‘R\$2.273’. Sua grade temática é: Ben,Obj. Na microcena 42.2., está sendo perspectivizada a noção de companhia (=receber alguém, ir ao encontro de), através do processo metafórico, que estabelece o movimento semântico do campo Benefactivo para o campo Comitativo. A vs do predicador requer um **Agt** e um **Com**, simultaneamente, porque ele pratica a ação e ao mesmo tempo estará na companhia do **Obj** – objeto – representado por ‘o presidente brasileiro’. Portanto sua grade temática é:

Agt, Obj, Com/Agt=Com.-apag.; **Ben→Com.**

43. RECUPERAR – a) cf. Cunha – ‘adquirir novamente’; b) cf. Ferreira - ‘recobrar (o perdido); adquirir novamente’; c) cf. Houaiss – ‘reentrar na posse, na gozo de; reaver <reaver a fortuna>; d) cf. Borba – ‘reaver’.

No contexto abaixo está expresso o predicador *recuperar*, que detém o sentido primeiro de ‘reaver, adquirir novamente’, ratificando sua caracterização benefactiva(Ben).

43.1. *Apenas um deles, não-identificados, foi preso ontem à tarde, quando foi à delegacia tentar **recuperar** seu carro.* (F.S.P., 20/06/97, p. 3-3)

43.2. *Alves afirmou que não quer mais viver com Neide, quer **recuperar** sua filha.* (F.S.P., 19/07/97, p. 3-4)

O predicador *recuperar* encerra como sentido básico de ‘adquirir novamente’, evidenciando sua natureza benefactiva. Assim, no enunciado 43.1. a valência semântica (vs) do predicador encerra um Agt – agente – em relação de correferência com um Ben – beneficiário (=aquele que quer adquirir o que deixou de ter). Nessa microcena, o caso agentivo e o benefactivo encontram-se apagados na estrutura de superfície, representado por, na estrutura profunda - um daqueles que foi preso que quer reaver seu carro; e um Obj (objetivo), o bem a ser recuperado (=seu carro). Sua grade temática é: Agt, Ben, Obj/Agt=Ben-apag. Já no contexto 43.2. , podemos observar outra ocorrência com o predicador **recuperar**, nesse caso, sai do domínio benefactivo para o domínio comitativo evidenciando um deslocamento de sentido. Nesta microcena o predicador *recuperar* encerra um **Agt** – agente e o objeto (**Obj**) ao mesmo tempo, numa relação de correferência, subentendido por ‘Alves’, portanto apagado, aquele que quer de volta a filha para ficar na sua companhia – representado por ‘sua filha’ que expressa o caso comitativo (**Com**). Temos a grade temática representada da seguinte maneira:

Agt, Obj, Com/Agt=Obj-apag.; **Ben**→**Com**.

44. RETORNAR – a) cf. Ferreira e Houaiss – ‘regressar, voltar (para o ponto de onde se partiu) < regressar ao país de origem> ; b) cf. Borba – ‘voltar a aparecer’.

Exemplos retirados da linguagem jornalística, com o verbo/predicador *retornar* em seu sentido básico e metaforizado para o domínio comitativo:

44.1. *Maluf, que continua em viagem ao exterior, espera o desdobramento do caso antes de **retornar** ao país.* (F.S.P., 24/05/97, p. 1-5)

44.2. *Eles afirmaram ao desembargador que Costa, “nas condições em que se encontra no momento do exame, é absolutamente capaz de **retornar** ao convívio social”.* (F.S.P., 27/08/97, p. 3-1)

Encontrei, o predicador *retornar*, que evoca, como sentido básico ‘regressar, voltar’, que dimensiona sua natureza locativa. No contexto 44.1., a *vs* requer a presença de um agente - **Agt** - e um objeto – **Obj** - concomitantemente – não expresso na estrutura de superfície, i.e. apagados, subentendido por ‘Maluf’, pois ele é o agente que se desloca de um lugar para o outro e ao mesmo tempo o objeto deslocado, ‘retornando para o seu lugar de origem’, representado por ‘ao país’, evidenciando o domínio espacial. Nesta microcena temos a seguinte grade temática: **Agt**, **Obj**, **Loc/Agt=Obj-apag**. No contexto 44.2. os traços que se referem à localização (retornar em 44.1.) ficam no background, em seu lugar, são perspectivizados outros, que indicam ‘companhia’ que expressam companhia; portanto os traços que se referem a localização ficam suspensos, pela via da metaforização, dando a vez para um enunciado comitativo. Na microcena analisada, a *vs* do referido predicador pressupõe um **Agt** e um **Obj**, que fica subentendido pela macrocena (=o bandido da luz vermelha) aquele que tem condições de viver em comunidade; um **Com** – representado por ‘convívio social’, assim, o bandido da luz vermelha está autorizado a conviver novamente em sociedade, delineando uma cena comitativa. A grade temática é:

Agt, Obj, Com/Agt=Obj-apag.; Loc→Com.

45. REUNIR – a) cf. Ferreira – ‘tornar a unir, unir outra vez (o que estava unido e se separou); b) cf. Houaiss – ‘dispor de modo conjunto, agrupar (pessoas ou coisas);

juntar <o comandante reuniu a tropa no pátio>; c) cf. Borba – ‘juntar, agrupar’.

45.1. *Os promotores, que não divulgam os nomes dos principais suspeitos, já **reuniram** 9.000 documentos.* (F.S.P., p. 1-8)

45.2. *Prefeitura volta a **se reunir** com os empresários e, diante da ameaça de greve, aceita pagar R\$ 43 milhões.* (F.S.P., p. 01/10/97, p. 3-5)

O sentido básico na microcena 45.1. deflagrado pelo verbo *reunir* (=juntar) está circunscrito no domínio semântico básico. No contexto fica perspectivizada a noção de *juntar, unir* 9.000 documentos, delineando o caso Obj. A vs do referido predicador requer um Agt – subentendido por ‘os promotores’ – apagado na microcena, e um Obj expresso por ‘9.000 documentos’. A grade temática é: Agt, Obj/Agt-apag. No contexto 45.2. a metaforização emerge do efeito de sentido do domínio básico para o domínio comitativo, resultando uma microcena comitativa. Nesta microcena o predicador *reunir* apresenta a seguinte grade temática: Agt - aquele que pratica uma ação, e está numa relação de correferência com o Obj – expresso por ‘Prefeitura’ e o caso Comitativo representado por ‘com os empresários’(=aqueles que estarão na companhia das pessoas que representam a Prefeitura) ratificando sua configuração comitativa. A grade temática é:

Agt, Obj, Com/Agt=Obj; **Obj→Com.**

46. ROMPER – a) cf. Cunha – ‘destroçar, rasgar’; b) cf. Ferreira – ‘fazer em pedaços; despedaçar, espedaçar, partir, quebrar’; c) cf. Houaiss – ‘criar abertura ou passagem à força; arrombar <arrombar o cofre>; d) cf. Borba – ‘quebrar, partir’.

46.1. *Por pouco Roseli não foi obrigada a encerrar a carreira, no final de 1989, como consequência de um acidente doméstico – uma queda, na qual **rompeu** os ligamentos do joelho esquerdo.* (F.S.P., 02/01/97, p. 3-7)

46.2 *Viviane começou a dizer ao amigo que a outra era feia, vulgar, e que ele deveria **romper** com ela.* (F.S.P., 05/10/97, p. 3-9)

O contexto 46.1. apresenta uma microcena em que o predicador *romper*, tem instituído, como sentido básico, ‘rasgar’, o que configura sua constituição básica; a grade temática está assim representada: Obj,Obj/Obj-apag. O verbo/predicador prevê um Obj – objeto, representado por ‘Roseli’ que encontra-se apagado na estrutura de superfície, e um Obj – objeto (=aquilo que foi rompido, rasgado) representado por ‘os ligamentos do joelho esquerdo’, delineando processualmente o caso objetivo. No outro contexto, 46.2., o predicador *romper* está metaforizado, promovendo o deslocamento de sentido do campo semântico Obj para o Com, perspectivizando a nuance de sentido que indica *companhia*. Na cena, a vs do predicador institui um **Agt** em relação de correferência com o **Obj**, representado por ‘ele’, no caso aquele que pratica a ação de deixar de estar na companhia dela e é o objeto concomitantemente; e um **Com**, que vem expresso no segmento: ‘com ela’. Sua grade temática é:

Agt, Obj, Com/ Agt=Obj.;**Obj→Com.**

47. ROUBAR – cf. Cunha, Ferreira, Houaiss e Borba – ‘subtrair, apropriar-se de, apoderar-se de (coisa alheia móvel) para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistir; <roubar gado>’.

O verbo/predicador *roubar*, nos enunciados abaixo, encontra-se tanto em seu sentido primeiro como em seu sentido metaforizado em direção ao campo semântico comitativo:

47.1. *Em um país onde se mata para roubar um relógio Swath no farol e onde virou praxe ex-empregados, o namorado a empregada, ou coisa que o valha, sequestrarem e matarem a tiros na cara até crianças, não é mero placebo transformar em crime o porte ilegal de armas?* (F.S.P., 01/10/97, p. 3-2)

47.2. *Quando a própria irmã tem a iniciativa de roubar o namorado da outra, o sentimento de derrota abala qualquer relacionamento fraternal.* (F.S.P., 02/03/97, p. 3-8)

O contexto 47.1. o predicador *roubar*, que é instituído, com sentido primeiro, ‘apropriar-se, apoderar-se’, confirma sua natureza benefactiva; a vs do referido predicador requer um Agt(=o praticante do furto); um Ben (=aquele que perdeu o bem material) não explícitos na estrutura de superfície, portanto apagados; e um Obj (=aquilo que o Agt apropriou-se) representado por ‘um relógio Swatch’. Já no outro contexto, 47.2., o verbo/predicador *roubar* aparece em seu sentido metaforizado, isto é, saindo do campo semântico benefactivo em direção ao campo semântico comitativo, assumido pelo sentido de ‘fazer companhia a alguém’. A vs do predicador requer um **Agt**, não explícito na estrutura de superfície, (=aquele que pratica a ação intencional, por qualquer meio, de trazer para junto de si a *companhia* de alguém); um o **Obj** (=o namorado) e um **Com** – representado por ‘da outra’. A grade temática é:

Agt, Obj, Com/Agt-apag.; **Ben**→**Com**.

48. SAIR – a) cf. Cunha – ‘passar (do interior para o exterior), afastar-se, partir, largar’; b) cf. Ferreira – ‘passar (do interior para o exterior); ir ou passar para

fora’; c) cf. Houaiss – ‘deixar um local, uma morada, um pouso e seus ocupantes; partir <tomou da pasta e saiu sem se despedir>; d) cf. Borba – ‘passar (do interior para o exterior); ir ou passar para fora’.

48.1. *Segundo apurou a Folha, a intenção da prefeitura é obrigar os ambulantes a **sair** do local - a justificativa é a limpeza das ruas – e não permitir que eles retornem, inclusive os autorizados.* (F.S.P., 03/01/97, p. 3-1)

48.2. *O Eduardo foi fazer ficha para encontrar uma companheira e começamos a **sair**.* (F.S.P., 18/05/97, p. 3-10)

Na cena 48.1. aparece o predicador *sair*, cujo sentido primeiro é ‘deixar um local, afastar-se’ confirmando sua natureza locativa. Sua *vs* requer um Agt – agente - em correfência com um Obj, representado por ‘os ambulantes’ (=aquele que se desloca de um lugar para outro e ao mesmo tempo é o deslocado), e um Loc – lugar do qual o agente deve deixar, representado no enunciado por ‘local’. Na cena 48.2. o predicador **sair** mudou de domínio semântico locativo para o domínio semântico comitativo, pela via de metaforização, que determina a suspensão dos traços locativos para perspectivizar um novo efeito de sentido, que evidencia a dimensão comitativa. A *vs* do predicador *sair* nesse contexto encerra a presença de um **Agt** e um **Obj** simultaneamente, e um **Com**, não explícitos na estrutura de superfície. Portanto, sua grade temática é:

Agt,Obj,Com /Agt=Obj-apag.; Com –apag.; **Loc**→**Com**.

49. SENTAR – cf. Ferreira, Houaiss e Borba – ‘tomar assento; assentar-se; sentar-se <preferiu sentar(-se) na poltrona>’.

A microcena abaixo abriga o predicador **sentar**, que inscreve o seu sentido básico como ‘assentar-se; sentar-se’, de modo que esse é um verbo locativo (Loc).

49.1. *Os assaltantes se **sentaram** no banco de trás, porque não sabiam dirigir.* (F.S.P., 14/11/97, pg. 3-1)

49.2 *Escondidos por um capinzal e iluminados pela luz de uma rua próxima, eles **se sentam** em grupo, preparam e usam droga ali mesmo.* (F.S.P., 09/11/97, p. 3-4)

No enunciado 49.1 vem expresso o predicador *sentar*, que tem o sentido básico de ‘assentar-se, sentar-se’, ratificando sua configuração locativa. A *vs* do predicador *sentar* requer um **Agt** em correferência com um **Obj** (=aquele que pratica a ação e ao mesmo tempo o objeto de sentar); e um **Loc** (=lugar onde o objeto deve se sentar) representado por ‘no banco de trás’. No enunciado 49.2. há uma metaforização, assinalando a outra mão de seu curso, pois o deslocamento ocorre do campo semântico locativo para o campo semântico comitativo, e refere-se não a lugar mas a ‘companhia’. Assim, a *vs* do predicador requer um **Agt** e um **Obj** concomitantemente (=aquele que pratica a ação de sentar e ao mesmo tempo o objeto a ser sentado) representado na microcena, acima, por ‘eles’ e um **comitativo** expresso por ‘em grupo’. A grade temática é:

Agt, Obj, Com/Agt=Obj.; **Loc**→**Com**.

50. SEPARAR - a) cf. Cunha – ‘apartar, isolar, desunir’; b) cf. Ferreira, Houaiss e Borba – ‘pôr(-se) à parte, fazer a disjunção de (o que estava junto ou ligado); desunir(-se), apartar(-se), isolar(-se), desagregar(-se) <separou uma parte dos cabelos com uma fita>’.

50.1. *A menina Franciele Russo Rodrigues, 7, se contentou em **separar** alguns pedaços de azulejo e mármore.* (F.S.P., 14/11/97, p. 3-6)

50.2. *Ao se **separar** da mãe de Marcelo, ele definiu por escrito que daria pensão equivalente a 10% de seus rendimentos ao filho.* (F.S.P., 04/11/97, p. 3-2)

As cenas destacadas envolvem o verbo-predicador *separar*, cujo sentido básico expressa idéia de ‘isolar, desagregar’, confirmando sua natureza do campo semântico básico. Em 50.1. a vs requer um Agt (=o praticante da ação de separar) não expresso na estrutura superficial, um Obj (=aquilo que foi separado pelo agente) representado por ‘alguns pedaços de azulejo e mármore’ e um Obj (=de alguma coisa), não expresso na estrutura superficial. Temos a seguinte grade temática: Agt, Obj, Obj/Agt;Obj-apag. No contexto 50.2. fica perspectivizada a noção de ‘desunir, não ter mais a companheira ao seu lado’, o sentido do predicador **separar** mudou de domínio semântico básico para o domínio semântico comitativo, para abrigar o deslocamento pretendido pelo sujeito-enunciador. O novo sentido que lhe é atribuído advém do nome ‘da mãe’, e é a combinação com esse sintagma que impreme ao verbo/predicador *separar* o sentido conotativo de *não ter mais a companhia da mãe de Marcelo*, portanto comitativo, produzindo a grade temática:

Agt, Obj, Com/Agt=Obj-apag.; **Obj→Com.**

51. TER – a) cf. Cunha – ‘estar na posse de, possuir, haver’; b) cf. Ferreira – ‘ter a posse de; possuir, haver’; c) cf. Houaiss – ‘entrar na posse de; receber <tiveram então a escritura daquelas terras>’; d) cf. Borba – ‘ter a posse de; possuir, haver’.

51.1. *Em Aracaju, ele era comerciante, **tinha** pelo menos uma casa e um restaurante, disse Guimarães.*

(F.S.P., 08/01/97, p. 3-5)

51.2. *Se a criança nasceu abaixo do peso, ou se a mãe for adolescente, de baixa escolaridade ou não **tiver** companheiro, vai ser enquadrada no programa.* (F.S.P., 03/01/97, p. 1-8)

Nos enunciados acima temos o verbo/predicador **ter** com dois sentidos distintos, isto ocorre pelo fato de estarem em contextos diferentes. No enunciado 51.1. o verbo/predicador *ter* está no seu sentido básico, configurando em ‘estar na posse, possuir’, conseqüentemente benefactivo. Como podemos perceber em 51.2., o predicador faz uma projeção do seu domínio de origem para outro domínio dando um novo sentido à microcena. A *vs* do verbo *ter* fica interpretada como: **Obj,Com/Obj(e)-apag.; Ben→Com.** A ‘mãe’ da criança expressa o objeto – não explícito na estrutura de superfície - e ‘companheiro’ expressa o comitativo (Com). O seu sentido básico no primeiro enunciado denota o possuidor de alguma coisa, enquanto que no segundo percebemos uma metaforização, uma extensão de sentido, *alguém que não tem uma companhia*, - expresso por *companheiro* - instaurando o sentido comitativo, percebido estaticamente.

52. TOMAR – a) cf. Cunha – ‘pegar, segurar, arrancar, tirar’; b) cf. Ferreira – ‘pegar ou segurar em’; c) cf. Houaiss – ‘tirar (algo) de (alguém) e apossar-se desse algo: subtrair, arrebatr, usurpar <tirar terras alheias>; d) cf. Borba – ‘acolher, adotar’.

52.1. “*Se o decreto for só para **tomar** terras, vai agitar ainda mais o ambiente*”, disse. (F.S.P., 14/02/97, p. 1-10)

52.2. *Thaís usa o verbo no passado porque hoje em dia as duas não se falam. “Ela ficou com medo que eu*

tomasse meu ex-marido de volta”, diz (leia depoimento). Thaís acha absurda a idéia de tomar o ex-marido de volta, mas a tradutora Patrícia Pimenta, 34, não. (F.S.P., 05/01/97, p. 3-6)

O predicador *tomar* encerra como sentido básico de ‘tirar algo de alguém e apossar-se desse algo’, evidenciando sua configuração benefactiva. Assim, no enunciado 52.1. a valência semântica (vs) do predicador encerra um agente (Agt), pois encerra intenção, não expresso na estrutura superficial, um beneficiário (Ben), (=aquele que perderá suas terras); e um objeto (Obj), representado por ‘terras’ (=aquilo que ele possui). A grade temática que resulta dessa análise é: Agt, Ben, Obj/Agt e Ben-apag. Observa-se outra ocorrência com o predicador **tomar** no enunciado 52.2., que, nesse caso, sai do domínio benefactivo para o domínio comitativo evidenciando um deslocamento. Nesta microcena o predicador *tomar* encerra um **Agt** expresso por ‘eu’, um **Obj**, resenhado por ‘ex-marido’, e um caso comitativo(**Com**) não expresso na estrutura superficial. Sua grade temática é:

Agt, Obj, Com/Com-apag.; **Ben→Com.**

53. TRAZER – a) cf. Cunha - ‘conduzir ou transportar para cá’; b) cf. Ferreira, Houaiss e Borba – ‘transportar, levar ou ser o motivo de (alguém ou algo) vir junto <devo trazer a sua bengala?>

53.1. *Ele trouxe para a Bahia a imagem do Senhor do Bonfim crucificado. (F.S.P., 17/01/97, p. 3-4)*

53.2. *Os deputados e senadores, na maior parte, trouxeram suas mulheres, cujas despesas estariam sendo pagas por eles.*

A cena focalizada abriga o predicador *trazer*, cujo sentido primeiro é ‘transportar’, confirmando sua natureza locativa. Assim, no enunciado 53.1. a *vs* do predicador encerra um agente (Agt) (=aquele que tem a intenção de transportar alguma coisa), representado por ‘Ele’; um objeto (Obj) - resenhado por ‘a imagem do Senhor do Bonfim crucificado’; e um locativo (local onde o sujeito transportou o objeto) – a Bahia. A grade temática que resulta dessa análise é: Agt, Obj, Loc. Podemos observar outra ocorrência com o predicador **trazer** no enunciado 53.2., que nesse caso, sai do domínio locativo para o domínio comitativo evidenciando um sentido de ‘vir junto’. No contexto 53.2 os traços que se referem à localização (*trazer* em 53.1) ficam rebaixados (no background), em seu lugar, são perspectivizados outros, que indicam ‘vir junto com eles’ que expressam companhia; instaurando um novo efeito de sentido, que evoca acompanhamento, conforme o que está perspectivizado nesta microcena. A *vs* do predicador supõe a presença de **Agt, Obj e Com.** Assim, ‘Os deputados e os senadores’ expressa o Agente, pois são os Agentes que trouxeram suas mulheres, indica o caso **Obj**, para ficarem nas suas companhias - **Com**, configurando a seguinte grade temática:

Agt, Obj, Com/Com-apag; **Loc→Com.**

54. UNIR – a) cf. Ferreira – ‘tornar em um só, unificar’;
 b) cf. Houaiss – ‘aproximar(-se) ou reunir(-se) com outro(s) de maneira a formar um todo; unificar(-se)<o professor uniu suas duas turmas para a prova>’; c) cf. Borba – ‘unificar, reunir, ligar, aproximar’.

54.1. *Esse trecho, de 31,6 km, deverá unir a rodovia dos Bandeirantes à Régis Bittencourt, passando pela Anhanguera, Castelo Branco e Raposo Tavares.*
 (F.S.P., 23/12/97, p. 3-5)

54.2. *Figuremos, a propósito, o seguinte exemplo: homem casado, mas separado de fato de sua esposa,*

quer unir-se a outra mulher, com quem convive há vários anos. (F.S.P., 12/04/97, p. 3-2)

O sentido básico na microcena 54.1. deflagrado pelo verbo *unir* (=tornar em um só, unificar, ligar, aproximar’;) está circunscrito no domínio semântico básico. No contexto fica perspectivizada a noção de *ligar, unir a rodovia dos Bandeirantes à Régis Bittencourt*, delineando o caso Básico. A vs do referido predicador requer um Agt – expresso por ‘esse trecho’ –, um Obj expresso por ‘a rodovia dos Bandeirantes’; e um outro Obj, representado por ‘à Régis Bittencourt’. A grade temática é: Agt, Obj, Obj. No contexto 54.2. a metaforização emerge do efeito de sentido do domínio básico para o domínio comitativo, resultando uma microcena comitativa. Nesta microcena o predicador *unir* apresenta a seguinte grade temática: Agt - aquele que tem a intenção de fazer alguma coisa, e está numa relação de correferência com o Obj – não expresso na estrutura de superfície; e o caso Comitativo representado por ‘a outra mulher’ (=aquele que quer oficializar a união com sua atual mulher) ratificando sua configuração comitativa. A grade temática é:

Agt, Obj, Com/Agt=Obj-apag; **Obj→Com.**

55. VER – cf. Cunha, Houaiss, Ferreira e Borba – ‘conhecer ou perceber pela visão, olhar para, contemplar, distinguir’.

55.1. *Testemunhas viram um casal em uma Parati deixar o corpo às 15h45, após espancar a menina.* (F.S.P., 01/01/97, p. 3-3)

55.2. *Assim que recobrou a consciência, recuperado da anestesia geral, pediu para ver os filhos.* (F.S.P., 03/01/97, p. 1-6)

No enunciado 55.1. encontra-se o predicador *ver*, que encerra o sentido básico de ‘conhecer ou perceber pela visão’, portanto, de caracterização experimental. A vs do referido predicador requer um Exp (=aqueles que viram) representado por ‘Testemunhas’ e um Obj (=conteúdo da experiência) ‘um casal’ – o objeto visto pelo experienciador. Portanto, Exp, Obj. Mas no contexto 55.2., o predicador metaforiza-se em direção ao campo semântico Comitativo, perspectivizando a noção de companhia, - ficar junto dos filhos -. Dessa forma, ficam suspensos os traços que enunciam experimentação, para subsumir o novo efeito de sentido instanciado na microcena: fica instaurado uma intenção, *ver* significa, nesse contexto, ter os filhos junto de si. A vs do predicador requer um **Agt** em correferência com um **Obj**, representado por ‘Maluf’, apagado na microcena acima, mas expresso na macrocena (veja anexo); e um **Com** – comitativo, manifestado por ‘os filhos’. A grade temática está assim representada:

Agt, Obj, Com/Agt=Obj-apag.; **Exp**→**Com**.

56. VIVER – cf. Cunha, Ferreira, Houaiss e Borba – ‘ter ou estar com vida, existir’.

56.1. *De resto, as pessoas nascem, criam-se, **vivem** e morrem nos município.* (F.S.P., 18/04/97, p. 3-2)

56.2. *Quando nos separamos, eu estava apaixonada por outro homem e passei a **viver** com ele.* (F.S.P., 05/01/97, p. 3-6)

No contexto 56.1., a cena inclui o predicador *viver*, que, em seu sentido básico, emerge em domínio objetivo (Obj), ratificando sua natureza objetiva. A vs do referido predicador requer um Obj (=aquele que tem vida, existência) percebido estaticamente. No contexto 56.1. fica perspectivizada a noção de ‘existência’ representada por ‘as pessoas’, tendo como grade temática: Obj(e). Já no contexto 56.2. podemos observar que o sentido do predicador **viver** mudou de domínio semântico básico para o comitativo, para abrigar o deslocamento

pretendido pelo falante. O novo sentido que lhe é conferido advém do nome ‘com ele’, e é a junção com esse elemento que caracteriza ao verbo/predicador *viver* o sentido figurado de ‘ter a companhia diária de alguém’, portanto comitativo, produzindo a grade temática:

Agt, Obj, Com/Agt=Obj-apag.; **Obj**→**Com**.

57. VOLTAR – cf. Ferreira, Houaiss e Borba – ‘vir ou ir (de um ponto ou local) para (o ponto ou local de onde partira ou no qual antes estivera); regressar, retornar <voltou do colégio cedo>.

57.1. *Eles devem **voltar** a seus países ainda nesta semana, fazendo com o que o único efeito prático da medida seja impedir seu reingresso futuro no país.*

57.2. *Mas, em vez de planejar **voltar** para a companhia dos pais e de 13 irmãos no Ceará, Souza está pensando em ir trabalhar em uma fazenda no Mato Grosso. (F.S.P., 20/11/97, p. 3-16)*

Na microcena 57.1. fica perspectivizada a noção de lugar, alguém que deve regressar, retornar para um lugar, portanto locativo (Loc) representado por ‘a seus países’; assim a *vs* do predicador assinala a presença de um Agt (agente), em correferência com um Obj (objeto), não explícito na estrutura superficial, e um Loc (locativo) aquele que está retornando para o seu lugar de origem, representado por ‘a seus países’, evidenciando o domínio espacial. Nesta microcena temos a seguinte grade temática: Agt, Obj, Loc/Agt=Obj-apag. No contexto 57.2. os traços que se referem à localização (**voltar** em 57.1.) ficam rebaixados (no pano de fundo), em seu lugar, são evidenciados outros, que indicam ‘voltar para a companhia de’ que expressam companhia; esse novo efeito de sentido é viabilizado pelo deslocamento que ocorre do domínio semântico espacial para o domínio comitativo. Na microcena analisada, a *vs* do referido predicador pressupõe um **Agt** e um **Obj**, dois casos para um papel temático (Agt=Obj),

indicado em 'Souza' – implícito na estrutura de superfície – portanto apagado -, aquele que retorna para a companhia dos pais e de 13 irmãos, representado por **Com**, configurando a seguinte grade temática:

Agt, Obj, Com/Agt=Obj-apag.; **Loc→Com.**

A figura 37 mostra os verbos-predicadores emergindo do seu campo semântico de sentido básico em direção ao campo semântico comitativo, através do processo de metaforização, com suas respectivas grades temáticas, em ordem alfabética:

N.	VERBO/- PREDICADOR	METAFO- RIZAÇÃO	GRADE TEMÁTICA SENTIDO BÁSICO	GRADE TEMÁTICA SENTIDO M ETAFORIZADO
1.	ABANDONAR	Loc→Com	Agt,Obj,Loc/Agt=Loc-apag.	Agt,Obj,Com/Agt=Obj
2.	ACHAR	Ben→Com	Agt,Ben,Obj/Agt=Ben-apag.	Agt,Obj,Com/Agt=Obj-apag.
3.	ADOTAR	Exp→Com	Agt,Exp,Obj/Agt=Exp.	Agt,Obj,Com/Agt=Obj
4.	AFASTAR	Loc→Com	Agt,Obj,Loc/Agt=Obj	Agt,Obj,Com/Agt=Obj-apag.
5.	ANDAR	Loc→Com	Agt,Obj,Loc/Agt=Obj-apag.;L- apag.	Agt,Obj,Com/Agt=Obj
6.	APANHAR	Ben→Com	Agt,Ben,Obj/Agt=Ben	Agt,Obj,Com/Agt=Obj
7.	APROXIMAR	Loc→Com	Agt,Obj,Loc/Agt=Obj-apag.	Agt,Obj,Com/Agt=Obj-apag.
8.	ARRASTAR	Loc→Com	Agt,Obj,Loc	Agt,Obj,Com/Agt=Obj
9.	CAMINHAR	Loc→Com	Agt,Obj,Loc/Agt=Obj	Agt,Obj,Com/Agt=Obj
10.	CERCAR	Loc→Com	Agt,Obj,Loc/O-lex.	Agt,Obj,Com/Agt=Obj
11.	CHEGAR	Loc→Com	Agt,Obj,Loc/Agt=Obj-apag.	Agt,Obj,Com/Agt=Obj
12.	CONQUISTAR	Ben→Com	Agt,Ben,Obj/Agt=Ben	Obj,Com/Obj-apag.
13.	CONSEGUIR	Ben→Com	Agt,Ben,Obj/Agt=Ben-apag.	Agt,Obj,Com/Agt=Obj-apag.
14.	CONTINUAR	Obj→Com	Obj	Obj,Com
15.	CRESCER	Obj→Com	Obj	Obj,Com
16.	DAR	Ben→Com	Agt,Ben,Obj;Ben-apag.	Agt,Obj,Com/Com-apag.
17.	DEIXAR	Loc→Com	Agt,Obj,Loc/Agt=Obj	Agt,Obj,Com/Agt=Obj
18.	DESISTIR	Exp→Com	Agt,Exp,Obj/Agt=Exp-apag.	Agt,Obj,Com/Agt=Obj-apag.
19.	DESLIGAR	Obj→Com	Agt,Obj/Agt-apag.	Agt,Obj,Com/Agt-apag.
20.	DESVIAR	Loc→Com	Agt,Obj,Loc/Agt-apag.	Agt,Obj,Com/Agt=Obj-apag.
21.	DEVOLVER	Ben→Com	Agt,Ben,Obj/Agt e Ben-apag.	Agt,Obj,Com/Agt e Com-apag

22.	DIRIGIR	Ben→Com	Ben,Obj/Ben	Agt,Obj,Com/Agt=Obj-apag.
23.	ENCONTRAR	Ben→Com	Ben,Obj	Agt,Obj,Com/Agt=Obj
24.	ENTREGAR	Ben→Com	Agt,Ben,Obj/Ben-apag.	Agt,Obj,Com/Agt-apag.
25.	ESCONDER	Loc→Com	Agt,Obj,Loc/Agt=Obj	Agt,Obj,Com/Agt-apag.
26.	ESPERAR	Exp→Com	Agt,Exp,Obj/Agt=Exp-apag.	Agt,Obj,Com/Agt=Obj;C-apag
27.	ESTAR	Obj→Com	Obj(e)	Obj(e),Com
28.	FICAR	Loc→Com	Agt,Obj,Loc/Agt=Obj-apag.	Agt,Obj,Com/Agt=Obj-apag.
29.	FREQÜENTAR	Loc→Com	Agt,Obj,Loc/Agt=Obj-apag.	Agt,Obj,Com/Agt=Obj
30.	FUGIR	Loc→Com	Agt,Obj,Loc/Agt=Obj	Agt,Obj,Com/Agt=Obj
31.	GANHAR	Ben→Com	Ben,Obj	Obj,Com
32.	IR	Loc→Com	Agt,Obj,Loc/Agt=Obj	Agt,Obj,Com/Agt=Obj
33.	LEVAR	Loc→Com	Agt,Obj,Loc	Agt,Obj,Com/Agt-apag.
34.	MORAR	Loc→Com	Obj(e),Loc	Agt,Obj,Com/Agt=Obj-apag.
35.	OFERECER	Ben→Com	Agt,Ben,Obj/Agt e Bem-apag.	Agt,Obj,Com
36.	PASSAR	Loc→Com	Agt,Obj,Loc/Agt=Obj	Agt,Obj,Tem,Com/Agt=Obj-apag.
37.	PERDER	Ben→Com	Ben,Obj	Agt,Obj,Com/Agt=Obj-apag.
38.	PERMANECER	Obj→Com	Obj	Agt,Obj,Com/Agt=Obj-apag.
39.	PERSEGUIR	Ben→Com	Agt,Ben,Obj/Agt=Ben	Agt,Obj,Com/Agt=Obj
40.	PRECISAR	Ben→Com	Ben,Obj	Obj,Com
41.	PROCURAR	Ben→Com	Agt,Ben,Obj/Agt=Ben-apag.	Agt,Obj,Com/Agt=Obj
42.	RECEBER	Ben→Com	Ben,Obj	Agt,Obj,Com/Agt=Com-apag
43.	RECUPERAR	Ben→Com	Agt,Ben,Obj/Agt=Ben-apag.	Agt,Obj,Com/Agt=Obj-apag.
44.	RETORNAR	Loc→Com	Agt,Obj,Loc/Agt=Obj-apag.	Agt,Obj,Com/Agt=Obj-apag.
45.	REUNIR	Obj→Com	Agt,Obj/Aagt-apag.	Agt,Obj,Com/Agt=Obj
46.	ROMPER	Obj→Com	Obj,Obj/Obj-apag.	Agt,Obj,Com/Agt=Obj
47.	ROUBAR	Ben→Com	Agt,Ben,Obj/Agt e Ben-apag.	Agt,Obj,Com/Agt-apag.
48.	SAIR	Loc→Com	Agt,Obj,Loc/Agt=Obj	Agt,Obj,Com/Agt=Obj e C- apag
49.	SENTAR	Loc→Com	Agt,Obj,Loc/Agt=Obj	Agt,Obj,Com/Agt=Obj
50.	SEPARAR	Obj→Com	Agt,Obj,Obj/Agt;Obj-apag.	Agt,Obj,Com/Agt=Obj-apag.
51.	TER	Ben→Com	Ben,Obj(e)/Ben-apag.	Obj(e),Com/Obj(e)-apag.
52.	TOMAR	Ben→Com	Agt,Ben,Obj/Agt e Ben -apag	Agt,Obj,Com/Com – apag.
53.	TRAZER	Loc→Com	Agt,Obj,Loc	Agt,Obj,Com/Agt e Com-apag
54.	UNIR	Obj →Com	Agt,Obj,Obj	Agt,Obj,Com/Agt=Obj-apag.
55.	VER	Exp→Com	Exp,Obj	Agt,Obj,Com/Agt=Obj-apag.

56.	VIVER	Obj→Com	Obj(e)	Obj,Com/Agt=Obj-apag.
57.	VOLTAR	Loc→Com	Agt,Obj,Loc/Agt=Obj-apag.	Agt,Obj,Com/Agt=Obj-apag.

Figura 37 – VERBOS/PREDICADORES METAFORIZADOS VINDOS DE OUTROS CAMPOS

4.3. APRECIÇÃO DOS RESULTADOS

Através do programa computacional ANALING descrito no capítulo da metodologia executaram-se as rodadas para obtenção dos cálculos percentuais das ocorrências, conforme tabelas e figuras adiante. O programa captou 112.466 cenas. Supunha-se que haveria, no período de tempo considerado (de 01/02/97 a 31/12/97), 300 verbos comitativos que seriam captados pelo programa utilizado. No decorrer da pesquisa, houve necessidade de englobar todos os adjetivos com sentido de companhia num único verbo-predicador. Por exemplo, segundo a lista de verbetes, dos adjetivos somente um foi analisado, devido ao fato de todos estarem coocorrendo com o verbo *estar*; assim, também, com o verbo *ser*, optou-se em analisar somente um. Este procedimento decorre do fato de se selecionar somente verbos para a análise, excluindo os verbos que não tinham o seu sentido primeiro registrado ou não tinham o sentido metaforizado em comitativo. *Abordar, agregar, aglomerar-se, amarrar-se, arranjar, arrancar, assumir, atravessar, atrair, ausentar-se, batalhar, brigar, candidatar-se, caçar, ceder, ciceronear, compartilhar, competir, conceder, concorrer, contrair núpcias, colar, correr, cortejar, criar-se, cruzar, desagregar, desquitar, desencalhar, descasar, descolar, desfazer, desgrudar, desunir, dispensar, disputar, distanciar-se, dividir, doar, emprestar, empurrar, encalhar, enforcar-se, engatinhar, envolver-se, esbarrar, escoltar, fisgar, grudar, juntar-se, largar, livrar-se, lutar, manter-se, meter-se, mudar, noivar, obter, paquerar, pegar, percorrer, pescar, pleitear, prender, reatar, reconquistar, relacionar-se, reconciliar-se, relutar, rodear, trocar, vir.* Assim, foram analisados 69 verbos comitativos inseridos nas microcenas tanto básicas quanto metaforizadas.

Por questões metodológicas optou-se, em primeiro lugar, em agrupar os verbos/predicadores **locativos** que emergem de seu sentido básico em direção aos comitativos: *abandonar, afastar, andar, aproximar, arrastar, caminhar, cercar, chegar, deixar, desviar, esconder, ficar, freqüentar, fugir, ir, levar, morar, passar, retornar, sair, sentar, trazer, voltar*; e em segundo lugar predicadores advindos de outros domínios em direção ao domínio comitativo : **Benefactivo**: *achar, apanhar, conquistar, conseguir, dar, devolver, dirigir, encontrar, entregar, ganhar, oferecer, perder, perseguir, precisar, procurar, receber, recuperar, roubar, ter, tomar*; **Objetivos**: *continuar, crescer, desligar, estar, permanecer, reunir, romper, separar, unir, viver*; **Experimentativos**: *adotar, desistir, esperar, ver*; e por último os predicadores comitativos básicos: *acompanhar, casar, conduzir, congregar, conviver, dispersar, divorciar, isolar, namorar, segregar, segui e visitar*.

Os resultados obtidos pela análise de sessenta e nove (69) enunciados permite visualizar as ocorrências dos predicadores do campo semântico comitativo, tanto em sua acepção básica como nas metaforizações, ou seja, deslocamento do campo semântico comitativo para outros campos: Obj, Loc; assim como dos outros campos semânticos em direção ao campo comitativo: Loc, Ben, Obj, Exp.

TABELA 1 - PREDICADORES COMITATIVOS DE SENTIDO BÁSICO

TOTAL DO UNIVERSO	CAMPO SEMÂNTICO COM	PERCENTUAL
69	12	17,40%
VERBOS/PREDICADORES	VERBOS/PREDICADORES BÁSICOS	

Dos 69 predicadores comitativos, que correspondem a 100% do dados analisados, 12 manifestaram-se em seu sentido básico, o que significa 17,40% do total, como mostra o gráfico da figura 38.

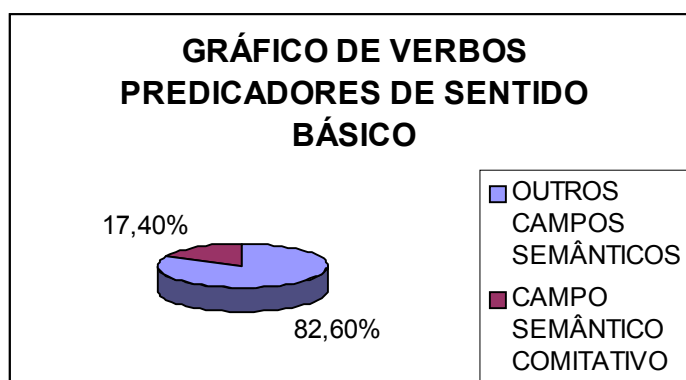


FIGURA 38

TABELA 2- PREDICADORES COMITATIVOS DE SENTIDO METAFORIZADO

TOTAL DO UNIVERSO	CAMPO SEMÂNTICO COM	PERCENTUAL
69 VERBOS/PREDICADORES	57 VERBOS/PREDICADORES METAFORIZADOS	82,60%

Dos 69 predicadores submetidos à análise, que correspondem a 100% do *corpus*, 57 encontram-se em seu sentido metafórico, isto é, predicadores que

emergem de outros campos semânticos em direção ao campo semântico comitativo, o que corresponde a 82,60% do total.

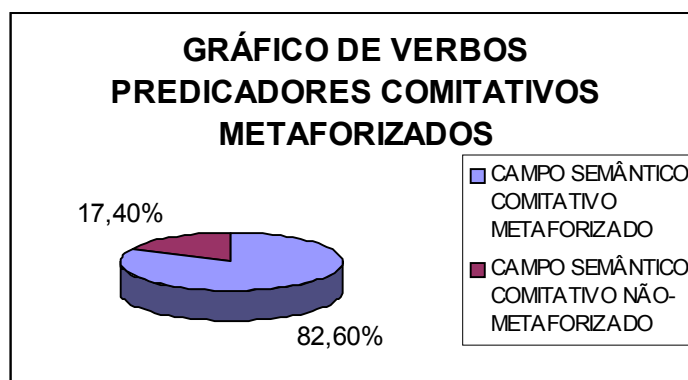


FIGURA 39

Da figura 39, composta dos predicadores advindos dos campos semânticos metaforizados, extrai-se a tabela síntese de predicadores comitativos metaforizados.

TABELA 3- PREDICADORES COMITATIVOS COMO RESULTADO DE METAFORIZAÇÃO

ORIGEM PREDICADORES	METAFORIZADOS EM COM	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	PERCENTUAL
L	C	23	40,35%
B	C	20	35,05%
O	C	10	17,55%
E	C	04	7,05%

Os dados da tabela 3 expressam a metaforização ocorrida para o campo semântico comitativo. Nesse caso, são suspensos traços de sentido de nuances *locativas*, *benefactivas*, *objetivas* e *experimentativas*, para que outros traços passem a ser perspectivizados, gerando novos efeitos de sentido, no campo semântico comitativo. Nessa perspectiva, o deslocamento de sentido privilegia o campo semântico locativo (Loc) e o benefactivo (Ben), pois das 57 metaforizações ocorridas, 23 advém do domínio locativo e 20 do benefactivo.

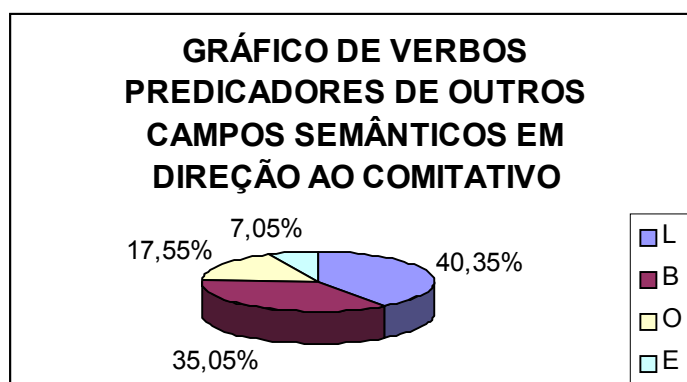


FIGURA 40

O percentual dessas ocorrências justifica-se pela especificidade dos segmentos focalizados, ou seja, os contextos econômico, político e policial como cenário de encontros, resoluções de conflitos sociais, disputa de poder, instanciando noções de lugar e de poder que são inerentes ao campo semântico locativo e ao campo semântico benefactivo. A movimentação é constante, na medida em que eles se encontram, se reúnem, acompanham, recebem, saem, trazem, levam, conquistam, chegam, sentam-se juntos para resolver, tomar decisões, efetuar prisões, entre outros, assinalando uma relação de compatibilidade com as dimensões locativa e benefactiva em direção às nuances de sentido que expressam cenas comitativas. Quanto aos outros dois campos semânticos, Objetivo e Experimentativo, os movimentos detectados indicam as circunstâncias relativas ao contexto em que se inserem os referidos predicadores,

captando a dimensão pragmática e discursiva instanciada nos contextos político, econômico e policial.

Pelo cenário desta análise casual pretendo demonstrar todo o aporte interpretativo que o modelo semântico-pragmático permite: todas as nuances de sentido perspectivizadas no campo semântico comitativo, assim como os casos parcialmente não-manifestos, como apagamento; os casos totalmente não-manifestos, como os correferenciais e lexicalizados; o fenômeno da causativização; e o processo de metaforização, de outros campos semânticos em direção ao campo semântico comitativo.

A tabela 3 e a figura 41 sintetizam a percepção do 'movimento', do 'transporte' (metaphorá), do 'deslocamento' que sofrem os predicadores locativos, benefactivos, básicos e experimentativos para instaurar um 'cenário' (ou seja, conjunto de cenas) *comitativo* na lingua(gem).

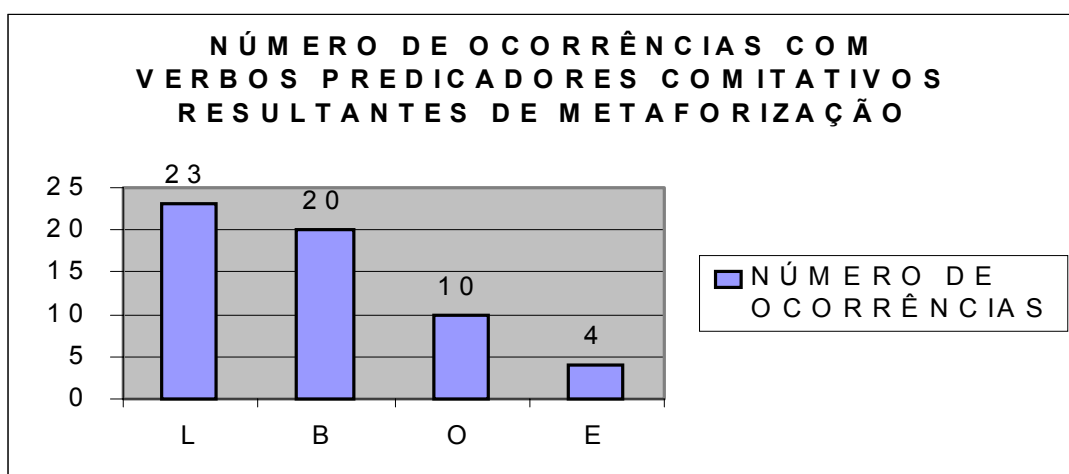


FIGURA 41

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na trajetória que percorri, tive o meu *olhar* sempre voltado para o **campo semântico comitativo** que é o foco central deste trabalho. Dentro desse contexto, a perspectiva foi a de verificar a constituição de enunciados comitativos, a partir dos movimentos semânticos que se enunciam nas cenas jornalísticas, aqui representadas pelos *contextos econômico, político e policial*, em textos coletados através de um programa computacional, no jornal a *Folha de São Paulo*, durante o ano de 1997.

À luz da *Teoria de Casos* foi possível verificar a produtividade e a recorrência do campo semântico comitativo, quer em sua dimensão básica, quer em sua dimensão metafórica, ou seja, dos campos semânticos locativo, benefactivo, experimentativo e básico cujos predicadores emergiram de seus sentidos básicos em direção ao campo semântico comitativo. Dessa forma, o **primeiro capítulo** foi constituído a fim de explicitar, no âmbito da Semântica Relacional, a *Teoria de Casos* e seus precursores, tanto os modelos localistas quanto os modelos não-localistas. Foi respeitada a ordem cronológica para a apresentação da teoria de casos. Assim, iniciei o percurso teórico da Gramática de Casos com os modelos propostos por Charles Fillmore (1968, 1971), seguido de Wallace Chafe (1970), John Anderson (1971) e Walter Cook (1979, 1989), que se baseia nos modelos precedentes, a fim de viabilizar um novo empreendimento que contribuiu para o enriquecimento da teoria de casos. E, por último, o modelo *semântico-pragmático* adotado nesta pesquisa e que deu sustentação ao trabalho.

Este modelo *semântico-pragmático utilizado* foi proposto por Nicolacópulos em 1992, e reformulado por Nicolacópulos et alii (1995), com base nos modelos

citados. Sua grande contribuição está na aplicação a exemplares da língua em uso. É um modelo não-localista, que detém os casos

***Agente, Objeto, Experienciador, Benefactivo,
Locativo, Comitativo, Temporal e Holístico.***

O refinamento do modelo deve-se, sobretudo, à consideração de elementos pragmáticos e discursivos na interpretação de enunciados/proposições, bem como à captação das diferentes nuances de sentido, incluindo a metaforização, promovidos em diferentes contextos de uso.

Ainda no primeiro capítulo, destaco a teoria dos casos não-manifestos, introduzida por Charles Fillmore (1971); seguida da teoria de causativização, estudada por D. A. Crüse (1973); trato da acepção de cenas, proposta por Charles Fillmore (1977), que postula que o sujeito/enunciador, de acordo com a situação/evento que enuncia, coloca em perspectiva determinados elementos na proposição, os quais permanecem no *foreground* da cena, enquanto que os demais elementos atuam como coadjuvantes na cena, atuando como *pano de fundo*, permanecendo no *background*; explicitada por Charles Fillmore por um modelo de cenas no *evento comercial* que vem descrito no capítulo. Foi dado um tratamento especial ao caso comitativo, por ser o elemento fundamental da investigação, em seguida ao processo de metaforização e ao texto jornalístico por serem aspectos relevantes no contexto.

O **segundo capítulo** trata das *teorias complementares*, que considerei fundamentais para a sustentação do trabalho: *teoria da análise do discurso e pragmática*. Essas teorias atuaram como subsidiárias ao aporte teórico adotado, favorecendo o processo de análise que implementei. É um capítulo que julguei

pertinente e necessário, já que o modelo semântico-pragmático utilizado abarca a dimensão pragmático-discursiva, bem como privilegia o processo de metaforização.

A articulação teórico-metodológica foi descrita no **terceiro capítulo** e evidenciou o modelo que utilizei como referência no processo de análise; explicitarei na articulação teórico-metodológica implementada a caracterização do corpus, a etapa piloto e a coleta dos dados; o detalhamento do programa computacional; trata de operacionalizar os termos envolvidos na análise que me permitiu vislumbrar melhor o processamento da análise realizada, tendo em vista que ele mesmo inclui, além da teoria referencial básica, suporte significativo de teorias subsidiárias. Procurei definir os passos estabelecidos, considerando a hipótese de trabalho formulada, os objetivos que foram enunciados e a forma como seria feito o acompanhamento, a fim de assegurar a seqüencialidade e a clareza no tratamento dos dados.

No **quarto capítulo** apresento o procedimento de análise adotado, onde aparecem referenciados todos os critérios de análise do modelo semântico-pragmático, utilizado na descrição das cenas dos textos jornalísticos. Realizei a análise quantitativa, que revelou dados estatísticos acerca dos efeitos de sentidos perspectivizados nos predicadores analisados, que permitiram dividi-los em predicadores básicos e metaforizados. A seguir, apresentei a análise qualitativa que, através do processo de interpretação, confirmou a divisão dos verbos pelo efeito de sentido e seus casos, as nuances de sentido envolvidas em consonância com as noções imbricadas nos contextos de ocorrência, representadas nas grades temáticas.

Nesse capítulo apresentei, através das tabelas, o percentual encontrado, num universo de 69 verbos/predicadores comitativos: 17,40% de verbos/predicadores que emergiram do seu campo semântico básico comitativo; e 82,60% de verbos/predicadores que provieram de outros campos semânticos –

Locativo, Benefactivo, Experimentativo e Básico¹⁹ – para o campo semântico comitativo, mostrando a incidência de metáforas nos textos jornalísticos, pois o número de predicadores que se metaforizaram foi expressivo, apenas a minoria deles, mantendo-se em seu campo semântico de origem.

Com relação à incidência dos casos, minha hipótese de que o caso *locativo* seria o mais recorrente confirmou-se. Num universo de 57 metaforizações, 23 se efetivaram a partir do campo semântico locativo, isto é, dos 82,60%, o percentual de 40,35%, o que evidenciou o trânsito do significado do *campo semântico (Loc) locativo*. Essa ênfase pode ser justificada em vista da noção de espacialidade e dinamismo inerente ao campo locativo. Foi constatado, também, um percentual significativo de metaforizações que se efetivaram a partir do campo semântico *benefactivo*, isto é, dos 82,60%, o percentual de 35,05%. Esses índices apontam para uma reflexão acerca da compatibilidade entre os contextos das editorias que analisei e a caracterização semântico-pragmática e discursiva dos verbos/predicadores que se inscreveram como comitativos no texto jornalístico, enquanto espaço de manifestação de vários dizeres que co-ocorrem na mídia impressa.

Sinto-me realizada por encerrar um projeto relevante de minha vida acadêmica. Durante este percurso foram de grande valia as leituras complementares, o crescimento intelectual, e o aprendizado que tive com grandes mestres que ali se encontravam. A teoria de casos é um aporte teórico fascinante que direciona as suas análises para a interpretação semântico-pragmático-discursiva, delineando uma disciplina interdisciplinar, enriquecendo seu campo de estudo; e o corpus que escolhi – o texto jornalístico – além de ser efêmero é inovador e é isso que enriquece a linguagem.

A pesquisa sugere continuidade, para aqueles apaixonados pela metáfora/polissemia imbricados de significações que se escondem nos interditos das cenas. Diante dos resultados verifiquei a grande recorrência de predicadores *locativos*, que ratificam o dinamismo da linguagem.

¹⁹ Aqui Básico é sinônimo de Caso Objetivo/Objeto.

Estudos como *A Emergência de Enunciados Temporais em Textos Jornalísticos* (Rocha, 1998) e *Cenas Benefactivas e Movimentos Semânticos no Contexto da Linguagem Jornalística* (Oliveira, 1999) mostraram que a língua portuguesa tem uma grande tendência em metaforizar-se via *predicadores locativos*. Essa pode ser uma alternativa para novas investigações. Os movimentos semânticos continuarão e, por isso, serão manifestados através da práxis social que materializa dinamicamente a língua(gem) e os efeitos de sentido que os homens utilizam para instanciar os seus dizeres e também para contribuir com a construção da cultura e da história de que participam.

BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, John M. *The grammar of case: towards a localistic theory*. Cambridge. Cambridge Studies in Linguistics, n. 4. At the University Press, 1971.

AUSTIN, J. L. *Quando o dizer é fazer: palavras em ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BATHKE, E.S. *Transitividade e significado oracional: contribuição ao estudo da sinonímia*. Dissertação de Mestrado, Florianópolis, UFSC, 1989.

BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral*. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1976.

BIDERMAN, M.T.C. *Teoria lingüística*. (lingüística quantitativa e computacional). Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos Editora S.A, 1978.

BLACK, M. *Models and metaphors: studies in language and philosophy*. Cornell University Press. Ithaca, N.Y., 1962.

BORBA, F. *Dicionário gramatical de verbos*. São Paulo: UNESP, 1990.

_____. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.

BONUMÁ, A. S. *Perspectivização de enunciados cibernéticos pela gramática de casos*. Diisertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

BRANDÃO, H. N. *Introdução à análise do discurso*. 3.ed. Campinas: UNICAMP, 1994.

BRÉAL, M. *Ensaio de semântica*. São Paulo: EDUC, Pontes, 1992.

BUSSE, W. e VILELA, M. *Gramática de Valências*. Coimbra: Almedina, 1986.

CARVALHO, M. B. *As gramáticas de casos - uma visão global*. Viçosa. MG: Imprensa da Universidade Federal de Viçosa, 1983.

_____. *Uma introdução à Gramática de Casos*. Minas Gerais: Universidade Federal de Viçosa, 1986.

_____. Considerações sobre a diversidade de propostas das gramáticas de casos. In: *Gramática de casos – Seriencontros*. Araraquara: UNESP, publicação do Curso de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa - Ano II, n.1 -, 1987.

CHAFE, W.L. *Meaning and the structure of language*. Chicago: University of Chicago Press. (Trad. Bras. Significado e estrutura lingüística (1979). Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos), 1970.

CHAFE, W.L. *Significado e estrutura lingüística*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1979. (Trad. de "Meaning and the structure of language". University of Chicago Press, 1970.)

CHAOUI, C. *Teorias contemporâneas de metáfora: convergências em diferenças*. Dissertação de mestrado. Florianópolis: UFSC, 2001.

CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of syntax*. The MIT Press, Cambridge, Massachusetts, 1965.

_____. *Estruturas sintáticas*. São Paulo: Livraria Martins Fontes. (1980) Trad. De Syntatic Structures. Mouton Publishers. The Hague, 1970.

COOK, Walter A, S.J. Verb classification in case grammar. University of Michigan Papers in Linguistics (UMPIL), Vol. 1, 1973.

_____. A case grammar matrix model. In: *Valence , semantic case and relation grammar*. Edited by Werner Abraham. Companion Series to Studies in Language, vol. 1. John Benjamin, Amsterdam, 1978.

_____. *Case grammar: development of the matrix model*. (1970-1978). Washington, D.C.: Georgetown University, 1979.

_____. *Case grammar theory*. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 1989.

CRATO, Nuno. *A imprensa*. Lisboa: Editorial Presença Ltda., 1982.

CRUSE, D.A . Some thoughts on agentivity. In: *Journal of Linguistics*, v. 9, 1973, p. 1-23.

CUNHA, G.C. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

DALL' AGLIO, M.M. The case for case (C. Fillmore, 1968). In: Gramática de casos. Seriencontros. Araraquara: UNESP, Publicação do Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa, Ano II, n.1, 1987.

DAVIDSON, D. What methaphors mean. In: DAVIDSON, D. *Inquiries into truth and Interpretation*. Oxford: Clarendon Press, 1992.

DUBOIS, J. et alii. (1978). *Dicionário de lingüística*. Cultrix, São Paulo. Trad. De "Dictionnaire de Linguistique". Libraurie Larousse, Paris, 1973.

DUCROT, O . *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1972.

ECO, U. *As formas do conteúdo*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. *Semiótica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Ática, 1991.

FÁVERO, L. Lopes & KOCH, Ingedore G.V. *Lingüística textual: introdução*. São Paulo: Cortez, 1988.

FERREIRA, A B de H. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FILIPAK, F. *Teoria da metáfora*. Curitiba: HDV, 1984.

FILLMORE, Charles J. The case for case. In: *Universals in linguistic theory*. Edited by Emmon Bach and Robert T. Harms. New York, Holt Rinehart and Winston, 1968, p. 1-88.

_____. *Some problems for case grammar*. In: Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics. Edited by Richard J. O'Brien, S.J. Washington, D.C.:Georgetown University Press, 1971.

_____. *Principles of case grammar: the structure of language and meaning*. Tokyo, Sanseido Publishing Company, 1975.

_____. *Em favor do caso*. In: Lobato, Lúcia M.A. *A semântica na lingüística moderna: o léxico*. Editora Francisco Alves, 1977, p. 275-359.

_____. The case for case reopened. In: *Syntax and semantics*, vol. 8, Grammatical Relations. Edited by Peter Cole and Jerrold M. Sadok. New York, Academic Press, 1977, p. 59-81.

FILLMORE, C J & ATKINS, B T S. Describing polysemy: the case of 'crawl', In: Ravin Y; Leacock, C: *Polysemy*. Oxford University Press, 2000.

FIORIN, José L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.

GIVÓN, T. *Syntax – a functional-typological introduction*. Philadelphia: J.Benjamins, 1990.

_____. *English grammar: a functional-based introduction*. vo.II. Philadelphia: J.Benjamins, 1993.

GLADIS, K. R. *Polissemia e campo semântico: estudo aplicado aos verbos de movimento*. Porto Alegre: EDURGS/FAPA/FAPCCA, 1980.

GRICE, P. Logic in conversation. In: _____. *Studies in the way of words*. Cambridge: M. A: Harvard University Press, 1975.

GUIMARÃES, Eduardo. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. Campinas: Pontes, 1995.

HALLIDAY, M. A . K. Estrutura e Função da Linguagem. In: LYONS, J. (org.) *Novos horizontes em lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1976.

_____. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnol, 1985.

HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, Série Estudos, 1975.

HOUAISS, A & VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ILARI, R. e GERALDI, J.W. *Semântica*. 4.ed. São Paulo: Ática, 1990.

JACOBSON, R. *Lingüística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1977.

KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1996.

LAGE, Nilson L. *Linguagem jornalística*. 3.ed. Série Princípios, São Paulo: Ática, 1990.

_____. *Gramática do texto jornalístico*. Ensaios. Florianópolis, UFSC, mimeo, 1999.

LAKOFF, G & JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University Express, 1980.

_____ *Metáforas da vida cotidiana*. (Coord. da tradução Mara Sophia Zanotto) – Campinas, São Paulo: Mercado de Letras; São Paulo: Educ., 2002.

_____ *Philosophy in the flesh*. [s.l.], mimeo, 1997.

LEECH, G. *Semantics – The study of meaning*. Great Britain, Richard Clay (The Chancer Press), 1981.

LIMA, L.C.L. *Desejar é ter fome: novas idéias sobre antigas metáforas conceituais*. Tese de doutorado. São Paulo: UNICAMP, 1999.

LOBATO, L. M. P. *A semântica na lingüística moderna: o léxico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

LONGO, B.N. de O . The case for case reopened: a revisão do modelo de 68. In: *Gramática de casos*. Araraquara: UNESP. Seriencontros, Publicação do Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa. Ano II, n.1, 1987.

LOPES, E. *Discurso, texto e significação*. São Paulo: Cultrix, 1978.

LYONS, J. *Linguagem e lingüística*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MANGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

_____. *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Fontes, 1996.

_____. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001. (Trad.:Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha).

MARQUES, M.H.D. *Iniciação à semântica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

MESQUITA, R. M. *Gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1996.

MILLER, G. A .& LEACOCK, C. *Polysemy*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

MORRIS, C.W. *Fundamentos da teoria dos signos*. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca/São Paulo: Editora da USP, 1976.

MOURA, H. M. M. *Significação e contexto: uma introdução a questões de semântica e pragmática*. Florianópolis: Insular, 1999.

NEVES, M. H. M. (org.) *Gramática de casos*. Seriencontros. Araraquara: UNESP, Publicação do Curso de pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa. Ano II, n.1, 1987.

NICOLACÓPULOS, A.T. *A semantic analysis of portuguese predications - na introduction to case grammar*. Tese de Doutorado: Universidade de Georgetown, 1981.

_____. *The holistic case – an introduction to case grammar*. Florianópolis: UFSC, mimeo, 1992.

_____. *O modelo casual da UFSC*. Anais do 1º Encontro do CelSul Florianópolis: UFSC, (1):203-24, nov., 1995.

NICOLACÓPULOS, A.T. & CONCEIÇÃO, S. *Causativização de predicadores estáticos e processuais no português brasileiro*. Florianópolis: UFSC, mimeo, 2002.

OLIVEIRA, M. G. A . *DAR - O verbo mais polissêmico da língua portuguesa*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 1989.

_____. *Predicações polissêmicas e metafóricas - uma abordagem semântico-pragmática*. Tese de Doutorado. Florianópolis:UFSC, 1995.

OLIVEIRA, A T. *Cenas benefactivas e movimentos semânticos no contexto da linguagem jornalística*. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC, 1999.

_____. *Polissemia e campos semânticos*. Anais – Suplemento. II Congresso Nacional da ABRALIN. Florianópolis: UFSC, 2000, p.82-91.

_____. *As dimensões pragmático-discursivas no texto jornalístico*. Florianópolis: UFSC/CCE-CPGL, Working papers em Lingüística. n.2, 1998, p.45-60.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento*. 4.ed, Campinas: Pontes, 1996.

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. O lugar das sistematicidades lingüísticas na análise do discurso. *Revista Delta*, v.10.n.2,ago, 1994, p.295-307.

_____. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez. Campinas: UEC. Col. Passando a Limpo, 1996.

PARRET, Herman. *A estética da comunicação: além da pragmática*. Campinas: UNICAMP, 1997. (trad.: Roberta Pires de Oliveira)

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*. Campinas: UNICAMP, 1988.

PIRES DE OLIVEIRA, R. 'A manhã é uma esponja': um estudo sobre a engenhosidade semântica. D.E.L.T.A, vol. 13, n.12, 1997, p.247-273.

_____. *Os caminhos do 'onde': uma contribuição da semântica ao ensino de língua materna*. In: *Lingüística e Ensino: reflexões para a prática pedagógica da língua materna*. Florianópolis: Insular, 1998, p.147-164.

_____. *Metáfora e cognição no século XXI*. Anais – Suplemento. II Congresso Nacional da ABRALIN. Florianópolis: UFSC, 2000, p.103.

PONTES, E. (Org.) *A metáfora*. Campinas: UNICAMP, 1990.

_____. *Espaço e tempo na língua portuguesa*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1992.

POSSENTI, S. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

REHFELDT, G. K. *Polissemia e campo semântico: estudo aplicado aos verbos de movimento*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1980.

ROCHA, S. *A emergência de enunciados temporais em textos jornalísticos*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, UFSC, 1998.

_____. *A emergência de cenas temporais em enunciados da linguagem jornalística*. Anais – Suplemento. II Congresso Nacional da ABRALIN. Florianópolis: UFSC, 2000, p. 117-127.

_____. *A noção de companhia como metáfora de espaço*. Florianópolis: UFSC, mimeo, 2003.

_____. *O funcionamento do caso associativo na linguagem jornalística*. Florianópolis: UFSC, mimeo, 2003.

ROCHA, S. et alii. *A construção dos sentidos metafóricos e neológicos – uma abordagem casual*. Working papers em Lingüística. n.2. Florianópolis: UFSC/CCE-CPGL, 1998, p.76-97.

SACKS, S. (org.) *Da metáfora*. São Paulo: EDUC, Pontes, 1992.

SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. 5.ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

SEARLE, J. R. *Le acts de langage*. (Tradução de “Speech Acts”, Cambridge, 1969.) 1979.

SILVA, A. S. da. *Predicadores quase-benefactivos: uma abordagem semântico-pragmática*. Dissertação de mestrado. Florianópolis: UFSC, 2002.

SOUZA, L. C. & NICOLACÓPULOS, A T. *Um estudo do sub-campo semântico ‘quase-benefactivo’ em italiano*. . 5º Encontro do CelSul. Curitiba/PR., mimeo, 2002.

TEIXEIRA, R.F.A *Fillmore: a realização dos casos em cenas*. In: gramática de casos. Série encontros, Araraquara: CPG-LLP/UNESP, (1):II, 1987.

TOLENTINO, Magda V. F. de. Muito além das metáforas. In: PONTES, E. (Org.). *A metáfora*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990, p. 77-89.

ULLMANN, S. *Semântica*. Lisboa: Fundação Calauste Gulbekian, 1977.

VILELA, M. *Gramática de valências*. Coimbra: Almedina, 1992.

VAN DIJK, T. A. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 1989a. (org. e apresentação Ingedore V. Koch).

_____. *La ciencia del texto: un enfoque interdisciplinario*. Buenos Aires: Paidós, 1989b.

VIVIANI, Z. A. . *A polissemia do verbo ficar - introdução à gramática de casos*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 1987.

VOGT, C. Pragmática: o rosto e a máscara da linguagem. *Sobre pragmática*. São Paulo: CHLFIU. Série Estudos, n.9, 1983.

ZILL, R. No titubear da metáfora: a nova escritura da realidade na filosofia. Tradução de Ina Emmel. *Working papers em Lingüística*. n.2. Florianópolis: UFSC/CCE-CPGL, 1998.